

Ângelo Montonati

FOGO NA CIDADE

Santo Antonio Maria Zaccaria (1502-1539)

Prefácio

Joseph, cardeal RATZINGER

Ângelo Montonati, nascido em Varese, em 1931, é jornalista profissional desde 1958. Começou no jornal local *A Prealpina*, em seguida, mudou-se para *A Notícia* na Rádio Vaticano e, depois, de 1969 a 1980, na *Família Cristã* como “vaticanista” e mais tarde como editor-chefe do mensal *Jesus*.

Como um especialista em informação religiosa estava particularmente interessado nas histórias dos santos, especialmente nos fundadores e fundadoras, aos quais, dedicou várias biografias.

Buscando os mais famosos temas: *As mãos que curaram a cidade* (Santa Francisca Romana), *O Segredo da Irmã Nada* (Beata Nisch Ulrica), *Um aperto de mão* (Beata Maria Teresa Scherer), *Elizabeth e o imprevisto* (Beata Elisabetta Renzi), *Egidio de todos* (Sant’Egidio de Taranto), *Dr. Caridade* (São Ricardo Pampuri), *O testamento do Capitão* (Giuseppe Lazzati), *Apenas sacerdote* (Bem-aventurado Domingos Lentini de Lauria). Além disso, existem livros de entrevista: *Duas vidas para a vida* (com o casal australiano John Billings e Lyn), *Entre o Céu e a Terra: Rádio Maria* (com o P. Livio Fanzaga), *O sabor da utopia* (com a Comunidade de Sant’Egidio).

Tradução:

Francisco Aparecido da Silva, CRSP.

Correção:

Pe. Victor Baderacchi, CRSP.

O autor faz um agradecimento especial ao barnabita padre Antonio Gentili pela preciosa colaboração dada na revisão dos textos.

“Os homens modernos parecem fazer de propósito para afastar o homem de Deus.”

(Santo Antonio Maria Zaccaria).

Prefácio

Li com interesse e prazer que, por ocasião do 500.º aniversário do nascimento de Santo Antônio Maria Zaccaria (1502-1539), fundador dos Padres Barnabitas, Irmãs Angélicas e Leigos de São Paulo, a Santa Sé proclamou 2002 como “ano Jubilar” para todos aqueles que honrarão a sua memória.

Devo dizer também que a figura deste santo é cara para mim porque é uma das grandes personalidades da Reforma Católica do século XVI, empenhado na renovação da vida cristã em uma época de profunda crise no campo da fé e dos costumes.

Sua vida coincide com um período turbulento em que Lutero tentou reformar a Igreja a seu modo, tentativa que, como sabemos, acabou em tragédia, pois dividiu o Cristianismo.

Lutero havia descoberto, nos problemas de seu tempo e de sua vida pessoal, a figura de São Paulo e com a intenção de seguir a mensagem do apóstolo começou seu caminho. Infelizmente, contrapôs o apóstolo Paulo e a Igreja hierárquica, a lei contra o Evangelho e assim, embora o redescobriu, o separou do contexto da vida da Igreja e da mensagem da Sagrada Escritura.

Também Antonio Maria descobriu o apóstolo Paulo, quis seguir seu dinamismo evangélico, vendo-o na totalidade da mensagem divina e na comunidade da Santa Igreja. Penso que Santo Antonio Maria Zaccaria é um homem e um santo de grande atualidade, uma figura que se revelou ecumênica e missionária, convidando-nos a anunciar e a viver a mensagem paulina na Igreja. Manifesta a nossos irmãos separados que São Paulo tem o seu próprio e verdadeiro espaço na Igreja Católica, não sendo necessário opor sua mensagem com a Igreja hierárquica. Pois, na Igreja Católica há espaço para a liberdade evangélica, para o dinamismo missionário e para a alegria do Evangelho.

A Igreja Católica não é só a Igreja da lei, mas também deve

mostrar-se concretamente como Igreja do Evangelho e de sua alegria em abrir os caminhos da unidade.

Santo Antônio Maria Zaccaria, que nasceu exatamente há cinco séculos, merece ser redescoberto em sua grandeza moral, por seu apelo aos valores fundamentais do cristianismo e por sua lição perene de radicalismo evangélico. Sua curta, mas intensa vida, primeiro como jovem leigo, médico e catequista, depois como sacerdote e religioso, está impregnada do que a liturgia do dia 5 de julho chama de “sublime conhecimento de Cristo”, animada pela “loucura da Cruz”, apreendida na escuta do apóstolo Paulo, seu mestre e modelo.

Brilha com esta luz sua extraordinária devoção aos dois mistérios fundamentais de nossa fé, o Crucificado e a Eucaristia, chamada por ele, com genial intuição de “o Crucificado vivo”.

Não é fácil abordar a figura e a vida de um santo: só Deus possui as chaves para entrar no segredo de uma alma dedicada a Ele. É mais difícil ainda, quando ele viveu em uma época distante, entre as mais complexas e atormentadas da história da Igreja. O autor Ângelo Montonati conseguiu fazer uma síntese rigorosa e brilhante da vida e dos ensinamentos ascético-místicos deste autêntico homem de Deus e da Igreja, de zelo ardente, exigente formador de consciências, verdadeiro líder capaz de converter e de arrastar para o bem.

O autor descreve com eficácia sua ação, de *bonus miles Christi* (bom soldado de Cristo), também em meio a perseguições que não o impediram de preceder os tempos e preparar o grande evento do Concílio de Trento. Nestas páginas se vê Antonio Maria em contínua luta contra o vício da “tibieza” espiritual e da mediocridade, que tanto “reinavam” entre os seus contemporâneos. Em suas *Cartas* e *Sermões*, como nas *Constituições*, vibra um chamado incessante à santidade. Graças a esta nova biografia, sentimos Santo Antonio Maria Zaccaria mais perto e mais familiar.

Roma, 11 de outubro de 2001.

Joseph, cardeal Ratzinger

Introdução

Nestas páginas se fala de um homem que, sob a ação da graça, está decidido a combater aquilo que considera o pior inimigo da prática cristã: a tibieza, a falta de decisão. E ele faz isso levando a todo lugar um fogo que conquista e se propaga rapidamente, “incendiando” literalmente as cidades onde trabalha, transformando-as em centros que irradiam santidade.

Antonio Maria Zaccaria e com ele outras grandes almas, como o dominicano Frei Batista Carioni, a condessa Ludovica Torelli e a angélica Paula Antonia Negri, representam, por certas características peculiares, um fenômeno inédito na história da Igreja, cuja importância profética não foi nunca suficientemente reconhecida (talvez nem hoje o seja plenamente). No entanto, sua história nos parece atualíssima. Depois do Concílio Vaticano II, a comunidade cristã encontra nela mais que um estímulo e um programa de autêntica conversão.

É preciso voltar até Catarina de Sena e Teresa de Ávila para encontrar algo semelhante; mas aqui o projeto que se leva a cabo, sob a ação do Espírito, envolve todo o povo de Deus sem distinção hierárquica. Os Três Colégios nascidos pelo esforço de seus animadores (Clérigos Regulares, ou seja, religiosos-sacerdotes; Freiras dedicadas ao apostolado e Leigos colaborando com os primeiros institutos: Barnabitas, Angélicas e “Leigos de Paulo Santo”), representam um *todo* único, concebidos como membros de um só organismo que caminha para a mesma meta: a perfeição da vida cristã, a santidade. Não foi entendida a originalidade desta fórmula; pelo contrário, foi dificultada e, por fim, proibida como algo herético. Somente hoje voltamos a descobrir sua força “incendiária”.

A história de nosso protagonista é o paradigma de uma missão providencial em uma época de grande confusão social com reflexos negativos na própria Igreja, cuja missão evangelizadora havia perdido força. Muitas situações de então se reencontram na sociedade de hoje, quando,

por outro lado, faltam líderes capazes, como Antonio Maria Zaccaria, para voltar a acender o fogo da fé e da caridade. Por isso, a história deste santo que viveu há cinco séculos, é, não só de grande interesse cultural, mas também de forte estímulo para os cristãos de nossos dias.

Devo confessar que a minha surpresa, ao encontrar-me com um personagem tão extraordinário, em parte se deve, ao pouco conhecimento que tinha dele. Mas eu me pergunto se os Barnabitas e as Angélicas têm feito todo o possível para difundir a sua memória. Dizia São Francisco de Sales que o Evangelho é como o conjunto das notas musicais; utilizando-o, cada santo compõe a sua música, distinta de outras. Mas a de Antonio Maria Zaccaria, apesar de sua original partitura não é, infelizmente, das mais conhecidas. Precisamente isto me estimulou a investigar a fundo o personagem e, como cronista, apresentá-lo aos leitores.

Eu digo que estamos diante de uma figura de rica atualidade, pelas muitas semelhanças que a sua vida apresenta com a situação de hoje. Antonio Maria, por exemplo, pertence a uma categoria de profissionais – os médicos – normalmente céticos em matéria de fé; de fato, mais de um afirma com ironia que operando com um bisturi nunca conseguiu encontrar a alma; e quando estão diante de curas consideradas milagrosas ou ao menos cientificamente inexplicáveis, se esforçam em buscar uma explicação natural, julgando *a priori* impossível uma intervenção divina. Apesar disso, quando surge a questão de como viver como autêntico cristão, doutor Zaccaria não tem dúvidas, renuncia às perspectivas brilhantes de uma profissão, que lhe garantiria prestígio e riqueza, para seguir a Cristo. O mesmo vale para os seus seguidores e colaboradores.

Fiquei impressionado entre as expressões coloridas de sua linguagem com a expressão “correr como loucos para Deus e para o próximo” que demonstra toda a radicalidade de sua decisão. Pouco depois o seguiriam outros personagens da nobreza e da burguesia, que confirmam como sua revolução nasce em um restrito grupo da elite para contagiar depois o povo. Os primeiros são alguns membros da classe alta. E ainda me pergunto: nossa alta sociedade está preparada para fazer surgir novas personalidades deste calibre?

A história do santo parece ainda mais atual, se compararmos o clima em que ele amadureceu com o de hoje.

A “tibiaza”, considerada por ele como o principal inimigo a combater, é de fato, a mesma indiferença que existe hoje em tantos batizados, simples cristãos de estatística, sem mais laços vitais com a Igreja: tíbios, ou seja, indiferentes, que buscam a Deus só no momento da morte (e não todos) ou em ocasião de ritos tradicionais como o batismo (porque dizem que traz sorte), a confirmação, o matrimônio e os funerais (muitas vezes sem crer realmente). Sente-se mais do que nunca a necessidade de alguém que leve “fogo” às consciências, que obrigue a ver de novo a própria vida de maneira decidida, radical.

Muitas vezes passamos diante das igrejas encontrando-as desertas, porém a lâmpada que arde junto ao altar nos recorda que Ele está realmente presente. Alguém que espera. O mesmo sucedia nos tempos de Antonio Maria. Então ele descobre e promove as *Quarenta Horas* públicas e coloca a Eucaristia no lugar que lhe é devido, tornando-a o coração da piedade cristã, junto ao Crucificado. Ao contemplá-lo encontra a resposta aos dramas e angústias da humanidade. Dedicada especial atenção à Palavra de Deus, de modo particular às Cartas de São Paulo, o que nos faz ver o seu ardente zelo apostólico.

Para terminar, é preciso também enfatizar sua ação corajosa e profética, destacando o papel da mulher na Igreja e também o carisma laical e conjugal. Infelizmente não foi compreendida e logo reformada por uma mentalidade clerical, que ainda não desapareceu, apesar das muitas bonitas declarações de princípios. Penso que na onda do *Grande Jubileu 2000* seria desejável uma revalorização de figuras como a da condessa Ludovica Torelli e Paula Antonia Negri. Sem a sua contribuição, a extraordinária experiência dos três Colégios provavelmente não se teria realizado.

Espero ter conseguido com estas páginas familiarizar os leitores com um santo que, sendo “de ontem”, é certamente um santo “para hoje” e continua, por meio de seus filhos espirituais – os Barnabitas, as Angélicas e os Grupos de Leigos -, levando fogo às consciências, “chocando”, como ele sabia fazer, o homem para estar mais próximo de Deus.

Nota: De Santo Antonio Maria Zaccaria se conservam onze *Cartas* (de 1530 a 1539); um caderno de *Sermões* (cinco sobre os primeiros mandamentos do Decálogo e um sobre as causas da tibiaza), também um discurso feito a seus seguidores, no dia 4 de outubro de 1534, transmitido pelos historiadores, e o texto das *Constituições*.

Nestas páginas, a referência aos *Escritos* (Roma 1975) está acompanhada de uma sequência de números separados por pontos. O primeiro dígito faz referência ou às *Cartas* (indicadas com o número 1); ou os *Sermões* (com o número 2) ou às *Constituições* (com o número 3). O segundo grupo de dois números se refere às onze *Cartas* (de 01 a 11), aos sete *Sermões* (01-07) e aos dezenove capítulos das *Constituições* (01-19). O terceiro grupo de dois números indica a sucessão interna dos parágrafos. Esta numeração permitirá ao leitor a imediata identificação da citação.

Capítulo I

O contexto histórico

Todo santo é filho de seu tempo, mas com uma diferença fundamental sobre as pessoas comuns; com seu testemunho e a riqueza de seu carisma consegue influenciar o curso da história, modificando tendências, despertando as energias latentes, deixando atrás de si uma pegada duradoura. Antonio Maria é um deles; leva à cristandade de seu tempo uma rajada de ar novo e uma série de intuições proféticas que, mesmo pouco aceitas naquela época, serão fermento para os séculos vindouros.

Para compreender em profundidade sua vida e a missão que o Senhor da história lhe confiou, é necessário observar o dramático contexto daquela época.

A Igreja na primeira metade do século XVI sofria uma grave crise que envolvia toda a cristandade, ou seja, as instituições, a vida religiosa e a própria teologia. Felizmente, as crises são como as enfermidades: num corpo saudável produzem eficazes anticorpos.

Por um lado, os mais altos responsáveis pela Igreja estavam em forte decadência. Os teólogos haviam interrompido o contato vital com as fontes (a Bíblia e os Santos Padres). Perdiam-se em acaloradas discussões, nas quais as congregações religiosas se enfrentavam, ficando uma contra a outra. O monge agostiniano Martinho Lutero afirmava, infelizmente com razão, que aquela teologia havia traído a Igreja, ocultando Cristo. Suas reflexões o levariam do protesto à heresia e ao cisma.

O papado, por sua vez, estava cada vez mais metido no jogo político, fazendo prevalecer os interesses mundanos sobre os religiosos. Alguns pontífices, (em particular Alexandre VI, Julio II, Leão X e Clemente VII), para reforçar sua autoridade, buscaram e encontraram ajuda nos reis, os quais pediam em troca alguns privilégios relacionados

com as nomeações episcopais e benefícios econômicos. Surge assim a emblemática figura dos bispos-príncipes, que em lugar do báculo, empunham a espada, cunham moeda e comandam exércitos armados. As dioceses, especialmente na Alemanha, são por décadas quinhão dos membros de uma mesma família que governam os bispados como se fossem sua propriedade particular. Mas acima de tudo, se consolida uma gravíssima e fundamental contradição: o bispo goza de benefícios econômicos das dioceses, sem aí viver e sem exercer nelas o seu trabalho pastoral.

Um exemplo clarificador é São Carlos Borromeu (1538-1584), que com apenas 7 anos havia sido incorporado ao clero milanês usando a tonsura e o hábito talar; aos 22 anos de idade, foi chamado a Roma por seu tio, o papa Pio IV (o milanês João Ângelo Medici), que o nomeou imediatamente Secretário de Estado, Cardeal e Administrador de Milão e, quatro anos depois, Arcebispo da metrópole ambrosiana. O jovem exerceu a sua missão da melhor maneira possível, mesmo tendo feito inimigos (os Humilhados chegaram a contratar um sicário que lhe disparou um tiro de mosquete sem feri-lo). Foi um verdadeiro pastor, próximo ao povo, amigo dos pobres e grande reformador. Simplesmente um santo.

Os “anticorpos”, como reação à crise eclesial, se formam espontaneamente por toda parte. Nas ordens religiosas, por exemplo, se desenvolve o movimento da “Observância”: comunidades de frades decididos a viver sua regra de um modo radical, sem compromissos com o mundo. Também entre os leigos, surgem grupos espontâneos, que apoiados no esforço pessoal, buscam o caminho da santidade: formam, como na Holanda e na Alemanha, os chamados “Irmãos e Irmãs da Vida comum”. Os Oratórios e as Companhias do Divino Amor na Itália, juntamente com o grupo de Brescia (onde Santa Ângela Merici funda a Companhia de Santa Úrsula), o Círculo de Viterbo, o de Nápoles e o oratório da Eterna Sabedoria de Milão (ao qual pertenceu o nosso protagonista). Assim, junto às novas congregações de clérigos regulares – Teatinos (1524), Somascos (1528), Barnabitas (1530) e Jesuítas (1534) – surgem confrarias leigas, ricas em fermentos inovadores.

Algo especial une estas novas realidades que emergem na Igreja: o empenho por uma “auto-reforma” radical.

Enquanto Lutero visa particularmente reformar a Igreja-instituição, os grandes fundadores deste período amadurecem a ideia de que primeiro é necessário converter-se para mudar depois as instituições.

Estes personagens, dotados de grandes carismas, conseguem realizar o que, de fato, já no século XV, alguns iluminados colaboradores dos papas haviam sugerido, encontrando sempre a surda e duríssima oposição da cúria romana, ávida e ciumenta de seus privilégios. Foi nessa época que um Concílio, o Latrão V tinha elaborado um programa de reforma, porém de efeito limitado; tanto é assim que sua conclusão (em 1517) coincide com o pedido de Lutero de discutir suas famosas 95 teses. O Concílio de Trento aberto em 1545, chega tarde para deter a expansão da heresia no Norte da Europa.

Capítulo II

Filho único de uma jovem viúva

Em 1502, Cremona já era a bela cidade que, até hoje, podemos admirar: no seu centro histórico, o famoso “Torrazzo” (é a torre do sino da Catedral de Cremona - 112,7 metros), construído em 1250, o batistério octogonal e a esplêndida catedral de estilo lombardo-gótico, cuja fachada foi concluída em 1508; também o palácio da Prefeitura e o alojamento dos Militares. Desde 1499 Cremona estava sob o domínio de Veneza; dez anos mais tarde cairia sob o domínio dos Sforza (família italiana de governantes no período do Renascimento, estabelecidos em Milão, temida por seus terríveis e brutais atos) e, sucessivamente, em 1525, cairia sob o domínio dos espanhóis até 1702.

Na primeira quinzena de dezembro de 1502 (não sabemos o dia exato), nascia o protagonista de nossa história.

Os pais, Lázaro Zaccaria e Antonia (ou Antonieta, como a chamavam familiarmente) Pescaroli, haviam se casado no dia 02 de fevereiro de 1501, festa da Candelária, e se instalaram na casa paterna de Lázaro, situada, segundo alguns estudiosos, no último edifício da direita da atual Rua Beltrami (antes Rua Ripa d’Adda), segundo outros, numa parte do palácio Mina-Bolzesi.

Os Zaccaria eram uma família da antiga nobreza; não ousaríamos, como alguns acreditam, vinculá-la aos príncipes albaneses que se estabeleceram em Chipre e depois em Genova; é comprovado que em 1090 em Cremona este nome era importante. Desde 1133 a 1792, esta linhagem tinha dado à cidade trinta e oito decuriões, ou seja, membros importantes na administração da mesma. Além de terem terras (mais ou menos 6.800 hectares milaneses), administravam um rentável comércio de tecidos de lã, com loja e oficina próprias – “Le Drapperie” (A Tapeçaria) – situada junto à praça Maior, defronte ao palácio da

Prefeitura.

Sua casa devia ser grande, porque ali viviam também a mãe de Lázaro – Isabel Pasquali, viúva havia seis anos – duas irmãs e um irmão mais velho, chamado Pascoal, com sua mulher e quatro filhos, além da meia-irmã, Venturina, filha de Lázaro, nascida antes do casamento.

Pode-se pensar em algumas dificuldades de convivência, pela presença de uma sogra e de duas jovens noras, mas tudo leva a crer que a mamãe Isabel, mulher de grande fé, conseguia manter unida toda a família sem prejudicar a harmonia doméstica. No que diz respeito a Venturina, era tratada igual a todos os outros filhos legítimos. Na verdade, quando se casou, - por duas vezes, tendo ficado viúva muito jovem – Antonio Maria lhe dará o dote sem nunca mencionar a sua condição de meia-irmã.

O pequeno provavelmente foi batizado assim que veio à luz, até porque, por ter nascido de sete meses, naquela época havia um grande perigo de ocorrer uma morte prematura. Não conhecemos a data exata porque os registros da paróquia de São Donato só passaram a existir a partir de 1561. Colocaram-lhe um nome diferente dos demais familiares: Antonio Maria, isto é, como a mãe e, talvez em homenagem à Virgem Maria, à qual a família tinha uma grande devoção. Também um primo do santo se chamava Bernardo Maria.

18

Prematuramente órfão de pai

Tudo parecia indicar uma infância feliz, no entanto, quando o menino tinha poucos meses, em fevereiro de 1503, morre repentinamente seu pai. Não sabemos qual foi a enfermidade, mas é preciso lembrar que aqueles invernos provocavam muitas vítimas, sobretudo entre os mais fracos; por outro lado, existiam muitas enfermidades epidêmicas. No ano seguinte morreu também o seu tio Pascoal. As sepulturas dos dois irmãos se encontram uma ao lado da outra, na Igreja de São Cosme e Damião, em Cremona.

Tendo ficado sozinhas, as duas noras, após a morte dos maridos, demonstraram de que tempero eram feitas; as duas, jovens e ricas (Antonia tinha só 18 anos), facilmente poderiam reconstruir suas vidas.

No entanto, renunciaram, preferindo dedicar-se totalmente à educação de seus filhos e encontrando na fé, o consolo e a força para continuar. No lar eram cultivadas duas devoções que influíram na espiritualidade de Antonio Maria: o Crucifixo e a Virgem das Dores.

Temos poucas notícias sobre os primeiros anos da vida do pequeno Antonio Maria. Os biógrafos nos descrevem uma mãe preocupada em preparar o seu filho numa espiritualidade não de fachada, mas sólida, baseada na oração vivida com gestos de caridade para com os pobres.

Podemos parecer estranho que Antonio Maria recitasse com frequência o Credo, mas, se levamos em conta que estamos às vésperas de um período histórico que se caracterizará por um conflito com a heresia luterana, nada melhor que uma clara profissão de fé para ajudar a manter a própria identidade católica.

Podemos supor que a mãe levasse seu filho à igreja para participar da missa e de outras celebrações litúrgicas; ele gostava particularmente das homilias (se nota que o pároco sabia falar ao povo), e que, de volta à sua casa, repetia o que havia escutado. E o fazia tão bem que Antonia queria que a criadagem assistisse aos insólitos sermões realizados com absoluta seriedade por seu pequeno Antonio de apenas dez anos.

19

Lições de caridade

Não sabemos quando recebeu a primeira comunhão. Os depoimentos são unânimes em descrever com que seriedade se preparou para a celebração. Rezava sozinho em sua casa e, na mesa, se mortificava renunciando a uma parte dos melhores alimentos. Lógico que por detrás de tudo isto havia a autêntica piedade de sua mãe. E o melhor era a imitação de sua caridade. Daquele tempo nós recebemos uma história significativa: um dia de inverno, saindo do colégio, encontrou na rua um pobre seminu, tremendo de frio; sem pensar duas vezes, tirou a blusa e a jaqueta de seda que estava usando, para aquecê-lo. Voltou para casa em mangas de camisa, à espera de uma bronca de sua mãe, mas esta, sabendo a razão deste estranho modo de vestir, abraçou-o comovida.

A porta da casa dos Zaccaria generosamente se abria aos pobres

que batiam, tanto que um dia Antonio Maria propôs a sua mãe que não desejaria vestir-se de sedas, mas com roupas comuns; assim, economizando nas vestes, poderia ajudar alguns pobres a mais.

Este tipo de solidariedade com os pobres o levou a impor-se mortificações corporais contínuas, tal como tinha acontecido em preparação para a primeira comunhão, mas agora regularmente. Sua mãe, que talvez fizesse o mesmo, mas em segredo, com medo de prejudicar a saúde de seu filho, impediu-o de continuar com tais penitências.

Como era costume nas famílias nobres, havia chegado o momento de começar os estudos. Especialmente para os meninos se abriam dois caminhos: seguir a carreira militar ou a carreira eclesiástica, ou mesmo exercer outra profissão.

No colégio dedica-se ao estudo das Letras, especialmente o latim e o grego, e das Ciências; ele preferia estas últimas e as Artes.

Ele gostava de visitar as igrejas não só para rezar, mas também, para admirar suas obras de arte. Basta pensar na bela história sobre a Vida de Maria, que Boccacino, considerado o Rafael de Cremona, havia pintado na nave central da catedral; no retábulo de Perugino na igreja de Santo Agostinho; na antiga e sugestiva basílica românica de São Miguel e outras igrejas que seriam ornadas mais tarde com os afrescos dos irmãos Campi, para não falar de outros monumentos.

De Pavia a Pádua

Aos dezesseis anos, viaja para Pavia, provavelmente acompanhado de sua mãe, que lá possuía parentes, para começar o curso de filosofia; um biênio em que amadureceu sua primeira grande decisão: dedicar-se à medicina, profissão de prestígio, que manteria alta a honra de sua família. Vários Zaccaria haviam se destacado como médicos.

Naquela época, a melhor universidade para esta carreira era a de Pádua, centro cultural dos mais famosos da Europa. Aos dezoito anos, Antonio Maria era um jovem com grandes perspectivas, mas ele as deixa de lado para não trair algo que trazia dentro de si – um segredo que ainda não seria revelado – e que o levaria a trilhar caminhos insólitos.

Pouco antes de transferir-se para Pádua, se revela o segredo. Em 5 de outubro de 1520, seguindo o costume da época, faz um testamento. No dia 16 do mesmo mês, o jovem decide doar toda a sua parte da herança familiar a seu primo Bernardo, mas deixando sua mãe usufruir enquanto ela vivesse. Ele fica – como exigia a lei para que a doação fosse válida – com 100 libras imperiais. “Um gesto que parece surpreendente”, como afirma o padre José Bassotti, “para um jovem universitário, necessitado de meios para manter seus estudos (...), sobretudo pela cláusula que havia adicionado: a doação não podia ser revogada por nenhum motivo, nem mesmo se a mãe viesse a desmerecer, nem para a manutenção de eventuais filhos”.¹ Aqui se vê claramente a grandeza interior de Antonio Maria; é quase um voto de pobreza e que foi acompanhada com a castidade de sua conduta.

Por que a faculdade de medicina? Desconhecemos as razões de sua escolha. Junto ao desejo de continuar uma tradição familiar, seguramente influenciou a dimensão caritativa da profissão médica. Como estava acostumado a compartilhar e aliviar os sofrimentos dos pobres, terá pensado que um leigo poderia oferecer um serviço tanto mais precioso quanto mais acessível estivesse a suas limitadas possibilidades econômicas; um serviço prestado unicamente por amor a Deus, vendo no rosto do enfermo a imagem de Cristo. Também, cuidando dos corpos, poderia dizer piedosas palavras que ajudassem a alma.

Uma licenciatura inútil?

A universidade de Pádua, a segunda fundada na Itália depois da de Bolonha, ostentava já naquele tempo uma longa história. Criada em 1222 havia logrado rapidamente uma grande fama, consolidando-a no século XV. No princípio estava dividida em “universidade dos juristas”: (leis e notários), e “universidade dos artistas”: (medicina, filosofia e letras), e anexa, uma escola de teologia. Aqui, antes de Antonio Maria, havia estudado medicina, Nicolau Copérnico (de 1501 a 1505) e depois dele passariam outros importantes personagens: em 1588 chegaria de Genebra o jovem Francisco de Sales, e quatro anos mais tarde, Galileu, como professor de matemática.

Segundo a tradição, os cursos acadêmicos começavam em 18 de outubro, dia que a Igreja dedica à memória litúrgica do evangelista médico-pintor São Lucas, cujos restos mortais se conservam em Santa Justina. Todos os estudantes participavam de uma missa solene na catedral.

Não sabemos onde se hospedava Antonio Maria, provavelmente em um dos vinte e sete colégios que a cidade tinha para jovens vindos de fora, sobretudo, chegados do estrangeiro. Naquela época hospedava estudantes de vinte e dois países europeus.

Não se conservaram as cartas que regularmente escrevia a sua mãe, informando-a de como iam seus estudos.

Certamente, o ambiente universitário não facilitava o recolhimento e nem a prática religiosa, tendo em conta a diversidade de nacionalidades e de culturas presentes em Pádua, e então os primeiros sinais da Reforma Luterana, seguramente já se faziam sentir.

Em 1517 Martinho Lutero havia desafiado a Igreja com suas teorias e em 15 de junho de 1520 a bula pontifícia “*Exurge Domine*” as condenava. Podemos imaginar que um ateneu tão prestigiado como o paduano não ficaria estranho ao acalorado debate que começara no Norte da Europa, sobretudo, a partir da excomunhão do papa Leão X ao reformador alemão em 1521.

Deus lhe basta

Podemos imaginar o nosso protagonista em oração diante da urna de Santo Antonio de Pádua, o taumaturgo que em Pádua é “o santo” por excelência, cuja basílica estava sendo adornada com extraordinárias obras de arte. Não há dúvida de que o esforço por uma vida cristã, nascido em Cremona, guiado por sua mãe, se reforce com o exercício ascético.

Para seus companheiros deveria parecer um pouco estranho aquele jovem, reservado e tímido, que preferia a penumbra das igrejas às alegres reuniões; que frequentava os sacramentos e pensava, sobretudo, no estudo. A medicina o colocava em contato direto com os enfermos e com os defuntos; isto alimentava suas reflexões sobre a fugacidade da vida e sobre a inutilidade das riquezas pelas quais tantos batalhavam.

Não temos notícias de suas relações afetivas com moças. Deus lhe basta. No entanto, conhecemos o nome de um amigo seu, Serafim Aceti (1496-1540), de Fermo, nas Marcas; entre os dois nasceu uma união espiritual muito intensa.

Serafim Aceti abraçará a vida religiosa com os Cônegos Lateranenses, deixando alguns valiosos escritos ascéticos; mais tarde fundará as Irmãs do Bom Jesus em Ravena. Depois de várias peregrinações pela Itália como pregador, no início dos anos 30, voltou a reunir-se com Antonio Maria em Milão, familiarizando-se com os seus grupos e suas iniciativas. Também ele estará entre os amigos que estavam ao redor do leito, por ocasião da morte de Antonio Maria.

A sede de espiritualidade e a firme decisão do jovem Antonio Maria pela opção evangélica se fortaleceram durante quatro anos em Pádua. Poder-se-ia dizer que havia professado os votos antes de ser religioso.

Em relação à castidade, sabemos que sendo estudante em Pádua o jovem Antonio Maria recolheu em um caderno algumas notas filosóficas, tomadas de diversos autores, por exemplo: “A castidade é de grande ajuda para conseguir a ciência. Buscar na letra E, a palavra Exercício”. Lendo a letra indicada por Antonio Maria encontramos esta frase de Averroés: “O exercício oferece à natureza do homem uma preparação que antes não tinha; igualmente produz esta mesma preparação a virtude moral e, sobretudo, a castidade”.²

O progresso nos estudos foi rápido e duradouro; influenciando também alguns famosos professores, cujos nomes se conservam nas Placas de 1520 e 1524. Daquele período nós temos só o mencionado caderno em que ele anotou algumas sentenças de filosofia que depois lhe serviu para escrever o texto de seus *Sermões*, um ciclo de pregações do qual falaremos mais à frente.

Em quatro anos de intenso estudo, Antonio Maria superou os exames e conseguiu a licenciatura em medicina “cum laude”.³ Infelizmente, não existe o documento que o certifique porque os registros das matrículas da universidade de Pádua se conservam na biblioteca do ateneu a partir de 1583, enquanto que as atas públicas dos doutorados só começam em 1617. Isto explica porque no Catálogo dos doutores em medicina não figura o nome de Antonio Maria. Mas o encontramos no Catálogo dos “Doutores Físicos” de Cremona, do ano de 1524. Naquele mesmo ano,

Caetano de Thiene, outro licenciado saído da universidade de Pádua, fundava a primeira Ordem de Clérigos Regulares: os Teatinos.

De volta a Cremona, supomos que Antonio Maria tenha sido recebido com uma festa por seus parentes e amigos, o novo doutor começou a exercer a profissão, guiado por médicos veteranos e experimentados.

Já em abril de 1526, aparece na lista dos chamados “*Scolari*”, ou seja, os jovens doutores que exerciam a prática da medicina antes de trabalhar por conta própria.

Havia grande necessidade de médicos, porque Cremona se encontrava em uma situação que hoje chamaríamos de emergência sanitária, provocada pela peste que havia começado no verão de 1526.

Os biógrafos falam que a casa dos Zaccaria se transformou num ambulatório, mas não existem documentos de arquivo que o confirme. Certamente, o motivo de seu trabalho não era o dinheiro, mas servir ao homem que sofre, no qual, via resplandecer o rosto de Cristo. Seus pacientes eram os mais pobres, aqueles em que ninguém pensava e não podiam se dar ao luxo de pagar um médico.

Cuidava deles nos hospitais e mesmo em seus domicílios com uma atenção especial, a qual logo lhe resultou a estima e a admiração do povo, junto com alguma crítica por parte da “*Cremona-chique*”, que não achava correto que um nobre se misturasse com os mendigos. Ele não se preocupava com estes comentários. Agia como fez em Pádua quando seus companheiros o tachavam de beato.

Passados alguns meses se deu conta de que muitos de seus enfermos necessitavam fortalecer a alma mais que o corpo. Para alguém como ele, que se alimentava no contato com o Senhor presente nos sacramentos e meditando a Palavra de Deus, era normal levar de volta à fé quem havia se afastado, e os resultados desse trabalho o levaram a perguntar-se: não seria melhor cuidar unicamente dos males da alma? Quanto mais passavam os dias, mais ele percebia a necessidade de uma resposta.

O rosto e a alma

Neste momento o leitor terá curiosidade para saber: como era este personagem, como era o seu rosto, qual sua aparência? Nós podemos descrevê-lo através de alguns quadros póstumos. Morrendo aos 36 anos,

sua fisionomia não havia mudado muito desde a sua juventude.

O historiador João Antonio Gabuzio nos dá uma rápida ideia, em latim, que traduzido diz: “Antonio Maria tinha a justa estatura, saudável e forte, mas não demasiado robusto; de aspecto sério, revelava santidade; o rosto mais alongado que redondo, olhos fundos e grandes, sobrancelhas e cabelos negros, abundante e larga barba, cor de oliva”.⁴ Sim, uma pessoa distinta que podia até assustar seus pacientes, mas que eram conquistados com sua doçura no trato. Isto no seu aspecto exterior.

O mais interessante é saber como era o seu caráter. Aqui o único dado científico disponível é sua caligrafia.

Um frade franciscano conventual, padre Gerônimo Moretti, autor de um livro com diversas edições intitulado “*I Santi dalla loro scrittura*”, procura, como fez com outros grandes personagens, descrever um pouco a índole de Santo Antonio Maria Zaccaria.

Veja o que ele diz: “Inteligência quantitativamente superior, *justa ao julgar os resultados da inteligência dos outros e muito objetiva*. Tem grande tendência e habilidade para vários tipos de exegeses: histórica, bíblica e literária. Muito original, com especial cuidado com a substância das coisas (...). Tem habilidade e tendência para a organização dos conceitos (...). Se inclina, sobretudo, para as coisas científicas (...). Tendência e habilidade para a psicologia teórica e prática. Caráter fundamentado sobre a firmeza de seus propósitos com alguma pequena inclinação para a fragilidade... corrigida pela decisão não excessiva, pela austeridade e, sobretudo, pela reflexão... Suas tendências entram muitas vezes em conflito, mas o sujeito não perde nunca o controle de si mesmo... por sua força intelectual e a integridade de seu caráter, poderia ser levado a uma estatura moral que não poderia ser medida pela psicologia ordinária”.⁵

Este diagnóstico podemos dizer que é substancialmente fiel ao dado histórico. O barnabita José Cagni, em seu trabalho intitulado “*L'uomo Zaccaria*” integra estas afirmações com algumas observações, colocando em evidência uma qualidade peculiar do santo: a visão objetiva da realidade, confirmando o que foi escrito pelo padre Moretti, bem como de sua grande confiança no homem e nas coisas. Tudo o que foi criado é bom e belo, feito por Deus para todos nós.

Antonio Maria é fundamentalmente um otimista, convencido como

é de que o homem pode tornar-se alguém se colocar em prática sua inteligência e vontade. Comenta padre Cagni: “Também as paixões são boas, Deus no-las deu como um grande presente, porque são uma força para agir. Poucas paixões, pouca capacidade de ação; muitas paixões, muita capacidade.

As grandes paixões produzem grandes santos. É uma visão do homem diametralmente oposta ao pessimismo protestante. Mas “todas as criaturas tendem a converter-se em ídolos, devido ao desequilíbrio original”⁶; é aí que se revela a consistência de cada um, porque tudo “está submetido ao império da vontade”⁷ e “só se prejudica quem quer se machucar: *Nemo laeditur nisi a seipso*; ninguém se machuca a não ser por si mesmo”⁸. Antonio Maria conhece e cita esta importante frase de Crisóstomo!

Essa é a excelência do livre arbítrio (...) que “o homem pode chegar a ser diabo e deus, conforme queira”⁹. E explica: “O homem é deus enquanto se conforma, por semelhança e imitação de suas ações, a Deus, conforme é possível ao homem”¹⁰. Portanto, “confiança plena no homem, nas coisas e em sua harmonia construtiva”¹¹.

O que parece que ele não suporta é a mediocridade, não dizer imediatamente “sim” aos apelos do ideal, em outras palavras a tibieza, “a pestífera e maior inimiga de Cristo Crucificado” como a define, opondo a ela uma proposta de radicalismo evangélico que terminará sacudindo um mundo religiosamente lânguido como é o do século XVI.

Capítulo III

A mudança de rumo

As histórias dos santos estão repletas de circunstâncias que determinam imprevisíveis mudanças de vida. Sem nos fixarmos no clamoroso caso de São Paulo, onde o Senhor interveio em primeira pessoa para fazê-lo mudar de ideia, há outros muitos exemplos significativos. Agostinho de Hipona (354-430), jovem libertino que era, depois de seu encontro com Santo Ambrósio (339-397) se fez batizar e se tornou um dos maiores personagens da Igreja. Para Margarida de Cortona (1247-1297), a conversão chegou-lhe depois de descobrir o cadáver de seu amante, assassinado por desconhecidos. Inácio de Loyola (1491-1556), que sonhava com uma brilhante carreira militar, estando convalescente, devido a uma ferida na perna, descobriu o Evangelho e fundou a Companhia de Jesus. João de Deus (1495-1550) era um homem inquieto, em contínua busca, mas lhe bastou escutar um sermão de São João d’Ávila (1499-1569) para voltar a Deus. O doutor da Igreja, Afonso de Ligório (1696-1787), brilhante advogado de Nápoles, havendo perdido uma causa durante um processo clamoroso, pendurou a toga e se fez sacerdote, dando vida à família religiosa dos Redentoristas.

No caso de Antonio Maria não se pode falar de conversão. Como se interrogava cada dia sobre o sentido da vida e sobre o futuro, decidiu pedir conselho a um dominicano, conhecido na história com o nome de Frei Marcelo, um religioso muito conhecido em Cremona por seu carisma de discernimento. Contatou-o e conversaram muito, tendo o religioso compreendido que se encontrava diante de um jovem excepcional. Naquele momento o aconselhou a refletir bem sobre a decisão que queria tomar, assegurando-lhe que rezaria para que a situação se clareasse.

Depois de algum tempo, Frei Marcelo lhe declarou: “É melhor que deixes a profissão e te faças sacerdote. Esse é o teu verdadeiro caminho”. Era a confirmação que Antonio Maria aguardava; vendo nas palavras do frade dominicano um chamado divino, abandonou a prática da medicina para “entregar-se à vida espiritual”. Seria mais tarde o mesmo frade quem o iniciaria no estudo de Teologia, disciplina fundamental para o sagrado ministério.

Podemos imaginar a reação que a decisão do doutor Zaccaria provocou, não tanto em sua mãe, que conhecia muito bem o seu filho e provavelmente estava ciente de sua inquietude, mas no meio dos seus parentes e amigos. Alguns colocaram dúvidas sobre decisão tão estranha tomada por parte de um brilhante profissional, que renunciava às seduções de um futuro promissor para se tornar padre. Também nesta ocasião, não hesitou: seguiu decididamente pelo novo “caminho”, sem dar importância ao que as pessoas diziam.

Frei Marcelo devia ser um mestre iluminado; não devemos esquecer que a teologia, naqueles tempos, atravessava uma grave crise, já que estava separada do contato vital e fecundo com a Bíblia e com a doutrina dos Padres. Pelos biógrafos sabemos que Antonio Maria, sob sua direção, não se limitou a aprofundar a parte dogmática, mas bebeu abundantemente da Escritura e dos grandes doutores da Igreja, de modo especial de Santo Tomás de Aquino.

Mais tarde, nas *Constituições* da ordem que estava preparando, afirmará no capítulo intitulado “Sobre o estudo”: “Estudem a Sagrada Escritura, e com avidez se deleitem na tentativa de entendê-la e compreendê-la, de modo a sondar e revelar seu sentido mais oculto, principalmente aquele que é útil para a formação pessoal. Depois da Sagrada Escritura, poderão ler todo Doutor aprovado pela Igreja, os livros dos Santos Padres, desde que seus escritos não sejam contrários à Sagrada Escritura ou aos Santos Doutores”.¹² Mais tarde, demonstra que conhece bem alguns clássicos espirituais, uma vez que aconselha sua leitura, como as Conferências espirituais de João Cassiano, as “*Histórias dos Santos Padres*”, sobretudo, aquelas escritas por São Jerônimo, a “*Escada do Paraíso*” de João Clímaco, também as obras de São Boaventura, as “*Cartas*” e “*O Diálogo*” de Santa Catarina de Sena e os escritos de Frei Batista Carioni de Crema, o dominicano que tanto influenciará na vida do santo.

Antonio Maria se apresenta como um homem aberto aos novos tempos. Apesar de embasar seus conhecimentos (e nem podia ser de outra forma) na exegese escriturística medieval mais clássica, se dá conta da nova sensibilidade que ia se desenvolvendo graças às correntes do Evangelismo, do Humanismo cristão (Erasmus de Roterdã era mestre) e da *Devoção Moderna*, também pelos estímulos suscitados pela Reforma Luterana. A volta aos estudos dos Padres da Igreja, lidos, como a Bíblia, na língua original, predispõe-no a uma abordagem nova com o povo, usando uma linguagem diferente. É provável que já houvesse feito suas por meio de Frei Marcelo, as lições de Erasmo que, em 1516 na introdução à edição do Novo Testamento, em grego, havia escrito: “Quisera eu que a dona de casa, enquanto faz as coisas de casa, o agricultor, enquanto ara o campo, recitassem de cor as passagens das cartas de São Paulo e dos Evangelhos”.¹³ A referência às Cartas Paulinas se condiz perfeitamente com as escolhas do futuro fundador que, de fato, se familiarizará em seguida com os textos paulinos que serão fundamentais para toda a sua espiritualidade.

A urgência de uma sólida formação doutrinal se fazia cada vez mais evidente, devido aos acontecimentos que agitavam o mundo eclesial até em Cremona, onde o convento dominicano estava envolvido, fazendo como de caixa de ressonância, devido ao grande debate que havia na Igreja sobre a necessidade de uma séria reforma “in capite et in membris”. Em 1528, o ano em que Antonio Maria terminava os estudos teológicos com vistas à ordenação sacerdotal, o prior do convento daquela cidade, Frei Bartolomeu Mauri, abandona tudo e foge para a Suíça para unir-se aos reformadores do outro lado dos Alpes. Frei Marcelo comenta o acontecido com seu aluno, levando-o a uma interpretação equilibrada dos fatos. Mais adiante se verá como a influência dominicana será fundamental para o desenvolvimento da atividade de Antonio Maria.

Um catequista leigo

Calcula-se que Antonio Maria dedicou aos estudos teológicos uns dois anos e meio em Cremona e talvez em Bolonha, como disse o padre Batista Soresina, em um antigo testemunho que citaremos mais adiante.

Mas poucos meses depois de escolher sua nova vida, Frei Marcelo já havia decidido: “fazê-lo trabalhar pelo bem espiritual do povo”¹⁴ forçando-o a se confrontar com o variado público de fiéis através da catequese. Começou com as crianças da nobreza, ambiente que conhecia bem, reunindo-as na igreja de São Vital, chamada também de São Geroldo porque nela estão as cinzas deste santo natural de Colônia, assassinado em Cremona no ano de 1241 e venerado como mártir.

Tinha um método próprio que logo se tornou eficaz: lia partes da Escritura, vidas de santos ou algum pensamento espiritual, tirado de um entre tantos manuais de devoção popular, depois o explicava com uma linguagem simples, perguntando em seguida aos seus ouvintes se haviam compreendido o que acabara de expor. Nascia assim um diálogo que mantinha a atenção de todos os presentes.

A iniciativa obteve tanto êxito que os jovens começaram a ir a São Vital. Também seus companheiros mais pobres, que normalmente passavam o dia nas praças e nas ruas dos arredores, ao ver este estranho movimento, entram na igreja, primeiro por curiosidade, depois atraídos por aquele leigo que sabia falar tão bem sobre Deus. Estes contavam aos seus familiares e, depois de alguns meses, o local se encheu de adultos, pais, irmãos e irmãs daquelas crianças, sem distinção de idade ou classe social: diante de Deus todos se sentiam iguais. Para algumas mães que passavam o dia trabalhando, lhes parecia milagre poder tirar os seus filhos, ao menos por umas horas, das ruas e colocá-los em contato com as verdades da fé, que talvez elas mesmo tivessem esquecido.

A notícia desta novidade se espalhou por toda a cidade, fazendo com que a igreja de São Vital se enchesse de gente. Enquanto isso, sem se dar conta, Antonio Maria estava treinando para o ministério do qual seria, mais tarde, protagonista.

Nos dias de hoje, não é estranho ver um leigo ou uma leiga explicando aos fiéis a doutrina cristã, aliás, pode-se dizer que a maioria dos catequistas são leigos, homens e mulheres, como muitos professores de religião nos colégios. Mas então, era esta uma novidade. Justamente, pode-se dizer que a catequese para as crianças é um orgulho para a Igreja de Cremona. Acredita-se que este serviço pastoral tenha começado em Milão, no ano de 1536, obra do sacerdote Castellino de Castelo, e mais tarde o Concílio de Trento estendeu esta prática a toda a Igreja.

A escola de catecismo de São Vital começou bem antes e continuará depois da morte do santo com um grupo de leigos chamado “Servos dos meninos e das meninas de São Geroldo”, mais tarde organizados pelo padre barnabita Nicolau de Aviano, em 1553 e unidos por este à Companhia de São Jerônimo em 1559. A igreja de São Vital conserva interessantes afrescos do século XIV, infelizmente em parte deteriorados, representando São Jerônimo aos pés da Virgem, Santo Antonio abade e Santa Catarina de Alexandria. Hoje podemos calcular, pelas dimensões atuais da igreja, quanta gente podia entrar quando Antonio Maria falava. Não muitas, dadas as modestas dimensões, tanto que às vezes os fiéis se viam obrigados a se espremerem ou a escutar do lado de fora da porta da igreja; tratava-se de um ambiente simples sem arcos, com a armação descoberta e sem ornamentos, sendo o piso era mais baixo que o nível da rua. Em 1562, a igreja passou para os padres Somascos, que levaram para lá seus órfãos e a transformaram em três naves.

Cuidadas restaurações a transformaram em um auditório para a cidade. Em 14 de maio de 1994, as autoridades provinciais, em colaboração com as congregações dos Padres Barnabitas e das Irmãs Angélicas, e com o patrocínio da Delegação do Patrimônio artístico e histórico de Mântua, inauguraram uma lápide com a seguinte inscrição: “Neste antigo templo de São Vital, Santo Antonio Maria Zaccaria (1502-1539), iniciou o ensinamento do catecismo e as escolas da Doutrina Cristã, instituiu o grupo espiritual da Amizade e celebrou a sua primeira missa em 1528. A Província de Cremona, por ocasião da restauração, ano de 1992”.

Enquanto Antonio Maria se preparava para receber as sagradas ordens, tinha consciência, o tempo todo, de qual seria a sua missão. Os encontros em São Vital sofreram uma brusca e involuntária interrupção devido a questões políticas que representavam um sinal nada bom para a Lombardia. Os exércitos de Francisco I e de Carlos V, que lutavam pelo domínio do território de Milão, tinham a base de seus acampamentos não muito distante de Cremona. Em 1525, Francisco I, derrotado em Pavia e feito prisioneiro, havia sido obrigado a assinar em Madri um tratado de paz, que logo quebrou para aderir à Liga Santa, com o Papa Clemente VII e outros príncipes italianos. Então, para não dar espaço ao seu rival Carlos V, teve que ajudar na Alemanha, os protestantes

que ele perseguia na França. Por sua vez, o imperador, em retaliação ao Pontífice que havia se voltado contra ele, em 1526 permitia aos luteranos professar a sua religião. Um ano depois seus lanceiros devastaram Roma (com o famoso saque) obrigando Clemente VII a se fechar na sua fortaleza do Castelo Santo Ângelo.

Houve outras guerras, pelo domínio de Milão, que provocavam entre a população o sofrimento e a desordem, sobretudo, porque as tropas de Carlos V eram formadas majoritariamente por luteranos fanáticos, os quais castigavam os católicos, profanando suas igrejas, violando a clausura dos mosteiros, roubando e cometendo assassinatos sem piedade. Para complicar ainda mais a situação, abateram-se sobre a população as pestes e as contínuas carestias, enquanto nos confins do império forçavam as tropas islâmicas, conduzidas pelo Sultão Solimão, que haviam chegado a Budapeste, incendiando-a, devastando-a, deixando para trás mais de cem mil vítimas. Mas é precisamente nesse período que a Igreja produz eficazes “anticorpos” chamados: Jerônimo Emiliani (1481-1537), Caetano de Thiene (1480-1547), Inácio de Loyola (1491-1556) e Felipe Neri (1515-1595), e, obviamente, o nosso protagonista.

Em 1527 parece que o pior para Cremona havia passado e Antonio Maria retoma seus encontros com o povo em São Vital. Seu variado auditório lhe dava a possibilidade, entre outras coisas, de se formar uma ideia precisa do nível de cultura religiosa de seus concidadãos e, sobretudo, da “qualidade” da prática cristã; como médico, em contato com os enfermos, tinha feito uma avaliação da situação, pois estava preocupado não só em curar os corpos, mas também as almas. E havia, inclusive, diagnosticado a enfermidade chamada: “a tibieza”.

Considerando a vida espiritual como luta, a tibieza era reconhecida como o pior obstáculo para o fervor, que para ele é a característica dos “verdadeiros amantes de Cristo”. Em uma série de *Sermões* (havia previsto três, mas escreveu só um) prometia analisar as causas da tibieza e o modo para eliminá-las, insistindo, sobretudo, na generosidade do esforço, não se limitando, farisaicamente, ao que é formalmente ordenado, mas estendendo ao que é apenas aconselhado. Somente assim se avança, pois, afirma, “não progredir no caminho de Deus, é parar, é voltar para trás”.¹⁵

Ele havia decidido que a sua vida seria dedicada inteiramente ao Senhor, apesar de que o sacerdócio lhe dava medo, pois se sentia indigno. Em 1527, ou inícios de 1528 (faltam dados precisos), falecia o bom Frei Marcelo e Antonio Maria confiará sua direção espiritual a outro dominicano, destinado a desempenhar um papel decisivo em toda nossa história, Frei Batista Carioni de Crema (1460 ap. – 1534).

Antes da ordenação sacerdotal, faz um gesto extremamente revelador: no final de 1524 ou início de 1525, havia falecido sua tia paterna, Joana Zaccaria, deixando como herdeiros, Antonio Maria e seu primo Bernardo. Os biógrafos nos dizem que o Santo aproveitou para duplicar as doações aos muitos pobres que batiam à sua porta. Era uma prova a mais de sua decisão de desapegar-se de todo bem material para se dedicar às missões entre o povo.

Capítulo IV

A primeira missa

Antonio Maria recebe as ordens maiores, ou seja, o subdiaconato, diaconato e presbiterato em três festas sucessivas, como era costume. Isto depois de ter recebido previamente a tonsura e as quatro ordens menores de ostiário, leitorato, exorcistado e acolitato (com o Vaticano II foi abolida a primeira, enquanto que a faculdade de exorcizar é concedida pelo bispo diocesano somente aos sacerdotes e em determinadas ocasiões). Destes fatos, conhecemos hoje as seguintes datas: a ordenação subdiaconal aconteceu no dia 18 de setembro de 1528, sábado das chamadas Têmporas de outono, a ordenação diaconal (quase certo) foi no dia 19 de dezembro (Têmporas de inverno) e a ordenação sacerdotal, a mais importante, em 20 de fevereiro de 1529 (Têmporas da primavera).

Foi o padre barnabita Francisco Ghilardotti quem descobriu as datas, justamente antes das celebrações do quinto centenário do nascimento de Antonio Maria. Trata-se de uma importante descoberta porque, como explica o padre Ghilardotti, um dos motivos que pararam a causa da beatificação foi o fato de que se desconhecia a data e o lugar de sua ordenação sacerdotal, e inclusive o nome do bispo ordenante. “As primeiras investigações tinham sido decepcionantes, seja no Arquivo de Estado de Cremona, seja no bispado, onde foi declarado que todos os documentos relacionados às ordenações do século XVI tinham sido queimados ou perdidos. Mas não me rendi. Durante mais de 18 dias, em três momentos, eu revisei milhares de documentos e as respectivas anotações (quando existiam) de ao menos quatro cartórios entre o ano de 1520 e o ano de 1533. Entre aqueles numerosos papéis, dos mais variados assuntos, havia notas com as indicações de algumas ordenações clericais, junto com algumas folhas em branco aqui e ali, sinal de que

o trabalho do escrivão deveria ter sido completado. Com constância e muito entusiasmo eu continuei a busca que parecia não ter êxito”. Quando esta sendo forçado a desistir, eis a descoberta: o santo foi ordenado sacerdote em 20 de fevereiro de 1529, sábado das Têmporas da primavera, na capela de São José (situada no braço do lado norte da catedral) por Dom Lucas de Seriate, bispo titular de Duvno na Erzegovina e auxiliar de Cremona.

Faltam-nos, todavia as datas das outras etapas de seu currículo clerical, tonsura e ordens menores.

Os antigos biógrafos acrescentam que Antonio Maria se preparou para a ordenação sacerdotal com uma austeridade maior do que o habitual: vigílias prolongadas de oração, jejuns e uma confissão geral. No entanto não sabemos quando celebrou a primeira missa; com certeza, não foi imediatamente porque, naquela época, para o clero e para os fiéis, a eucaristia era considerada um sacramento para o qual era preciso uma longa preparação, enquanto que a comunhão frequente era praticamente desconhecida. É suficiente pensar que Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, foi ordenado sacerdote no dia 24 de junho de 1537, celebrando a sua primeira missa na Festa de Natal daquele mesmo ano.

Vários biógrafos atestam que no dia em que o nosso protagonista subiu pela primeira vez ao altar para celebrar sua primeira missa, aconteceu um prodígio: ao elevar a hóstia, os numerosos fiéis que estavam na igreja viram um grupo de anjos rodeando o celebrante. Tal episódio foi confirmado por testemunhas oculares ao padre João Antonio Gabuzio; mais tarde foi transmitido pelos primeiros historiadores da ordem, tanto Barnabitas, como Angélicas, de modo que entrou logo na iconografia do fundador.

Para todos os efeitos, agora Antonio Maria Zaccaria era sacerdote. Havia renunciado aos seus bens para se dedicar totalmente aos demais em seu ministério e encontrava por isso tempo para ajudar a qualquer um que tivesse problemas. Recorria-se a ele, porque havia estudado em uma universidade, até para solucionar controvérsias patrimoniais; por exemplo, em 1527, havia falecido um tal de João Stroppa, deixando como executor testamentário um sacerdote e outras três pessoas, entre elas o nosso santo. Mas as práticas para repartir a herança eram tão

complicadas que os outros três se retiraram, deixando sozinho Antonio Maria. Ele seguiu igualmente adiante, dedicando cerca de dois anos para solucionar o problema (terminou quando já era sacerdote), entre inventários, vendas, recursos, comparecimentos diante dos Condes palatinos, do Vigário pretório e do Juiz de malefícios. Ao final, tudo se solucionou segundo a justiça. Para si próprio, nem um centavo. A caridade não cobra recompensa.

As duas caras da cidade

A igreja de São Vital, que não estava longe do palácio dos marqueses Zaccaria, foi para o novo sacerdote o meio que lhe permitiu tomar o pulso da cidade do ponto de vista da fé e da prática religiosa. Seu diagnóstico como já dissemos, não era consolador; Cremona, como também as outras cidades da Lombardia, com Milão em primeiro lugar, encontravam-se em situação desastrosa. Infelizmente, os primeiros que davam mal exemplo eram alguns membros do clero; a diocese não tinha um bispo residente desde o ano de 1476, o titular estava ocupado em outro tipo de atividades não pastorais, e em muitos sacerdotes “o espírito era totalmente mundano”; assim afirma o padre Francisco Moltedo, a que se deve a biografia oficial escrita por ocasião da canonização de Antonio Maria (1897).¹⁶ Muito longínqua a lembrança dos Santos que haviam passado por Cremona deixando uma pegada duradoura: Bernardo de Claraval, Domingos de Gusmão, Francisco de Assis e Pedro Mártir?

As guerras e as pilhagens dos diversos exércitos agravavam a situação do povo, já desorientados pelos ventos heréticos que vinham do norte da Europa. Era necessária uma grande revolução que despertasse no povo a sede de Deus.

Tudo para todos

A casa dos Zaccaria estava aberta a toda classe de necessitados: pais desempregados com filhos para alimentar, meninas expostas aos riscos da rua e em mãos de exploradores sem escrúpulos, enfermos que,

talvez, haviam experimentado a habilidade terapêutica do “doutor”. Chegavam também, às escondidas, nobres caídos em desgraça, que tinham vergonha de mendigar.

Antonio Maria, ajudado por sua mãe, se doava sem reservas, ou seja, vivendo pobre com os pobres. Quando o patrimônio da família estava chegando ao fim, chegou a herança de uma tia para ajudá-lo na sua ação generosa. Mas não se limitava a dar a quem batia à sua porta; ele sabia que muitos necessitados não tinham nem sequer a possibilidade de chegar a ele, então ia buscá-los, entrando em favelas escuras e com maus odores, onde talvez houvesse enfermos, e nos hospitais (não mais com roupa branca, mas sim como sacerdote para confortar e administrar os sacramentos) ou em presídios. Sabemos muito bem como era o sistema carcerário da época. Assim ocupava o seu pouco tempo livre.

Às vezes um enfermo em estado terminal, alterado e desesperado pelas dores atrozes, se recusava a receber as palavras de fé. Antonio se sentava ao seu lado e lhe velava com a ternura de um pai, rezando e esperando o momento oportuno para falar-lhe da misericórdia de Deus, da paixão redentora do Senhor, do paraíso que esperava aos que viviam cristamente. Seu maior argumento era o crucifixo, que tinha à mão e o beijava repetidamente, comentando os atrozes sofrimentos.

Outro grupo de necessitados, embora esporadicamente, eram os peregrinos, muitas vezes mendigos sem um teto onde se proteger das intempéries e do frio. Uma ala da casa se abriu para eles, com a permissão de sua mãe, que com o tempo adquire uma relevância decisiva para entender a santidade do filho.

O povo não se maravilhava com tudo isto, porque, como leigo no exercício da medicina, Antonio Maria já havia feito da caridade um costume em sua vida. Mas agora era sacerdote e se dedicava ao ministério com o fervor de um neófito. Dizem os biógrafos que bastava vê-lo ou ouvi-lo falar, para sintonizar com ele e se sentir forçado a mudar de vida e a confessar-se com ele, pois acolhia a todos com respeito e paciência, corrigindo sem ofender, convencendo com a força de sua persuasão.

Logo se começou a falar de um especial carisma, que atraía a seu confessor, pessoas que haviam abandonado por completo a prática dos sacramentos e saíam profundamente modificados interiormente. É uma história que se repete também hoje: Frei Leopoldo de Castenuovo,

ou padre Pio de Pietrelcina, por citar alguns exemplos famosos do século XX, conseguiram milagrosas conversões através da confissão.

Este mesmo discurso vale para o Zaccaria pregador que foi logo percebido como uma novidade. Normalmente, do púlpito o povo escutava sábias dissertações sobre os dogmas da fé, que não se preocupavam com a prática concreta dos mandamentos e, sobretudo, usavam uma linguagem incompreensível para a maioria. Afirma também Francisco Moltedo que: “apesar de serem clássicos na forma, mas sem mordente, corretíssimos na linguagem e digníssimos, os oradores sagrados misturavam as verdades sagradas com reminiscências profanas e complicadas formas acadêmicas, onde apareciam mais as figuras de Platão e Aristóteles do que a de Jesus Cristo, a própria vaidade mais do que a sublime majestade da Cruz. Verdadeiro renascimento do paganismo, pelo qual eram jogadas ao chão não somente as ideias do pudor, mas também aquelas dos mistérios das verdades fundamentais da religião”.¹⁷ O quadro está um pouco exagerado nos tons, mas seguramente não está longe da realidade.

Com o coração de Paulo

Para a pregação, o autor preferido do qual se servia Antonio Maria, era São Paulo Apóstolo, com o qual sempre havia sentido uma particular sintonia, principalmente naquele momento em que se travava uma batalha contra o contexto do neopaganismo, recordando a antiga luta dos primeiros evangelizadores com um mundo que estava diametralmente oposto ao Evangelho. Assim ele falava como São Paulo aos Romanos, concentrando-se no grande tema do homem frente a Deus e salientando o fracasso da existência daquele que está imerso no pecado e na elevada certeza do crente de ser acolhido pelo amor de Deus, mais forte que qualquer dificuldade ou dor; citava as cartas aos Colossenses e aos Gálatas, sobretudo para reafirmar a centralidade de Cristo e para eliminar toda deformação doutrinal (a polêmica com os protestantes era aberta e frequente); assim como com as cartas aos Coríntios e aos Efésios, afrontava problemas de moral sexual, combatendo a escancarada libertinagem e defendendo a realidade profundamente unitária da Igreja

(também aqui encontramos a referência direta ao cisma luterano).

Os biógrafos afirmam que quando citava os textos do apóstolo, tanto a voz como o rosto se transfiguravam, de tal modo que transmitia ao povo sua própria comoção. Falava com o coração, atingindo em cheio, o coração de seus ouvintes.

Em São Vital, a comoção não era passageira: as palavras de Antonio Maria provocavam conversões repentinas e duradouras. Gente que não pisava em uma igreja há muito tempo, voltava a frequentar os sacramentos, a santificar os dias santos; alguns deixavam tudo para entrar em um convento. As crônicas destes surpreendentes retornos a Deus nos contam, por exemplo, o caso de Valéria Alieri, parente distante de Antonio Maria, que, tendo ficado viúva muito jovem e não tendo filhos, seus parentes insistiam para que se casasse de novo. Como já fazia algum tempo, que seguia a pregação de Antonio Maria, foi lhe pedir um conselho. Em pouco tempo abandonou a ideia de um segundo matrimônio e abriu a sua casa a um grupo de meninas; ela mesma as educaria como fazia Santa Ângela de Mérici em Bréscia. Antonio Maria era o guia espiritual do grupo, que mais tarde se transformou em uma fervorosa comunidade de leigas. Depois de sua morte, estas jovens fundariam um mosteiro (com o nome de Santa Marta), sob a regra das Angélicas e a direção dos Padres Barnabitas; nela ingressaria, mais tarde, a própria Valéria, que aí faleceu santamente no ano de 1556.

Como homem decidido que era, nosso protagonista estava realizando na sua cidade o que hoje chamaríamos de a “nova evangelização”. Em dois anos, o ambiente em Cremona havia mudado, tanto que chamavam ao santo de “pai da pátria”. Mas justamente quando a atividade pastoral de Antonio Maria havia chegado ao máximo de sua eficácia, nos primeiros meses de 1530, teve que sair de sua cidade.

Neste tempo entram em cena dois novos personagens, que serão de suma importância para o futuro de Antonio Maria: o já citado Frei Batista Carioni de Crema, o dominicano que substituiu o Frei Marcelo como seu diretor espiritual, e a condessa Ludovica Torelli (1499-1569), que tinha sua corte em Guastalla. Como havia falecido seu capelão, dom Pedro Orsi, a nobre senhora, seguindo uma orientação de Frei Batista, pede que Antonio Maria o substitua.

Porque ele? Seguramente porque já se haviam conhecido em

Cremona. Em 1518, a condessa se havia casado com o conde Ludovico Stanga e durante seis anos havia passado longas temporadas no palácio cremonês de seus sogros. Como desde 1528 a condessa se confessava com Frei Batista, artífice de sua conversão, seguramente havia ouvido falar deste sacerdote que atraía incríveis multidões em São Vital com suas pregações e o seu modo de confessar.

Naquele momento, essa proposta encontrou o santo disposto a dizer que não. Mas o dominicano insistiu e como era seu diretor espiritual lhe devia obediência, aceitou, embora relutantemente. A notícia caiu como uma bomba em Cremona, e para suavizá-la é provável que Antonio Maria tenha feito a proposta de exercer tal função provisoriamente. De todo jeito, antes de deixar a cidade, organizou os assuntos de família para se sentir totalmente livre para exercer sua missão. A escritura particular, pela qual tinha concordado com seu primo Bernardo sobre a divisão de bens foi lavrada por um escrivão no dia 23 de julho de 1530; no ano seguinte, em seu último testamento deixará como herdeira universal de seus bens, sua mãe, Antonietta Pescaroli, e mais tarde nomeará, como seu procurador geral, o sacerdote cremonês dom João Maria Gaffuri. A partir desse momento não voltará a se preocupar com a administração de seus bens pessoais, confiando-os cegamente a Gaffuri, com o qual, mantinha uma profunda e estreita amizade.

Capítulo V

Corramos como loucos para Deus e para o próximo

Além das notícias de seu tempo – não que haja muitas – para compreender o que significava a iniciativa apostólica de Antonio Maria em Cremona, é preciso ir buscar nos *Sermões*, ou seja, nos discursos que dirigia ao Cenáculo dos Amigos reunidos em São Vital.

Sua mãe, depois da morte de Antonio Maria, descobriu entre seus papéis o manuscrito que entregou a duas Angélicas do mosteiro cremonês de Santa Marta, e que permaneceu ali até quando o padre Gabuzio o levou para o arquivo dos Padres Barnabitas em Milão (de onde mais tarde foi transferido para Roma).

Os *Sermões* foram dirigidos a leigos, homens casados, em grande parte nobres e abastados, aspirantes à perfeição, provavelmente membros de alguma irmandade ou oratório de reforma, apelidado com probabilidade de Amizade que se havia constituído em Cremona.

A intensa catequese desenvolvida em São Vital lhe havia mostrado a existência de um pequeno e compacto grupo composto por pessoas que reconheciam o mal estar espiritual daquele tempo, e tentavam sair do mesmo, unindo-se ao redor de alguns líderes carismáticos.

Neste grupo se encontravam os ouvintes habituais de seus *Sermões*, comprometidos em uma intensa experiência religiosa e caminhando para um ideal comum de perfeição cristã. Tratava-se de um movimento de elite, formado por pessoas de famílias abastadas, que dispunham de tempo livre e de uma cultura adequada para seguir este caminho. O povo se via obrigado a pensar antes de tudo, como sobreviver e como combater a fome e as doenças.

Com efeito, fazendo uma análise atenta dos *Sermões* e do tipo de público que os escutava, se tem a impressão de que Antonio Maria se dirigia de modo particular a um grupo organizado de pessoas desejosas

de viver como autênticos cristãos. Eram o outro rosto da cidade. Não esqueçamos que poucos anos antes, em Bréscia, um tal Bartolomeu Stella havia fundado um hospital para doentes incuráveis e, em 1525, um oratório chamado de a Amizade, seus membros se chamavam Amigos. Semelhantemente, o grupo de Cremona se reunia ao redor de Antonio Maria; este sobressaía entre todos pela eficácia e a radicalidade de seu exemplo, exatamente aquilo que interessava aos Amigos.

A santidade é para todos

Uma novidade evidente é o modo de entender a vida espiritual dos leigos. Esta, afirma Antonio Maria, não é menos comprometida que a dos sacerdotes e religiosos. Um conceito que se traduzirá mais adiante na igualdade entre os Três Colégios que nasceram em Milão sob sua direção: “Tu, que nasceste como cristão neste país fiel, neste tempo e neste lugar – lugar de felicidade e tempo de promessa de reforma de homens e mulheres – e chamado depois, de maneira especial ao conhecimento de ti mesmo, ao desprezo do mundo, a vencer-te, a congregar-te neste lugar, e, ainda mais, enriquecido com outros dons de Deus, como poderás negar que não és feito só para ir para Deus?”¹⁸

O santo identifica alguns defeitos que são próprios dos leigos, como por exemplo: a prática da superstição, a falta de respeito aos pais e aos idosos, a crítica ao clero (me pergunto se em muitos casos não era mais que justificada), dar mau exemplo, e outros mais. Apesar da denúncia, o tom é sempre altamente construtivo.

Aos esposos lhes recomenda a delicadeza com suas esposas e a santidade conjugal. Preciso como sempre, parte do cotidiano com seus muitos problemas e dificuldades. Para o homem casado, por exemplo, a vitalidade da família se realiza na relação afetiva com a mulher e sua missão educativa em relação aos filhos. É provável que os Amigos falassem com Antonio Maria não só das luzes, mas também das sombras, inevitáveis na vida dos casais.

Sua sensibilidade amadurecida através do contato com os enfermos o havia preparado para compreender e aconselhar em um campo do qual não tinha experiência direta.

Em seu ensinamento se vê claramente o eco da doutrina do Apóstolo

Paulo quando instruíra que “o matrimônio é um grande sacramento, e que não se deve perder-se dentro dele, como fazem as pessoas vulgares”. E recorda que a conduta correta corresponde à vontade de Deus. “Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (1Ts 4,3). O Concílio Vaticano II na constituição pastoral *Gaudium et Spes* (n. 51) conclui afirmando que “tudo isto não será possível, se não se cultivar, com profundo espírito, a virtude da castidade conjugal”.

Para uma correta educação dos filhos, insiste sobre o dever de gratidão para os pais, inclusive se já são falecidos, aplicando-lhes orações de sufrágio. E outra vez citando o Apóstolo Paulo “Pais, não deem aos filhos motivo de revolta contra vocês” (Ef 6,4) – acrescenta ainda: “você são causa de tantos males para os seus filhos! Por isso, eles devem respeitá-los e não ter medo de vocês como se fossem empregados evitando ser moles demais, mas também não muito severos. Deus pedirá severas contas a vocês do rigor com que tratais os vossos filhos. Os filhos devem obedecer-lhes, mas vocês não podem mandar nada que seja contra Deus. Não lhes deem maus exemplos, nem com palavras nem com fatos. Esforcem-se acima de tudo, para que eles não os vejam dominados pelas paixões, principalmente a ira ou qualquer outra. Caríssimo, preste atenção! Você deve isto a sus filhos e a todos os empregados e a qualquer pessoa que vive na sua casa. Os filhos não devem ser motivo de tristeza para vocês e sim de alegria, dentro do possível; e vocês não os devem prender demais a vocês, principalmente quando os veem fazendo o bem(...). Por isso, caríssimo, imite Tobias, que com fatos (Tb.1,20) e com palavras (Tb.4,7). ensinava o filho a dar esmolas. (...) E acima de tudo, não trate seus filhos como animais, nem por palavras, nem por ações.”¹⁹

Conceitos estes que podem ser compartilhados também hoje, quando o relacionamento pais e filhos vive uma evidente crise.

Interessante também, notar o comportamento que sugere em relação aos idosos; era costume naquela época (parece que hoje também) chamar o pai e a mãe de: “o velho” ou “a velha”; o santo chama severamente a atenção sobre esta desrespeitosa maneira de tratá-los. É provável que a doce figura de sua mãe, com quem tinha uma grande e total sintonia, o estimulasse a ter este comportamento.

Da análise do texto, emerge com maior precisão a fisionomia de

seus ouvintes; uma elite, como se dizia acima, de pessoas bem vestidas, às quais não faltavam nada na mesa, e servidas por criados, com numerosos trabalhadores e artesãos e, sem dúvida, capazes de influir sobre as instituições públicas. Com uma peculiaridade surpreendente, que não era comum, naquela classe social: muitas destas pessoas decidem mudar de vida, “reformando-se” a si mesmas com um programa espiritual rigoroso e comprometido, baseado na comunhão frequente, penitências corporais, exame de consciência, oração mental, reza dos salmos e conhecimento mais aprofundado das Sagradas Escrituras.

Um caminho comprometido

Nos *Sermões* está claramente marcado o que podemos chamar de caminho para Deus. O santo o traça em três momentos:

- “Deixar o exterior”, ou seja, superar a parte da experiência humana ligada à sensibilidade e à materialidade;
- “entrar no próprio interior”, ou seja, penetrar em si mesmo, para viver não segundo a carne nem ao sangue;
- “caminhar para o conhecimento de Deus,”²⁰ para viver “na familiaridade” com Ele.²¹

As três etapas exigem de um compromisso contínuo, alimentado pela oração vocal e mental, sem distrações, para poder perceber a linguagem silenciosa da consciência e do Espírito.

Nota-se a distinção entre “homem interior” e “homem exterior”, tipicamente paulina: focaliza as problemáticas que Antonio Maria teve que enfrentar no início do seu apostolado, depois de ter diagnosticado o estado de saúde da cidade do ponto de vista religioso. Deu-se conta de que se tratava de cristãos que não tinham interioridade, “canas vazias” como os chamava Frei Batista de Crema; gente tibia, em cujo coração era necessário acender o fogo do amor de Deus. Logo era um convite a uma ascética forte e combativa.

A ponte entre o homem interior e o exterior são os sentidos. Portanto é necessário que:

- Controlá-los para poder escutar a voz de Deus;
- Esforçar-se para evitar o encantamento da exterioridade;
- Lutar, treinar, como fazem os atletas para as competições desportivas

(*ascese* significa exercício, treinamento), para não ser carnis, mas “cristãos e espirituais”.

“Se o homem deve chegar a Deus”, assim disse em um *Sermão*, “e conseguir seu amor, é necessário que se liberte (...) de todas as paixões que, na sua maioria tem sua origem no corpo e por isso precisam de remédios corporal, de orientação e de estímulos corporais”.²²

Esta luta não é um fim em si mesma. Nosso protagonista não é um filósofo estóico; para ele, esta luta é só um momento do itinerário espiritual; representa a chave para nos abirmos ao amor a Deus. Em um certo momento somos obrigados a escolher entre o amor a Deus e o amor às criaturas. Pergunta-se: “Nós, embriagados pelas coisas visíveis e sempre presentes e, mais ainda, necessárias, como poderíamos deixar de amá-las, se outro amor mais forte não nos arrastasse? Não é possível! Muito ao contrário, o não gostar de uma coisa nasce do amor por outra: o não gostar das coisas terrestres nasce do amor das coisas do céu”.²³

Como Antonio Maria falava a uma classe social economicamente forte, tinha particular importância a postura que se devia ter frente aos bens materiais: “Você está apegado aos seus pertences”, afirma. “Pense que toda a forma ilícita de ganhar bens leva à perdição eterna, quer você tenha adquirido esses bens de forma incedida, quer ficando com eles para você ou coisa parecida. Mas não é só isso, não! Esses bens são causa de males sem fim, que você mesmo poderia enumerar. Não se esqueça, também, que Deus os compara aos espinhos que nascendo, sufocam o trigo. (Mt.13,7)”.²⁴

Um programa extremamente comprometido, portanto, esse que propõe o santo: amar a Deus implica sacrifícios, porque não se chega a Deus se não levando a cruz; mas, vale a pena, porque a vida espiritual tem suas profundas alegrias, suas inexprimíveis satisfações que superam as da vida material, afirma: “São poucos os que tendo conhecido a Deus se separaram dele”.²⁵

Neste esforço constante no caminho para Deus, o homem interior necessita de um alimento espiritual, como o corpo necessita do material.

A Escritura é esse alimento: “Você se converterá a Deus, recitando ou cantando salmos, e, mais ainda, oferecendo-lhe sacrifícios: do seu corpo, mortificando-o por amor a Deus; do seu interior, unindo-o a Deus; o maior de todos a Santíssima Eucaristia.”²⁶ “Lemos na Escritura,

a respeito dos grandes valores dos Patriarcas, dos Profetas e de muitos homens santos que existiram desde o começo do mundo até chegarmos a Cristo, para que os imitássemos. Lemos também as maldades dos homens maus e quais foram as punições que sofreram, para fugirmos dessas situações”.²⁷

Se por um lado, viver espiritualmente comporta “ter sempre a Deus no coração,”²⁸ por outro, força a colocar por amor a própria vida a serviço do próximo. A fé sem obras está morta. Então, cabe aqui uma pergunta: “Quer amar a Deus, ser seu bom filho e ser amado por ele? Ame o próximo, oriente-se para o próximo, disponha-se beneficiar o próximo e não a ofendê-lo!”²⁹

Encontramos aqui as raízes do apostolado que Antonio Maria define dinamicamente recorrendo a uma eficaz imagem, como mais tarde escreverá a Tiago Antonio Morigia e a Bartolomeu Ferrari, com os quais, começará a fundação de sua ordem religiosa: “Coragem, irmãos, corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo, pois é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus”.³⁰

Ler os corações

A pequena igreja de São Vital, muitas vezes não comportava as multidões que se reuniam para escutar o *anjo de Deus* (assim o chamavam). Aqui nos compete perguntarmos, qual era o segredo de Antonio Maria, e de onde lhe vinha aquela extraordinária capacidade de atração que é típica dos santos? Ele a atribuía às horas de oração que passava sozinho na igreja, inclusive durante a noite, meditando diante do Crucifixo; mas não há dúvida de que sua palavra, quer no púlpito, quer no confessionário, conseguisse penetrar até nos corações mais endurecidos.

Mas era, sobretudo, seu exemplo que atraía inclusive os céticos; bastava vê-lo passar pela rua, absorto em Deus, vestido modestamente, ou celebrando as missas. Nesta ocasião seu semblante adquiria uma expressão particular que não escapava ao olhar atento dos fiéis; algumas vezes a emoção tomava conta do santo a ponto de chorar; era evidente que acreditava de verdade no que fazia. Também, impressionava seu modo de tratar a todos, sem distinção de classe social; quem se aproximava

dele, sempre o encontrava sorridente, disponível e acolhedor.

Se pensarmos na distância que, naquele tempo, separava o clero do povo, este comportamento facilitava o entendimento com os que esperavam dele, além da absolvição das próprias culpas, um iluminado conselho. Antonio Maria tinha esse particular dom que se chama discernimento dos espíritos: parecia que lia nas almas e nos corações dos penitentes.

Dois companheiros, Frei Batista...

O grande movimento de espiritualidade que estava se organizando ao seu redor necessitava de novos apoios, mas Antonio Maria estava praticamente sozinho, não havia outros sacerdotes dispostos a segui-lo nesta aventura evangelizadora de Cremona; tão pouco a cidade oferecia espaços suficientes para o seu projeto de auto-reforma. As circunstâncias o levaram a Milão onde encontraria os colaboradores ideais.

Neste momento é que resulta decisiva a presença de dois válidos colaboradores: o dominicano Frei Batista Carioni de Crema e Ludovica Torelli, condessa de Guastalla. O primeiro era natural de Crema; seu mestre havia sido o beato Sebastião Maggi (1414-1496), um famoso pregador, amigo e confessor de Jerônimo Savanarola, morto com fama de santidade e beatificado em 1760 (seu corpo incorrupto repousa em Santa Maria do Castelo em Gênova). Maggi havia sido também prior do convento dominicano de Cremona e provavelmente ali se haviam conhecido.

Em 1519, Frei Batista conheceu Caetano de Thiene e o acompanhou até a fundação dos primeiros clérigos regulares (os Teatinos). Com uma grande cultura teológica e bíblica, patrística e ascética, o dominicano imaginava a vida espiritual como uma experiência em contínuo movimento, como uma tensão para a total vitória sobre si mesmo e para a união mística com Deus, confirmada na prática das obras de caridade apostólica para com os irmãos.

Para ele – como depois para Antonio Maria – era necessário atacar e vencer a pusilanimidade, entendida como o medo em não conseguir algo; a tibieza, ou seja, resignar-se à mediocridade; e o que ele chamava de “costume”, isto é, a prática cristã habitual e exterior, típica de tantas

pessoas que frequentam a igreja sem viver cristãmente.

Para ele, como para seu santo discípulo, o único mestre com quem se aprende a viver espiritualmente é Cristo crucificado. De fato, nosso protagonista considerava Frei Batista como “meu santo junto a Deus que me tira das minhas imperfeições, pusilanimidade e soberba”; enquanto os Padres Barnabitas e as Irmãs Angélicas o definiram como o “nosso primeiro pai e fundador”, embora os acontecimentos posteriores aconselharam a estender sobre ele e seus livros um véu de silêncio por causa da investigação e de um processo da Inquisição.

... e a condessa Torelli

Uma das mais significativas conquistas apostólicas de Frei Bautista, como já vimos, foi Ludovica Torelli, nobre dama, que, apesar de sua jovem idade, tinha uma dramática história. Filha única de Aquiles Torelli, senhor de Guastalla, e de Verônica Pallavicini, havia se casado aos dezoito anos com o conde Ludovico Stanga de Cremona. Nesta cidade entrou em contato com a família Zaccaria e de modo especial com Antonietta Pescaroli. Não podemos dizer que seu matrimônio fora feliz; primeiro foi a morte de sua mãe, depois de seu bebê e, três anos depois, morre também seu marido.

Na verdade, não foi esta uma grande perda. Ludovico era um jogador empedernido que havia dissipado boa parte de sua fortuna, criando-se numerosos inimigos na corte. Sua morte foi como que uma libertação.

Outras tragédias chegaram a Ludovica. Depois de viúva, voltou a Guastalla, assediada pela avidez dos parentes, que desejavam sua herança. Sem pensar muito e quase que por despeito, voltou a se casar. Seu novo marido, Antonio Martinenghi de Bréscia, tinha um forte temperamento, prepotente e irascível e com um passado criminal.

Tiveram um filho que morreu poucos meses depois de nascer. Seu marido a culpou e a ameaçou várias vezes de morte. Para a sua sorte, em uma briga com o irmão de sua primeira mulher levou a pior e também foi morto. Apesar disto, Ludovica se ocupou de educar na fé a sua enteada Martinenghi.

É necessário dizer que, embora gostasse da vida da alta sociedade, a condessa havia sido sempre particularmente generosa com os pobres,

ajudando-os de várias formas. Mas o ambiente da corte continuava atraindo-a, e mais de um nobre demonstrava interesse para com a jovem viúva. Para ela, porém, o projeto de um terceiro matrimônio se apresentava cheio de incógnitas e riscos.

Foi Frei Batista, que se encontrava em Guastalla naquele tempo, quem a chamou energicamente para a realidade da vida. Sem papas na língua, o dominicano lhe recordou que, embora rica e nobre, teria que acertar as contas com Deus em algum momento, e por isso devia deixar de dar escândalo. Além disso, lhe fez entender, mesmo do ponto de vista humano, que tipo de vida era a dela? Uma mulher obrigada a andar com uma escolta de cinquenta homens armados para garantir-lhe a segurança fora do castelo. Para ela só havia um modo de encontrar a serenidade e dar sentido a sua viuvez; despojar-se de suas riquezas para socorrer os pobres e escolher Deus para o resto de seus dias.

Ludovica conseguiu ver que aquela cadeia de desgraças, que a haviam entristecido todos aqueles anos era um sinal da misteriosa pedagogia de Deus. Descartada a ideia do convento, que teria desencadeado o assalto a seus bens por parte de seus parentes, despediu-se do luxo da corte, começando um novo estilo de vida. Tomou como modelos Santa Maria Madalena, da qual Jesus havia expulsado sete demônios; Santa Isabel da Hungria, esposa do rei Luís IV que, tendo ficado viúva, dedicou-se inteiramente as obras de caridade, levando uma vida paupérrima; e ao Apóstolo Paulo (de quem tomou também o nome), o grande convertido, que havia encontrado a Cristo ressuscitado no caminho de Damasco, e do qual Frei Batista era particularmente devoto.

Das palavras, a condessa passou, imediatamente, às obras. Em 1530 a encontramos em Milão onde havia aberto, junto à basílica de Santo Ambrósio, uma espécie de “casa de acolhida” para mulheres decididas a mudar de vida. Frei Batista Carioni era o diretor espiritual. De volta a Guastalla fez uma parada em Cremona, onde havia vivido seus primeiros três anos de casada.

Quase não reconheceu a cidade, de tanto que havia mudado pelo trabalho evangelizador de Antonio Maria; e quando soube quem era o autor deste “milagre”, foi a São Vital para escutá-lo. Tendo-o conhecido pessoalmente, ficou profundamente impressionada. As duas almas se entenderam rapidamente e Ludovica convidou Antonio Maria a ir a

Guastalla para repetir a experiência realizada em Cremona.

Teria sido esta a etapa intermediária antes da ida para Milão, onde o santo encontraria o terreno apropriado para levar a cabo seu programa de renovação cristã.

Entre os projetos apostólicos de Frei Batista estava a capital lombarda, que, tendo encaminhado anteriormente a Caetano de Thiene para Roma, esperava dar vida também em Milão a um novo núcleo de reformadores.

Capítulo VI

O homem certo no momento certo

Milão, 1529. Depois da derrota dos franceses, a cidade ficara nas mãos do exército imperial de Carlos V. Ao morrer Francisco II Sforza, em 1535, Milão e todo o ducado fica sob a dominação espanhola.

É fácil imaginar o que significaram, em termos de sofrimento humano, as guerras daquele período, a alternância de exércitos mercenários que espalhavam o terror e a destruição por onde passavam.

E Milão, durante o século XV, havia conhecido momentos de esplendor. Os Sforza haviam construído o seu castelo, ao qual o grande Leonardo da Vinci havia dado uma nota de prestígio com os famosos afrescos da Sala dos Assis, além de ter assinado a incomparável pintura do Cenáculo no refeitório dominicano de Santa Maria das Graças, convento no qual residiu Frei Batista. Em 1457 Filarete começou a construção do Hospital Maior, o primeiro hospital leigo no mundo, enquanto se continuava a construção da Catedral dedicada ao nascimento de Maria.

Tal esplendor se chocava com a decadência causada não só pelo empobrecimento da produção agrícola e industrial, mas, sobretudo, pela paralisação das atividades comerciais, devido ao peso excessivo dos impostos, as frequentes carestias e as epidemias (depois da peste de 1524, chegaria a de 1530).

Do ponto de vista religioso a situação não era menos grave. O cardeal Ascanio Sforza, irmão de Ludovico o Moro, senhor de Milão e bispo comendatário de Cremona desde 1486 até sua morte em 1505, estava entre os que haviam batalhado para que fosse eleito papa o espanhol Rodrigo Borgia (Alexandre VI). Seu cunhado Hipólito de Este (1497-1519), com apenas 18 anos, havia sido nomeado arcebispo da diocese Ambrosiana. Justamente Ângelo Maio afirma que com ele e com seu

sucessor, Hipólito II (1519-1550), “a Igreja Ambrosiana viveu um dos momentos mais obscuros de sua história. (...). Bispos, somente de nome, na realidade foram senhores do Renascimento com seus gostos, sua sensibilidade e as preocupações humanas e políticas, certamente não pastorais”.³¹ De fato, quem mandava era o duque (primeiro, Ludovico o Moro e depois Francisco II Sforza), que dispunha a seu bel prazer dos benefícios eclesiásticos e dos mosteiros. Hipólito I nunca recebeu as ordens sacras e em 1519, quando renunciou à sede do arcebispado, a transferiu para o seu sobrinho, também chamado Hipólito, que tinha à época só 10 anos de idade.

Não era melhor a situação entre os religiosos e as freiras. O relaxamento e a corrupção haviam entrado também nos mosteiros. Podemos imaginar a confusão que existia entre os fiéis: como a hierarquia estava ocupada com outras questões, estes decidiram atuar por conta própria, cultivando as devoções populares, sobretudo, ao Crucifixo, à Virgem Maria e aos Santos, também ao culto eucarístico fora da missa. Por exemplo, nasce neste tempo, por obra de Antonio Bellotti, agostiniano de Ravena, abade comendatário de Grenoble, a prática das Quarenta Horas, inicialmente reservada a pequenos grupos, que mais tarde será retomada e continuada, de forma solene por Antonio Maria que a abriu para a participação de todos os fiéis.

Não obstante a omissão do clero, o povo de Deus buscava novos caminhos para manter viva a essência da doutrina e dar vida a extraordinárias formas de apostolado, de culto e de caridade.

Entre tantas sombras, existia em Milão uma luz: o pequeno oratório da reforma, chamado de Eterna Sabedoria.

Segundo o padre barnabita Horácio Premoli, quem o fundou foi o próprio Antonio Bellotti que havia sido enviado a Milão por Santa Joana de Valois, irmã do rei da França, Carlos VIII, para promover a paz entre os soldados e os cidadãos.

No mosteiro das agostinianas de Santa Marta –nome da rua atual que começa na Rua Cappuccio, chegando até as Praças Massaia e Mentana e a Rua São Maurílio –reuniu-se um primeiro grupo de pessoas desejosas de colocar em prática uma reforma pessoal. Junto a Antonio Bellotti havia uma mulher de grande valor, Madre Arcângela Panigarola (1468-1525), priora do mosteiro. Juntos animavam este cenáculo que

logo abriria suas portas aos cidadãos de todas as condições sociais: eclesiásticos, religiosos, religiosas, leigos de ambos os sexos, inclusive casados, suscitando uma explosão de carismas que logo dariam seus frutos. Entre seus membros mais ilustres no campo eclesial encontramos inclusive três futuros papas Leão X, Pio IV e São Pio V; o dominicano Miguel Ghislieri, então inquisidor de Milão, que uma vez elevado à cátedra de Pedro, chamou os Padres Barnabitas para Cremona, depois para Monza e para Vercelli, abrindo-lhes também a perspectiva de irem para Portugal. Junto a estes, outro inquisidor, Melchiorre Crivelli, bispo de Tagaste e sufragâneo de Hipólito II de Este, que em 1547 consagrará a igreja mãe da ordem, São Barnabé em Milão. E também Serafim de Fermo, célebre pregador, companheiro na universidade e depois íntimo amigo de Antonio Maria.

O nome de Eterna Sabedoria lembra a obra mestra da mística medieval, *O livro da Eterna Sabedoria*, escrito pelo beato alemão dominicano Enrique Suso. Esse nome se deve à mesma Panigarola; uma figura carismática dotada de dons sobrenaturais, entre eles o espírito de profecia. O próprio Bellotti o confirma ao contar uma visão da religiosa: “O primeiro de agosto”, escreve o agostiniano sem especificar o ano, “que é dedicado à Eterna Sabedoria, estando esta serva do Senhor em seu oratório rezando com grande fervor pelos discípulos da Sabedoria (...) foi elevada em espírito e viu o Senhor, em forma humana, sentado em uma cadeira alta e muito bela (...); enquanto esta alma se encontrava assim, o anjo que a guiava lhe disse: ‘Presta atenção, que agora verás chegar todos os discípulos da Eterna Sabedoria’. Imediatamente ela viu chegando uma multidão de homens e mulheres, que ela conhecia nesta vida mortal, vestidos segundo seu próprio hábito, frades, freiras, religiosos e leigos”.³²

Particularmente interessante este grupo de “discípulos” de condição heterogênea, unidos no único intento de seguir a Cristo em total fidelidade à fé católica, em um momento em que a heresia se difundia pelo norte da Europa. Há, também, um fato relacionado a Arcângela Panigarola, em 1518, enquanto estava absorta em oração, lhe foi revelado que da Eterna Sabedoria haveriam de surgir “ministros novos que com esforço apostólico e com a exemplaridade de suas vidas revitalizariam a disciplina dos eclesiásticos e os costumes do povo”.³³ Para esta profecia Antonio Maria chamará a atenção de seus primeiros

seguidores, escrevendo-lhes: “Se souberdes quantas promessas foram feitas a vários santos e santas sobre esta bendita renovação, e todas tem que ser levadas a cabo nos filhos e filhas de nosso pai, a menos que Cristo não lhes tenham querido enganar, o que não podia fazer, por ser fiel cumpridor de suas promessas”.³⁴

Panigarola faleceu em 1525 e três anos depois a seguiu Antonio Bellotti. A morte deles pôs em crise o grupo que já havia sido dizimado pela peste de 1524. Mas foi precisamente neste momento que chegaram a Milão Ludovica Torelli, seu novo capelão e Frei Batista.

Estamos em 1530. Na cidade, os três entram logo em contato com o oratório da Eterna Sabedoria onde Antonio Maria fica conhecendo duas nobres pessoas do lugar: Tiago Antonio Morigia (1497-1546) e Bartolomeu Ferrari (1499-1544), colunas da futura ordem barnabítica que os reconhece como co-fundadores. Seus passos – inicialmente diversos – em um certo momento confluem com os de nosso protagonista num providencial desejo de reforma.

O “galá Morigia” se converte

Chamavam-no mesmo assim: o “galá Morigia”, este nobre pela sua elegância, de gestos majestosos e de espírito aberto, culturalmente formado segundo os cânones humanísticos da época, havia estudado retórica, matemática, música, canto, dança e frequentava a alta sociedade, estimulado por sua mãe que tendo ficado viúva muito jovem, se inclinava para a vida mundana. Não é que fosse um libertino. Simplesmente Deus, em sua vida, ocupava um lugar secundário; de vez em quando, porém, o jovem ia ao mosteiro de Santa Margarida em Milão, onde viviam algumas freiras, que eram parentas suas; elas o exortavam a uma vida mais voltada para a prática cristã.

Um dia, exortado por elas, prometeu que iria orientar-se com o confessor do mosteiro, padre João Bono de Cremona. Prometeu e cumpriu. Depois do primeiro encontro, que Francisco Moltedo define “de pura conveniência”, voltou outras vezes a ver o sacerdote. E chegou a uma repentina conversão: “chorou lágrimas amargas”, segundo seu biógrafo, “por seus extravios (...) e como havia prometido a Deus, se dedicou a uma vida austera”.³⁵

Como era lógico, toda a cidade comentou a súbita mudança

de comportamento; muitos julgaram a Tiago Antonio Morigia simplesmente vítima de uma crise passageira de fanatismo, entre estes até sua mãe, para a qual a mudança de comportamento de seu filho significava uma dura censura. Mas, com o passar do tempo, Tiago Antonio parecia mais convicto em sua escolha.

Foi assim que chegou ao oratório da Eterna Sabedoria; isto significava para ele renunciar o seu rico vestuário para usar roupas modestas e, mais tarde, uma túnica talar; se submeter a severas mortificações, ajudar os necessitados, visitar os enfermos e rezar muito. Passava horas diante do Crucifixo, meditando sobre a paixão do Senhor. Como sua padroeira havia escolhido a Santa Maria Madalena.

Não o impressionavam os comentários divertidos e irônicos de seus antigos amigos, quanto mais eles caçoavam dele, mais entusiasmado ficava para continuar em sua caminhada, intensificando as penitências e a assistência aos pobres e aflitos. Pouco a pouco, os milaneses se deram conta de que estavam diante de um que havia levado a sério o Evangelho e começaram a apreciá-lo. Alguém tentou colocá-lo à prova e um dia lhe ofereceram a rica abadia de “São Victor ao Corso”, que tinha sido dada em benefício ao cardeal Hipólito de Este, então nomeado arcebispo de Milão. Uma oferta que por um lado lhe permitiria ajudar mais os pobres, mas ele teria que retornar inexoravelmente àquele grupo da sociedade, que havia abandonado. De nada serviram as insistências e fortes pressões de seus parentes, animados pela perspectiva de aumentar o patrimônio familiar com as rendas daquela abadia; sua negativa foi firme e definitiva.

Em 1530 volta à cidade a epidemia da peste; Tiago Antonio se dedica sem descanso a ir aos leitos dos enfermos para confortá-los no corpo e no espírito, não deixa de chamar as pessoas à prática da penitência e à prática religiosa. Nesse intento, o viam com o Crucifixo na mão percorrendo as ruas. Um gesto que valia mais que um sermão.

O advogado dos pobres

Ao contrário de Tiago Antonio Morigia, Bartolomeu Ferrari, apesar de ter ficado órfão muito jovem, quando tinha dois anos, havia sido educado com os princípios cristãos por um parente seu. Tanto é que já desde

jovem era apresentado como exemplo por sua espontânea religiosidade e, sobretudo, pela solidariedade instintiva para com os pobres.

Aos dezoito anos, tendo concluído o ciclo dos estudos humanísticos, foi a Pavia doutorar-se em leis.

Um acontecimento nos revela o quanto ele era querido na cidade. Um de seus irmãos, Basílio, que era cônego em Milão, havia decidido transferir-se a Roma. Antes de se separarem, os dois fizeram a separação de bens. Como Bartolomeu era menor de idade (naquela época a maioridade se alcançava aos vinte e cinco anos), segundo as leis vigentes, precisaria nomear um procurador para administrar sua parte da herança. Mas o senado de Milão, considerando o jovem suficientemente maduro e de confiança, derogou a lei isentando-o desta obrigação. Um sinal evidente de confiança.

Em Pavia, o jovem esteve por vários anos, comportando-se de maneira exemplar, pelo que sabemos; mas o ambiente universitário não era para ele; por isso voltou para Milão, também porque já se sentia mais inclinado para o sacerdócio do que para os tribunais ou os estudos jurídicos. Colocaria sua competência jurídica e cartorial a serviço dos pobres, quando estes necessitassem.

Vestindo o hábito clerical, se esforçou em um apostolado ativo entre os pobres, os enfermos e as jovens em perigo.

Começou a ensinar o catecismo para as crianças, reunindo-as nos dias festivos com uma fórmula que antecipava a dos “oratórios”, influenciando outros párocos para que fizessem o mesmo. Mas foi por ocasião da peste de 1524 que Bartolomeu demonstrou sua heroica dedicação; em uma sua propriedade, fora da cidade, próxima a Porta Vercellina, abriu um leprosário que ele visitava diariamente para atender a cada doente, com especial atenção aos mais necessitados. E, se fosse necessário, os visitava também em casa.

Terminada a emergência sanitária, despediu todos os ajudantes, ficando com o mínimo necessário de roupas e alimentos para ajudar a quantos, entre os sobreviventes da epidemia haviam perdido seus familiares ou não tinham quem cuidasse deles.

Em Roma seu irmão Basílio, evidentemente informado pelos parentes inconformados com o que estava sucedendo em casa, lhe escreveu várias vezes, quase que o reprovando e o convidando a não ser

excessivamente generoso; mas ele respondeu que sofria menos dando a vida por aqueles pobres do que vendo-os morrer de fome.

Foi por causa da epidemia de 1524 que Tiago Antonio Morigia e Bartolomeu Ferrari se encontraram e imediatamente concordaram na escolha de vida. Daquele momento em diante, o oratório da Eterna Sabedoria se converteu em sua segunda casa.

Enquanto isso, em Guastalla

Se em Cremona a partida de Antonio Maria havia causado uma certa tristeza, em Guastalla sua chegada entre 1529 e 1530 foi motivo de grande alegria.

Frei Batista tinha morado por um tempo na corte de Ludovica Torelli, suscitando nas possessões da condessa um vivo despertar da prática religiosa. Agora a expectativa era a de alimentar adequadamente esse despertar, isto é, repetir o que Antonio Maria havia feito em Cremona.

O santo não perdeu tempo e começou com o catecismo para as crianças, como havia feito em São Vital. Reunia-os à noite, atraindo sua atenção com uma linguagem original e eficaz como se depreende de seus escritos. Assim, pouco a pouco, àquelas crianças se uniram também os adultos. Em seguida, diante de seu confessor, se formavam filas de penitentes decididos a mudarem de vida.

Certamente, ao menos no princípio, sentia falta de Cremona e por isso mantinha contatos com os ‘Amigos’ de sua cidade, escrevendo-lhes cartas inflamadas, parecido com o que fazia o Apóstolo Paulo com as comunidades cristãs que evangelizou, ou indo, de vez em quando, vê-los pessoalmente, para animá-los a manter o fervor dos primeiros tempos.

Uma destas cartas – datada de 28 de julho de 1531 – tem como destinatário um advogado de Cremona, Carlos Magni, que lhe havia escrito pedindo-lhe alguns conselhos sobre o modo de comportar-se como cristão em sua profissão; mais precisamente, sobre como conseguir manter-se em contato com Deus durante o trabalho que desempenhava, aberto a diversos contatos com o público. A resposta de Antonio Maria é uma pequena obra de arte de espiritualidade: “Eu tenho rezado sempre por você diante do Cristo Crucificado, porque preciso aprender primeiro o que eu

quero ensinar-lhe”. Três são as sugestões principais para estar unidos a Deus. “Primeira coisa: faça suas orações pela manhã, à tarde, em qualquer hora, preparando-se antes, ou de acordo com a ocasião; de todas as maneiras: deitado na cama, ajoelhado, sentado, ou de qualquer outro jeito que você quiser, principalmente antes de começar as atividades do dia; que essas orações não tenham formas já estabelecidas, e durem um pequeno espaço de tempo, ou longo, conforme Deus permitir.” Ou seja, sempre. Sabendo que esta prática não é fácil, porque, explica o santo, ao homem lhe é difícil recolher-se e “acha difícil ficar concentrado numa coisa só e, para o homem que tem o mau hábito de ficar distraído, unir-se a Deus é mais difícil ainda. (...) Mas o que parece impossível, se torna muito fácil com a ajuda de Deus, desde que não neguemos a nossa colaboração e tenhamos aquele cuidado e esforço pessoal, que são dons de Deus para nós.”

É preciso comportar-se com ele como se fosse com um amigo, esta é a segunda sugestão. Quando se tem alguma coisa urgente para fazer, se pede ao amigo que espere um pouco, até que tenhamos terminado o trabalho: “É desse jeito que você deverá fazer: praticamente não haverá prejuízo para seus estudos e ocupações. Antes de começar qualquer coisa, diga espontaneamente ao Cristo umas poucas palavras e, ao longo do dia de trabalho, eleve sua mente a Deus frequentemente. Isso será muito bom e você não vai perder nada se comportando assim”. (...).

E agora a terceira sugestão: (...) “esforce-se para conhecer os seus principais defeitos e, acima de todos, aquele defeito que, como comandante geral, chefia os outros que existem em você.” O principal objetivo é fazê-lo desaparecer. Conclui o santo: “Observando tudo isso, você chegará à intimidade com o Cristo Crucificado.”³⁶

Quando escrevia estas linhas, Antonio Maria estava já em Milão com a condessa Torelli. Esta, guiada por Frei Batista e animada pela presença de Antonio Maria que abria perspectivas novas em sua vida, havendo inclusive mudado o seu nome de Ludovica para o nome de Paula. Decidiu também vender o seu feudo para se dedicar mais intensamente às coisas espirituais; com o que ganharia, a nobre senhora, pensava em construir um mosteiro em Milão. Parecia que a questão se podia resolver em pouco tempo, no entanto surgiram várias dificuldades, seja por parte de seus parentes rancorosos, decididamente contrários à venda que julgavam ser um “desperdício de uma antiga glória”, mas que na

realidade os privava do dinheiro esperado, seja, sobretudo, pelos ciúmes e rancores dos príncipes que confinavam com o feudo.

Para desfazer a confusão, Antonio Maria pensou em pedir a Tiago Antonio e a Bartolomeu que o ajudassem (este último, entre outras coisas, era entendido em assuntos jurídicos). Pediu também que se apressassem em ajudá-lo a colocar as bases dos institutos nascentes. E ele o fez com uma estupenda carta escrita em 4 de janeiro de 1531, a segunda das onze que nos ficaram. Nela encontramos a famosa frase: “correr como loucos não só para Deus, mas também para o próximo”. Vale a pena citar alguns passos, começando pelo início: “O Deus da paz e de toda graça os guarde e lhes conceda aquela firmeza e decisão em tudo o que fizerem e desejarem, como eu gostaria”.

O teor do começo da carta faz pensar que Tiago Antonio e Bartolomeu, co-dividindo o ideal e apreciando o entusiasmo de Antonio Maria, hesitassem em unir-se a seu projeto, talvez por não se considerarem à altura. “Coitados de nós! acrescenta Antonio Maria. A firmeza e a decisão que devemos ter para fugir do mal, não as estamos usando para fazer o bem; tanto é verdade, que eu me admiro muitas vezes com a grande falta de firmeza que está em mim e isso vem de longe!” (...) A falta de firmeza, antes de mais nada, atrapalha o homem: ele não progride, fica como quem está entre dois ímãs: não é atraído nem por um, nem pelo outro; isso quer dizer que ele não faz o bem agora, porque se preocupa com o futuro, nem se prepara concretamente para o futuro, porque perde tempo agora e não acredita no futuro. Querem saber com quem este homem se parece? Com quem tem a pretensão de amar duas coisas opostas. É igual àquele que quer caçar dois coelhos ao mesmo tempo: um foge e o outro escapa! Enquanto o homem ficar indeciso e cheio de dúvidas, é certo que não vai fazer coisa boa: é a voz da experiência, eu nem preciso falar.

A falta de firmeza, antes de mais nada, atrapalha o homem: ele não progride, fica como quem está entre dois ímãs: não é atraído nem por um, nem pelo outro; isso quer dizer que ele não faz o bem agora, porque se preocupa com o futuro, nem se prepara concretamente para o futuro, porque perde tempo agora e não acredita no futuro. Querem saber com quem este homem se parece? Com quem tem a pretensão de amar duas coisas opostas. É igual àquele que quer caçar dois coelhos

ao mesmo tempo: um foge e o outro escapa! Enquanto o homem ficar indeciso e cheio de dúvidas, é certo que não vai fazer coisa boa: é a voz da experiência, eu nem preciso falar. E tem mais: a falta de firmeza deixa o homem instável como as fases da lua. E não acabou não! O homem indeciso está sempre inquieto, nunca se sente satisfeito; mesmo quando está muito alegre, fica triste facilmente, fica irritado e procura facilmente suas compensações.“

Ao reafirmar que esta indecisão é o efeito e a causa da tibieza, acrescenta: “Quem quiser apontar as tristes consequências e as causas da falta de firmeza, vai levar mais de um ano; a verdade é que, se o mal fosse só esse, já seria até demais, porque, enquanto o homem fica duvidando, não consegue fazer nada”.

Do diagnóstico passa a terapia: “Para fugir desse defeito, temos duas saídas que o próprio Deus nos indica: a primeira nos ajuda, quando somos obrigados a fazer ou a deixar de fazer alguma coisa ali na hora: qual a saída? É elevar nossa mente, pedindo o dom do conselho; em outras palavras, quando acontece uma coisa repentina e imprevista, que exige providências rápidas, aí é que elevamos a mente a Deus, pedindo que nos inspire o que temos que fazer: desse modo, sob a inspiração do Espírito Santo, não vamos errar. A segunda é que, tendo tempo e oportunidade para pedirmos orientação, vamos ao nosso orientador espiritual e, conforme o que ele disser, fazemos ou deixamos de fazer algum trabalho ou outra coisa qualquer”.

Mas “pois, nos caminhos de Deus precisamos, antes de mais nada, de prontidão e dedicação (...).Coragem, irmãos! Levantem-se de uma vez por todas e juntem-se a mim, porque eu quero que arranquemos juntos esta erva daninha, se é que ela também está em vocês. Mas, se ela não pegou em vocês, venham ajudar-me, pois em mim, ela está plantada no coração”.

E aqui o convite final: “Oh! Meus amigos, para quem eu estou escrevendo? Ora, para os que agem de verdade e não para os que ficam só falando, como eu. (...).Coragem, irmãos! Se até agora houve alguma falta de firmeza em nós, vamos jogá-la fora junto com a negligência e corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo, pois é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus, porque Ele não precisa de nossos bens”.

A carta provocou uma reação imediata sobre Tiago Antonio e Bartolomeu, reanimados pelo choque, que talvez esperassem, para começar aquela estrutura na qual se havia encarnado a reforma por todos desejada. Os dois foram a Guastalla para se reunirem com os outros três protagonistas – Antonio Maria, Paula Torelli e Frei Batista –; se hospedaram no castelo da cidade, residência da condessa, edifício que Domingos Giunta começou a construir em 1520 e hoje destruído. Pelo que se sabe estiveram ali alguns meses tentando regularizar os negócios da condessa; mas, como a venda do feudo se havia revelado mais complicada do que o previsto, decidiram ir para Milão para solucionar o problema. Só depois de alguns anos, a propriedade da condessa Torelli passou para os Gonzaga.

Uma coisa parece clara aos nossos cinco amigos: nesta ação renovadora, todos os membros do Cenáculo da Eterna Sabedoria estariam implicados. E como eram de diferentes estados de vida, cada um colocaria seu próprio carisma a serviço da ação comum.

Antonio Maria foi logo reconhecido como o líder capaz de harmonizar as distintas contribuições e organizá-las estavelmente. Tendo em mente com precisão o projeto, aceitou o encargo de guiar o grupo, conseguindo se sair bem, pois tinha o respaldo de Frei Batista e da condessa Torelli que garantiria os meios econômicos necessários para o projeto e podendo contar com dois colaboradores entusiastas como Tiago Antonio Morigia e Bartolomeu Ferrari.

Antes de começar a trabalhar, considera oportuno fazer uma última visita a Cremona. Talvez intuindo, como os santos, que lá não voltaria nunca mais. Só lhe interessava uma coisa: que os frutos da renovação durassem mais que uma estação.

Capítulo VII

Revolucionário de Deus

Além de Tiago Antonio e Bartolomeu, Antonio Maria reencontrou em Milão Frei Bueno Lizzari, um eremita natural de Cremona a quem as pessoas chamavam de “padre” em sinal de respeito, apesar de não ser sacerdote. Depois de ter ido em peregrinação a Santiago de Compostela, a Roma e a Jerusalém, as três grandes metas de devoção de então, em 1529 tinha aberto em sua cidade um centro de acolhida para órfãos e tinha apoiado as iniciativas de Antonio Maria. Depois de o ter seguido para Milão, a um certo momento expressou seu desejo de retirar-se a um eremitério para viver em solidão. Antonio Maria o exortou, conseguindo por fim convencê-lo de que se unisse ao pequeno grupo que estava se formando ao seu redor. Entre outras coisas, fazia-se acompanhar pelo eremita para favorecer a difusão das práticas de piedade que em Cremona eles haviam conseguido implantar: a de tocar os sinos às três da tarde de cada sexta-feira, recordando a Paixão de Cristo, e a adoração solene ao Santíssimo Sacramento exposto publicamente no altar, as chamadas Quarenta Horas.

Ao chegar a Milão, Antonio Maria e Frei Batista se hospedaram na casa de Ludovica Torelli, uma casa que a condessa tinha não longe da basílica de Santo Ambrósio; ali o grupo se reunia todos os dias para se ajudarem mutuamente na empreitada que estava nascendo sob o impulso da condessa e com o apoio concreto de Antonio Maria.

Ludovica havia reunido algumas mulheres, solteiras e casadas, decididas a segui-la em seu caminho de oração e caridade; não precisou muito para que a pregação inflamada e completamente nova de nosso protagonista incendiasse e atraísse outros fiéis cada vez mais numerosos.

Em pouco tempo tomou corpo o projeto definitivo, caracterizado por uma forte inspiração paulina que perpassa o tríptico programa: a consagração a Deus, a reforma de si mesmo e a salvação do próximo.

As crônicas antigas apresentam Antonio Maria como *fidelissimus sectator*, um seguidor apaixonado do Apóstolo Paulo; este é escolhido como patrono, guia e modelo das congregações que estavam surgindo, as primeiras, na história da Igreja, inspiradas no Apóstolo dos Gentios.

Podemos então perguntar o porquê desta escolha; encontramos a resposta nos escritos de Antonio Maria que na pregação e na direção espiritual oriente para uma conversão “violenta” das almas, exatamente como aquela repentina de Saulo no caminho de Damasco. Vontade decidida e “fogo” do espírito são a base de todo o seu pensamento e sua atividade; trata-se de destruir o homem velho e criar o homem novo.

A referência ao magistério de Paulo é contínua; nos *Sermões*, as ideias fortes mais repetidas procedem das cartas paulinas, que são citadas uma centena de vezes nos poucos escritos que temos do santo.

Paulo é visto como o campeão na luta implacável contra a mediocridade, “a tibieza”. Antonio Maria, bom conhecedor da Escritura, encontra em Paulo o pensamento mais correspondente ao próprio ideal apostólico; sua combatividade se fundamenta na “loucura da Cruz” que se contrapõe à mentalidade terrena, enquanto a contemplação de Cristo crucificado não é um fim em si mesmo, nem simples diálogo com o Senhor, mas dinamismo pastoral que o empurra inevitavelmente a conquistar as almas.

O espírito paulino de Antonio Maria é apontado de forma unânime por todos os seus biógrafos, desde João Antonio Gabuzio. Padre Batista Soresina, em suas preciosas *Atestações*, nos informa como o santo “continuamente tinha entre as mãos as cartas de Paulo; e lendo-as sentia muito gosto, por isso as lia como se cantasse”.³⁷

Evidentemente, Antonio Maria havia escolhido Paulo como modelo também porque se via refletido em alguns aspectos de seu caráter. Do apóstolo ele gostava, sobretudo, a capacidade de resolver, a rejeição de todo comprometimento e de toda mediocridade, o gastar-se sem reservas, aquele equilíbrio entre dureza intransigente e ternura para com os seus, como também ter respondido a Cristo de uma vez por todas. O tipo ideal para um homem “decidido” como ele.

Quando fala do modelo, usa um leque de nomes que nos falam de toda sua admiração pelo apóstolo; em seus *Sermões* o qualifica como “verdadeiro amigo de Deus, nosso incomparável chefe e patrono, nosso

apóstolo, sapientíssimo doutor das gentes, pai e guia, pai glorioso”. Nas *Cartas*, ele o vê como santo, modelo de toda virtude, mestre não só da verdade, mas também da vida. Ele o chama “douto Paulo, casto Paulo, Paulo Santo, beato pai, divino pai, doce pai, pai Santo”. Entende-se então porque assina suas cartas com um apelativo particular: “Antonio Maria sacerdote, sacerdote de Paulo Apóstolo”.

Tipicamente paulina é também a referência ao Crucificado e ao “oprobrio de Cristo”, que está na base do organizado programa zaccariano e que motiva a consagração a Jesus que nos tem amado e se entregado por nós; a renúncia pessoal como único modo para viver tal consagração, o desgastar-se em favor dos demais e o dom apostólico de si aos irmãos; nenhum dos quais deve se perder porque todos foram comprados por preço um caro com o Sangue de Cristo.

Nasce a ordem

Depois de Tiago Antonio Morigia e Bartolomeu Ferrari, juntaram-se a Antonio Maria dois outros companheiros, também da Eterna Sabedoria, o sacerdote Francisco de Lecco e um leigo chamado, Tiago de Casei.

O campo de trabalho era o de sempre: além da catequese, da pregação, as confissões, logo assumidos por Antonio Maria; havia enfermos para visitar nos hospitais ou em suas casas, pobres para socorrer, mulheres para retirar dos perigos das ruas. Aqui os leigos se demonstraram preparados para dar sua preciosa colaboração. Frei Bono, entretanto, abria um centro de acolhida para as mulheres em dificuldade ou decididas a mudar de vida, que foram acolhidas em uma casa comprada próxima de Santa Valéria, não longe de Santo Ambrósio; mais tarde se transformaria no mosteiro das Convertidas.

A iniciativa teve tanto êxito a ponto de as dependências ficarem pequenas e Antonio Maria se tenha visto obrigado a alocar um outro grupo numeroso de mulheres em outro lugar, próximo da Porta Ludovica. Destas mulheres se encarregava o jovem Francisco de Lecco que já tinha entrado na ótica “revolucionária” do líder, cuja fama se estendia por toda Milão, por meio de suas conferências espirituais que contagiavam positivamente outras almas generosas.

Entretanto Antonio Maria esperava muito de Bartolomeu Ferrari, convencendo-o a tornar-se sacerdote, mas ele era reticente, não acreditando estar à altura de tal compromisso. Foi Frei Batista quem o convenceu e no domingo de Páscoa de 1532, foi ordenado sacerdote. Segundo o costume da época, celebraria sua primeira missa somente no dia 08 de setembro de 1534, festa da Natividade de Maria. Em 1535, também Tiago Antonio Morigia abraçará o sacerdócio, enquanto Tiago de Casei o recusará sempre, apesar da insistência de Antonio Maria.

Agora se tratava de dar certa estabilidade jurídica ao grupo, de formar uma verdadeira e própria família religiosa. Antonio Maria estava convencido disso, e Frei Batista ainda mais. Porém para que isto se concretizasse era necessária a aprovação formal do Papa.

Em Roma, Basílio Ferrari, irmão de Bartolomeu havia feito carreira. Depois de deixar de ser cônego da igreja de Santa Fulcorina, em Milão, havia entrado para o serviço da Santa Sé, ganhando logo o apreço de Clemente VII que o nomeou seu secretário. Basílio era, portanto a ajuda ideal para obter a esperada aprovação. De fato, foi ele mesmo quem apresentou o pedido ao pontífice Clemente VII em nome de seu irmão e de seus companheiros.

Em Milão naqueles dias se rezou muito e se intensificaram as penitências. O Papa se deixou convencer pelos sólidos argumentos de Antonio Maria e no dia 18 de fevereiro de 1533 em Bolonha, - onde se encontrava para falar com o Imperador Carlos V, ao qual havia coroado em São Petronio três anos antes e que pedia para convocar um concílio para enfrentar a Reforma protestante - , firmou o *breve* de aprovação dos que depois em 1535 seriam chamados de Clérigos Regulares de São Paulo (embora entre eles, durante algum tempo, continuassem a se chamar de Filhos de Paulo).

Os historiadores não falam muito bem deste pontífice, da família dos Médici, que acusam de não ter compreendido a necessidade espiritual dos tempos frente ao avanço do protestantismo e a urgência de uma reforma sentida pela base da Igreja. Mesmo assim, os Barnabitas lhe são agradecidos por ter intuído logo, que aquele grupinho de sacerdotes milaneses, mesmo não tendo ainda uma sede própria, nem uma regra adequada, trabalhavam com seriedade e eram verdadeiramente inspirados por Deus para o bem da Igreja.

Sem dúvidas Basílio Ferrari teria dito uma boa palavra e é confirmada pelo fato de que o *breve* pontifício estava dirigido “aos queridos filhos Bartolomeu Ferrari e Antonio Maria Zaccaria”. Nos documentos sucessivos, no entanto, figurará sempre em primeiro lugar o nome de Antonio Maria. A rapidez com que foi resolvida a questão burocrática da aprovação também se deve certamente às boas informações que a partir de Milão, por meio do Duque Francisco Sforza, haviam chegado à corte papal. O *breve* contém de fato expressões de profundo apreço ao apostolado desenvolvido pelo grupo, enquanto indica claramente o ideal que anima os peticionários: despertar o espírito religioso no clero secular e no povo de Deus. O documento define, além disso, algumas características típicas dos novos Clérigos Regulares, ou seja, a profissão dos três votos solenes de pobreza, castidade e obediência, a dependência do bispo de Milão, a faculdade de viver a vida comunitária e a possibilidade de dar-se regras, “mudando-as segundo a exigência dos tempos”.

Na diocese ambrosiana, a notícia da aprovação foi considerada como uma mostra de apreço para com aqueles sacerdotes que se proponham a uma autêntica reforma interior e, em seguida, teve um efeito multiplicador, congregando em torno de Antonio Maria novos recrutas, e isto apesar de não existir ainda, uma comunidade formada. Antonio Maria Zaccaria, Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia estavam concluindo, colegialmente, o projeto. Mas em seguida, como veremos, não faltarão as provas e as perseguições.

Agora era necessário providenciar uma residência adequada às exigências da nascente Ordem, e como na região onde morava a condessa Torelli as moradias tinham os preços muito caros, alugaram então um local perto da Porta Ticinese, no território da paróquia de “São Vicente in Prato”; era a residência do capelão da antiga igreja de “Santa Catarina dei Fabbri”.

Para lá se mudaram Antonio Maria e Bartolomeu Ferrari, no dia 29 de setembro de 1533. Pouco tempo depois, deram-se conta de que a nova sede era pequena e, graças a uma generosa doação da condessa Torelli, seiscentos escudos de ouro, (uma fortuna para aqueles tempos), compraram a casa onde já estavam morando e mais três adjacentes.

Aos primeiros companheiros haviam-se reunido Camilo de Negri, irmão da angélica Paula Antonia, Dionísio de Sesto, também irmão de

uma angélica, Batista, Francisco Crippa e Melchiorre, chamado depois de Batista Soresina. O grupo começou assim, oficial e estavelmente a viver a vida comum (somente Tiago Antonio Morigia, a princípio, dormia na casa paterna).

Para o dia do ingresso, nosso santo quis que se levasse o estritamente necessário para a vida de uma pequena comunidade. O que, sobretudo, lhe importava, era a concórdia dos corações e a obediência absoluta ao superior, fosse ele quem fosse.

Mas faltava ainda, a regra e o fundador trabalhou nela, provavelmente sobre um esboço preparado por Frei Batista; de qualquer modo, é difícil saber até que ponto ele aproveitou o pensamento do dominicano que reelaborando de forma original, até porque as normas nasciam pouco a pouco, à medida que o grupo experimentava a vida comum. Antonio Maria ao final do ano de 1538 havia terminado a redação das suas *Constituições*, mas não foram promulgadas à espera de se ter o texto definitivo. As primeiras verdadeiras *Constituições* jurídicas seriam publicadas em 1552, treze anos depois da morte de Antonio Maria, a quem, como veremos, importava, mais o espírito que a letra daquelas normas.³⁸

Portanto, até aquele momento não se sentia a exigência de verdadeiras e próprias constituições que, aliás, estando vivo o fundador, nunca foram promulgadas. Na comunidade, afirma padre Antonio Gentili, “reinava um regime que poderíamos chamar de *capitular*. Todos os problemas da casa, desde os mais importantes aos mais banais, se discutiam e se resolviam em reuniões periódicas, sempre às quartas-feiras e às sextas-feiras. Destes encontros surgiam as ordens e as normas, tendo validade como leis obrigatórias, mas suscetíveis de eventuais revogações e revisões. (...). A primeira geração barnabita se oscilava entre o desejo de se dar uma fisionomia jurídica, até para evitar os inconvenientes da improvisação, da indeterminação e da descontinuidade, e a constatação prática da não tão evidente urgência ou utilidade ou mesmo da necessidade de elaborar um código de leis.

Só circunstâncias externas, como a visita apostólica do Monsenhor Leonardo Marini em 1552 e a intervenção direta do cardeal Carlos Borromeu em 1578-1579, levaram os Barnabitas a redigir *Constituições*”.³⁹

Conta um cronista

Um testemunho significativo da atividade do grupo de paulinos em Milão, é contado por um cronista, algo particular, um mascate, João Marcos Burigozzo, o qual com uma linguagem entre italiano e dialeto milanês, fala em sua *Crônica* de 1534 de “certos homens que tinham um elevado grau de santidade, e também mulheres, que haviam tido a permissão de tocar demoradamente o som da Ave Maria, todas às sextas-feiras, às 15:00 horas, horário em que Cristo expirou.

Se reúnem na catedral a essa hora, todos cabisbaixos e os braços estendidos (...). Veem-se em Milão certos padres com um mísero hábito, com um barrete redondo na cabeça, e todos sem chapéu, roupas iguais, vão com a cabeça baixa e vivem todos juntos próximo de Santo Ambrósio e dizem que fazem suas orações e vivem em comunidade, e todos são jovens”.⁴⁰

O exemplo de coragem destas pessoas não podia passar despercebido, sobretudo, porque todos “eram jovens”.

Antonio Maria pensava que o meio mais eficaz para despertar as consciências caídas em tibieza eram as penitências públicas.

Evidentemente, nem todos reagiram positivamente à provocação evangélica. Batista Soresina acrescenta que “vestindo mortificadamente, de cor castanho escura entre o preto e o vermelho (...), quando andavam desta maneira por Milão, todos esbravejavam (maldições) contra eles como se fossem loucos; os artesãos batiam seus instrumentos de trabalho nas bancas; as crianças e outros gritavam: ‘vejam, vejam os espantelhos, vejam os negros’ e outras coisas parecidas, como: ‘hipócritas, etc.’”⁴¹

Francisco Moltedo nos descreve com rápidos flashes o regime de rígida pobreza que se praticava no convento, se podemos chamá-lo assim, desta comunidade: “Pobreza em vestir, na alimentação, nos móveis. O hábito era como os sacerdotes da época usavam, mas de tecido grosseiro, simples, sem nada supérfluo; proibido o uso da seda (...)”.

Pobreza na alimentação: seu alimento ordinário eram hortaliças e legumes, peixes de baixo preço, queijo ou leite e alguma fruta, tudo simples. Só em alguma solenidade da Igreja se permitia o consumo de carne, mas de baixa qualidade, e muitas vezes eram cortes que, até os mais pobres jogavam fora. Em certos dias o prato era uma espécie de

pão com sangue frito. Vinho não havia nunca, algumas vezes se permitia mais que vinho com água, água tingida com vinho.

Os quartos eram paupérrimos: uma cama com um colchão duro, uma cadeira e uma mesa velha para estudar; nas paredes um Crucifixo e outra imagem para despertar devoção. As salas sem qualquer presença de luxo, tudo simples, onde se reuniam em determinadas horas para conferências espirituais e conversas edificantes.

Quanto ao alimento diário pode se dizer que viviam de esmolas; no mais, geralmente eram provenientes de doações da condessa Torelli.

O pouco que cada um havia levado consigo era colocado em comum, ninguém podia dispor a seu capricho. A maior parte das coisas servia para o culto divino, para dar esmola aos pobres ou para alguma necessidade extraordinária por enfermidade. Verdadeira vida comum, onde não existia o meu ou o teu, como se lê dos primeiros cristãos sob a direção dos apóstolos.⁴² Tudo segundo as *Constituições* que de fato prescreviam: “Não é lícito a ninguém com saúde comer carne, exceto nas seguintes solenidades: o dia de natal com os dois dias próximos, uma e outra Páscoa com os dois dias seguintes, a Assunção e a Natividade da Virgem Maria, a Natividade de São João Batista, a Conversão e o Martírio de São Paulo e o dia de todos os Santos.

As casas deviam ser simples (...), sem esculturas nem cores, só o branco. (...). Um só ficava com o dinheiro, o qual não deveria prover a casa com muitos alimentos, mas deverá gastar o capital em um mês, sob pena de expulsão.

Os móveis da casa deviam ser poucos e simples; as roupas baratas, e tais que um pudesse usar a batina do outro; as camas simples e sem adornos, com lençóis de lã.⁴³

Pobres, mas não sujos porque, continua o biógrafo, “por mais que amassem a pobreza e a penúria, eles mantinham aquela limpeza, que sem ser rebuscada, livra a pobreza própria dos conventos de todo aspecto de sujeira, mais apta para desagradar do que para atrair a admiração.

O luxo era, naquele tempo, a forma exterior da sociedade milanesa, e uma vida sórdida dos reformadores dos costumes poderia prejudicar a obra que começavam.⁴⁴

A programação da comunidade estava dividida por horários bem precisos. Levantavam-se bem cedo para fazerem juntos a hora de meditação

diante do Santíssimo Sacramento. Os sacerdotes celebravam a missa e recitavam o breviário; depois cada um saía para cumprir com suas próprias obrigações: um para o ministério da confissão ou a visita aos hospitais e às casas dos pobres, outro a Santa Catarina ou onde fosse necessário. Os sacerdotes deviam encontrar um tempo para o estudo da teologia ou a leitura de livros sagrados, especialmente as cartas de São Paulo.

Durante a alimentação – costume ainda vigente nas comunidades religiosas – lia-se um livro espiritual e, ao terminar, havia um tempo para conversar, como se faz nas famílias.

Pela tarde acontecia a hora da meditação, o jantar e depois de um breve recreio, fazia-se o exame de consciência e, recebida a bênção do fundador, em rigoroso silêncio cada um ia para o seu quarto descansar.

Os “coadjutores da reforma”

A fama que se havia criado ao redor de Antonio Maria se devia, sobretudo, aos discursos inflamados que dirigia aos sacerdotes e leigos. Reunia a todos quantos podia e se alguém se aproximava para escutá-lo, só por curiosidade, a um certo momento acabava conquistado por seu entusiasmo, também porque os mais fervorosos atraíam os tíbios.

Antonio Maria convidava a todos a falar livremente, sem obrigar ninguém; ele começava o diálogo com grande respeito para com seus interlocutores e, se em algo não estava de acordo com eles, encontrava o modo de intervir para corrigir, mas sem ofender, sempre com muito tato.

O projeto da reforma começado devia envolver toda a Igreja, desde o clero ao povo, desde a cúpula até a base: religiosos, religiosas e leigos que Antonio Maria chega a considerar “os coadjutores da reforma”.

Não importa o número. Inicialmente eram poucos, mas animados por um autêntico fervor, por uma vontade “enorme”, por uma sã doutrina e uma conduta irrepreensível. De fato, eles deviam representar a outra face dos cristãos em uma época em que Milão tinha poucos sacerdotes dedicados a sua missão, tanto é assim que existia um provérbio: “Se queres ir para o inferno, torna-te sacerdote”.

Por isso, entre os verdadeiros reformadores, Antonio Maria coloca também as Angélicas, mulheres consagradas ao apostolado. Uma revolução para aqueles tempos, nos quais a vida religiosa feminina se

concebia unicamente dentro dos muros de um mosteiro.

Animado pela aprovação papal do ramo masculino, começou a trabalhar para potencializar e estender a ação apostólica das mulheres que a condessa Torelli havia reunido na casa perto de Santo Ambrósio.

O núcleo inicial das Filhas de São Paulo era de doze, vivendo sob a regra de Santo Agostinho. Mais tarde, a condessa – que estava terminando a venda de seu feudo a Ferrante Gonzaga – comprará um terreno perto de Santa Eufemia, na região de Porta Ludovica, e fará construir o mosteiro de São Paulo Convertido. Uma decisão, como veremos, que inicialmente encontrará sérios obstáculos.

A ardente ânsia missionária forçou finalmente Antonio Maria a dar vida ao chamado Terceiro Colégio, o grupo dos Casados de São Paulo, formado por leigos casados, homens e mulheres. Então, como praticamente até o início do nosso século, os leigos eram mantidos à margem da comunidade eclesial, em situação subalterna à hierarquia. Antonio Maria envolveu todos na obra de reforma e santificação da família e torna também ela agente da evangelização.

Justamente monsenhor André Erba, ao sublinhar que esta extraordinária intuição profética não teve futuro, afirma: “Não nos cansamos de lamentar a perda desta ocasião histórica. E pensar que alguém, no princípio do século XX, comparava os leigos cristãos com as ovelhas da Candelária, boas apenas para serem tosquiadas, e descrevia as três posições dos leigos na Igreja: de joelhos para rezar, sentados para escutar os sermões, com a mão na carteira para dar a oferta!...”⁴⁵

74



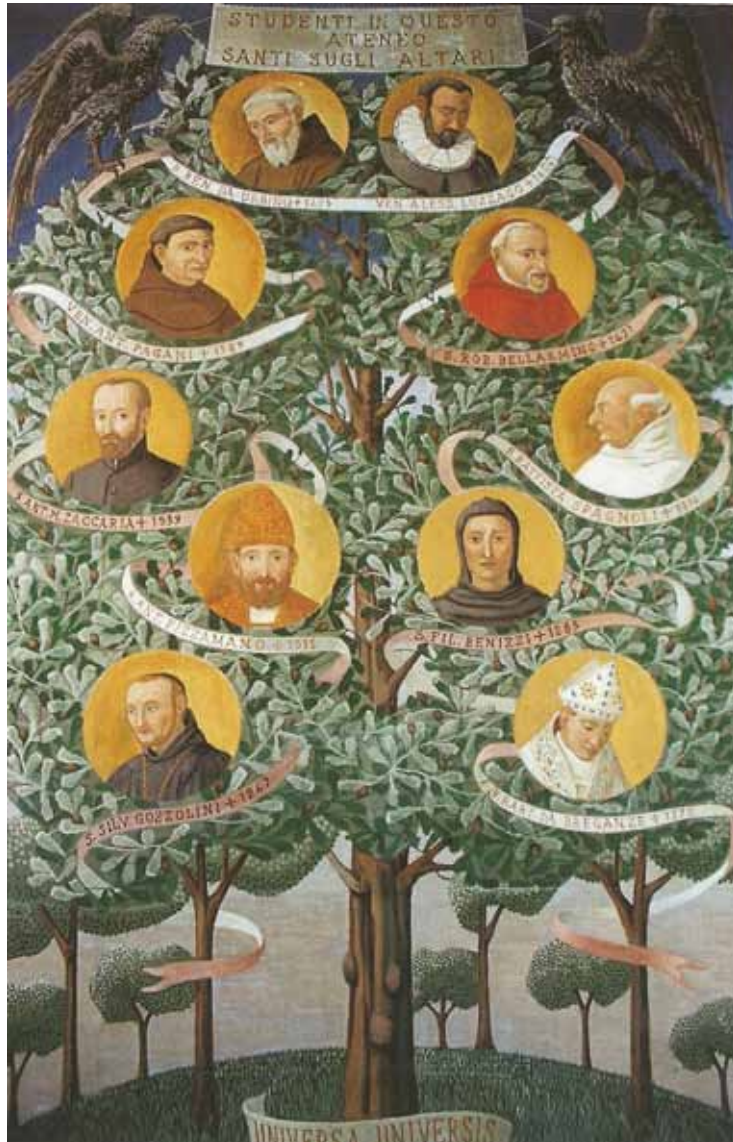
“Antigo retrato” do fundador dos Barnabitas, considerado o mais parecido com ele. Conservava-se em Milão no convento de São Paulo Converso das Angélicas.



A mãe do Santo, Antonietta Pescaroli, educa o filho na devoção à Virgem Maria. Quadro das cenas da Vida do Santo, conservadas na casa-mãe de S. Barnabé, em Milão.



O Jovem Antônio Maria oferece sua capa ao mendigo para protegê-lo do frio. Cena da vida do Santo conservadas em São Barnabé, Milão.



Pádua: Salão da reitoria da universidade: Os Santos que estudaram naquele ateneu. O Zaccaria é o terceiro do lado esquerdo.



Antônio Maria, recém-formado em medicina, assiste aos doentes no hospital. Cena da vida do Santo conservadas em São Barnabé, Milão.



O Apóstolo Paulo e Antônio Maria: representação simbólica da profunda união dos dois santos. Quadro L. Scorrano, (final século XIX), na Igreja se Santa Maria de Caravaggio em Nápoles.



A condessa de Guastala, Ludovica Torelli, e à direita imagem da Virgem, outrora no Castelo de Guastala hoje se encontra na Catedral.



A fortaleza de Guastalla onde vivia a Condeza Torelli foi destruído em 1690. Aqui Zaccaria iniciou o Projeto de Reforma que mais tarde realizou em Milão.



O Papa Clemente VII ao lado do Imperador Carlos V, aprova a Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo. Desenho de M. Girardino.

Abaixo: São Paulo entrega a Eucaristia aos fundadores. Quadro de A. Santagostino (1679), Pinacoteca Ambrosiana de Milão.



Os três fundadores dos Barnabitas (da esquerda para direita: Morigia, Zaccaria e Ferrari). Quadro de 1629, colégio São Luís em Bolonha.

Abaixo: os três colégios (Clérigos, Religiosas e Leigos de São Paulo) e no centro Santo Antonio Maria. Cópia de E. Bottoni, casa de São Barnabé em Milão.





Igreja de S. Agostinho, na rua Lanzzone em Milão (perto da Basílica de Santo Ambrósio), primeira residência das Angélicas e mais tarde dos Barnabitas.



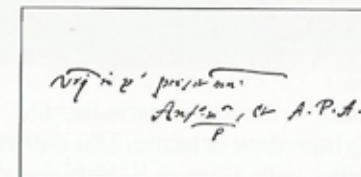
Igreja São Paulo Converso, em Corso Itália, Milão. Ao seu lado foi construído o mosteiro das Angélicas, suprimido por Napoleão em 1810 e mais tarde destruído.



Antônio Maria e a Eucaristia. Quadro de E Zanoni (1893), Igreja de São Francisco em Lodi. O Santo tem o seu nome ligado ao florescer do culto Eucarístico: comunhão frequente e Adoração das Quarenta Horas.

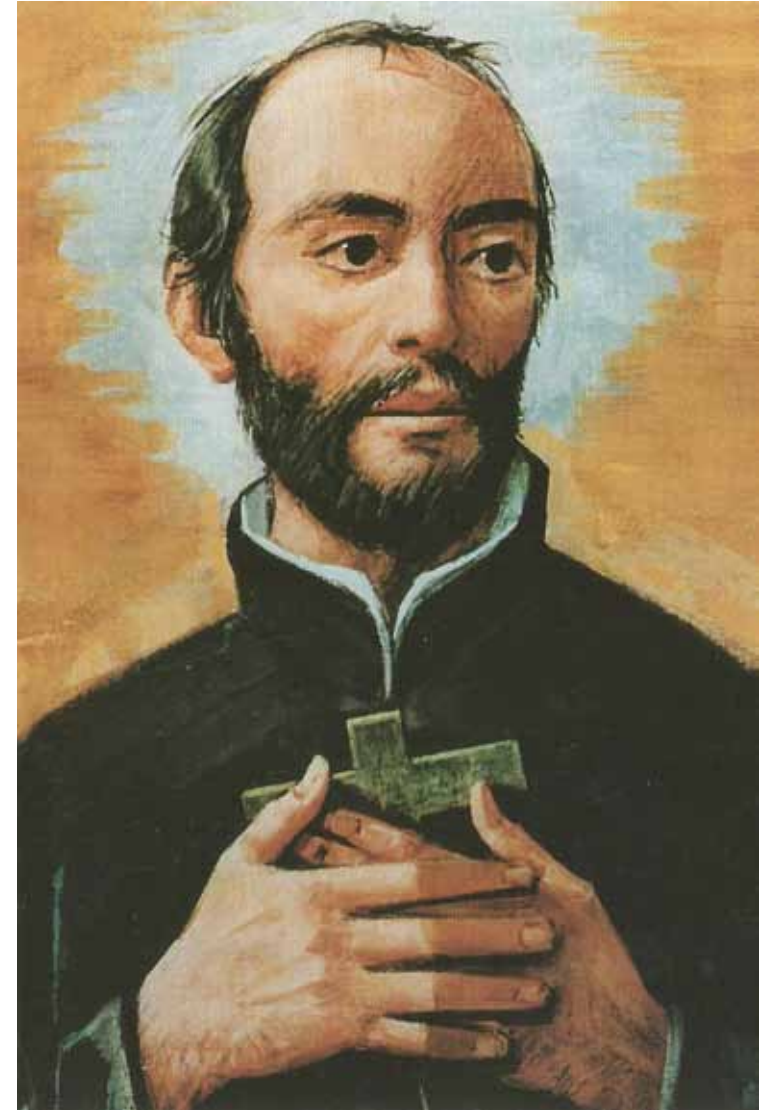


Perfil da Angélica Paula Antônia Negri (estampa antiga). Ao lado: Janela gradeada do Mosteiro das Convertidas, em Vicência. Assinatura de Antonio Maria e da Angélica Paula Antonia, Pai e Mãe dos Paulinos. (Carta de 08 de Outubro de 1538 aos missionários em Vicência).





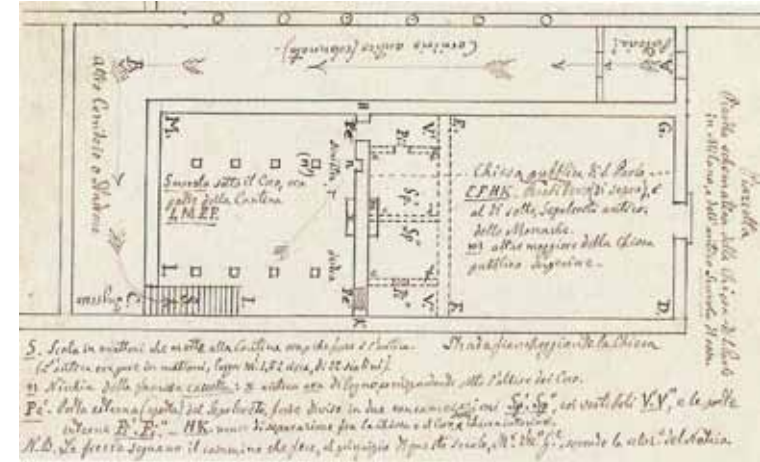
Antônio Maria nas margens do rio Pó adverte um desconhecido sobre a morte. Quadro em São Barnabé Milão.



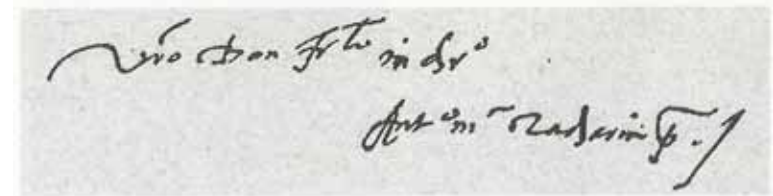
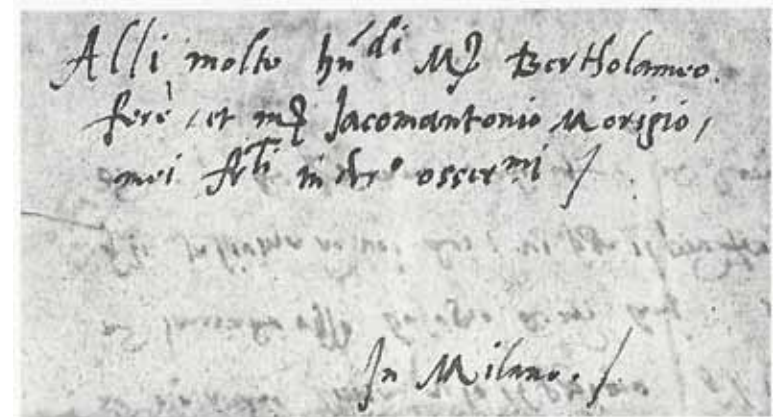
Antonio Maria Zaccaria. Quadro de L. Filocamo (1979). Casa Geral das Angélicas, Torre Gaia (Roma). O quadro foi oferecido ao Papa João Paulo II no centenário da refundação das Angélicas, suprimidas em 1810 por Napoleão Bonaparte.



Antônio Maria moribundo; junto ao Santo, a quem aparece São Paulo, está sua Mãe. Casa de São Barnabé em Milão.



Planta do corredor subterrâneo do Mosteiro das Angélicas, onde foi sepultado o corpo de Zaccaria. Abaixo: endereço e assinatura autógrafa da carta aos dois cofundadores, 04 de Janeiro de 1531.





Acima: Parque do colégio Guastalla em Milão.

Ao lado: Lápide do túmulo da Condessa de Guastalla, Ludovica Torelli, hoje conservada no Colégio de Guastalla em S. Frutuoso, Monza.



Acima: São Carlos convoca Jesuítas, Barnabitas e Teatinos. Quadro de G.B. Crespi (Séc. XVII), Catedral de Milão.

Ao lado: retrado de São Francisco de Sales, grande amigo e protetor da ordem. Autor desconhecido (século XIX), comunidade de São Paulo maior Bolonha.



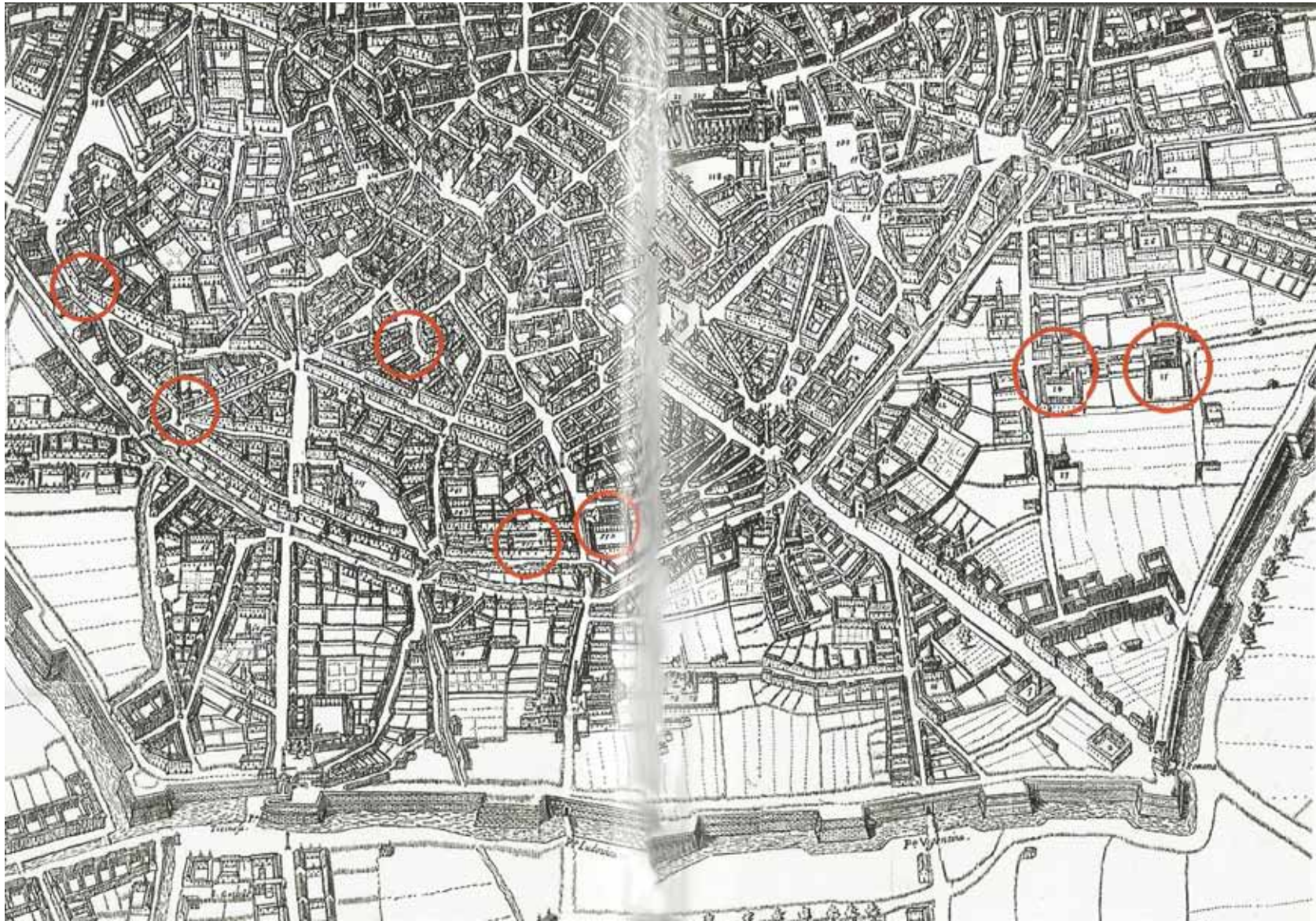


Glória da ordem Barnabita. Pintura de M. Traverso (Séc. XX), casa missionária em Genova. Aos pés do Redentor vê-se Antônio Maria e na frente dele o Apóstolo Paulo.



O jovem Alexandre Sauli recebe a cruz. Comunidade de São Barnabé em Milão. Abaixo: São Francisco Xavier M. Bianchi, apóstolo de Nápoles. Quadro E. Reffo (1845). Igreja de São Francisco, Moncalieri.





Planta da cidade de Milão no tempo do Zaccaria. Indicadas as primeiras residências dos Paulinos. (La grande città di Milano, de G. B. Bonacina- 1629) A partir da esquerda: Santo Agostinho na rua Lanzzone; Santa Catarina dos ferreiros; Convento de santa Marta das Agostinianas, onde viveu a venerável Arcângela Panigarola e sede da Eterna Sabedoria; Igreja do Crucifixo (mais tarde destruída) onde foi

sepultada Paula Antonia Negri; Igreja e Mosteiro de São Paulo Converso das Angélicas, onde foi sepultado Frei Batista de Crema e até 1891, S. Antonio M. Zaccaria; Igreja e Convento de São Barnabé; Santa Maria da Paz, dos Franciscanos, fundado pelo Bem aventurado Amadeu Menez de Sylva.



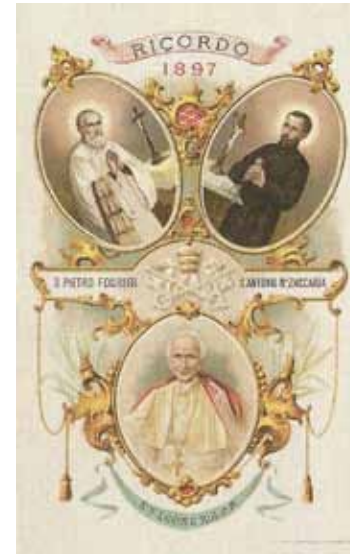
Cura prodigiosa de Paula Aloni. Quadro conservado na casa-mãe de São Barnabé em Milão.



Cura prodigiosa de Francisco Aloni, irmão da anterior agraciada. Ambos de Cremona, foram julgados desenganados pelos médicos (a mulher 1873 e o irmão três anos depois).



*Cura milagrosa de Vicente Zanotti, acontecida em Castagnolo Minore (Bolonha).
Estes três milagres abriram o caminho para a canonização de Antônio Maria.*



*Santinho em lembrança da
canonização de Zaccaria e de
Pedro Fourier.*

*Abaixo: A Basílica de São
Pedro enfeitada solenemente
para a canonização, causando
extraordinária impressão nos fiéis
e não somente em Roma.*





Igreja de São Barnabé em Milão; em seu interior (foto abaixo), se encontra a urna com restos mortais de Santo Antônio Maria Zaccaria.



Santo Antônio Maria Zaccaria com o lírio. Quadro de A. Liberti (final século XIX), colégio Denza em Nápoles. O lírio lembra o prodígio sucedido no quadro do Santo em 1747, conservado em Crema.



Estatua de mármore de Santo Antonio Zaccaria. C Aureli (1909), basílica de São Pedro em Vaticano, colocada junto aos grandes fundadores de ordens religiosas.

Capítulo VIII

A prova de fogo

No final do ano de 1533 Antonio Maria foi por algum tempo a Guastalla para ajudar Frei Batista de Crema, que estava gravemente enfermo. Não tinha sido só a doença a dobrar a forte estrutura do dominicano; desde algum tempo, apesar de que o pontífice lhe tivesse dado, em 1532, a faculdade de desenvolver seu ministério de direção espiritual junto a condessa Torelli, várias tentativas insistiam para que voltasse ao convento. Alguém convenceu Clemente VII de que a missão de Frei Batista devia ser considerada como terminada, então o Papa impôs ao religioso a volta imediata a comunidade, sob pena de excomunhão.

Morre Frei Batista

Frei Batista Carioni não havia sido informado da contundente alternativa pontifícia. Foi-lhe ocultado dada sua difícil situação. Antonio Maria chegou a Guastalla justamente a tempo para administrar-lhe os últimos sacramentos e prepará-lo serenamente para receber a morte. Frei Batista morreu em seus braços na noite do dia 31 de dezembro para o dia 1.º de janeiro de 1534. Seu corpo foi sepultado na igreja de São Paulo Convertido, construída pela condessa Torelli para sede das Irmãs Angélicas em Milão.

Frei Batista deixava um grande legado de obras e pensamentos. Entre seus escritos mais conhecidos devemos recordar: *O caminho da verdade aberta*, editado em 1523, *Do conhecimento e vitória de si mesmo* (1531), que se acredita que tenha sido escrita com a colaboração de Antonio Maria e *Filosofia divina* (1531).

Depois de sua morte foram editados o *Espelho interior* (1540, graças

a Ludovica Torelli) e o *Livro das sentenças*.⁴⁶ Os livros de Batista Carioni, recomendados juntamente com aqueles dos Padres da Igreja, por Antonio Maria nas *Constituições*, estariam presentes por muito tempo na biblioteca dos primeiros Barnabitas que os consideravam particularmente aptos para estimular os religiosos no caminho da perfeição.

O retrato do religioso reformado

Em 10 de junho de 1534, Antonio Maria preside a primeira vestição na nova ordem. Até o momento, somente ele vestia o hábito, enquanto que os demais usavam a batina comum dos padres diocesanos. O escolhido foi João Tiago Casei, como o mais velho de todos, a quem um ano antes Frei Batista tinha dado o hábito religioso como “prova”. Este tinha por nosso santo uma autêntica veneração, a tal ponto que depois da morte dele mudaria seu nome para Paulo Antonio.

Depois de algum tempo, também os outros – começando por Bartolomeu Ferrari – receberam o hábito. Por sua parte o fundador, no esboço das *Constituições* no qual estava trabalhando, escrevia o que podemos definir como um sintético retrato do reformador ou melhor do religioso reformado, porque nestas páginas ele não se refere nem à Igreja e nem à sociedade, mas à Congregação; quer fazer entender como queria que fossem seus seguidores, por isso nas entrelinhas emerge não só o que parece um auto-retrato, involuntário, mas a fisionomia dos paulinos. Vale a pena reproduzir as melhores partes que se caracterizam pelo tom familiar e pela incisiva espontaneidade da linguagem.

“Quando você perceber (...) que os bons costumes estão decaindo e a tibieza ganhando cada vez mais espaço, levante os seus olhos para enxergar a honra de Deus e o zelo pelo próximo e veja de que modo será possível reerguer os bons costumes. Mas, antes de mais nada, examine as condições que daqui a pouco serão descritas, para que você saiba como deve ser o reformador. E, se você se achar em condições de ser o reformador, coloque a cruz acima da tibieza com coragem, o quanto você puder, para favorecer a prática dos bons costumes. (...)E não se esqueça de que seria inútil pretender reformar os costumes sem o socorro da graça divina, a qual, porém, foi garantida que permanecerá conosco até o fim dos séculos (Mt.28,20) (...).

Primeiro – É preciso que (...) pela virtude da DISCRICÃO, você saiba escolher a oportunidade, o lugar, o tempo e as outras coisas que são exigidas quando se quer reformar; (...) arranjando companheiros aptos para essa reforma dos bons costumes, tendo em vista o resultado, ou seja, o êxito do empreendimento.(...). É preciso que o reformador seja uma pessoa “cheia de olhos na frente e atrás”(Ap.4,6). Por isso, por causa dessa virtude da discricão, ele não seja nem por demais precipitado, nem demorado em decidir, mas saiba começar o empreendimento e levá-lo, com segurança, ao fim determinado.

Segundo – É preciso que você tenha um coração grande e ânimo generoso, porque costumam levantar-se tantas contrariedades e tantas dificuldades internas e externas contra tal empreendimento, que abatem e sufocam os que têm ânimo fraco. Opõem-se a tais obras os demônios invisíveis, isto é, os túbios, que são incontáveis. Com suas hipocrisias, eles subjugaram muitas autoridades temporais e espirituais; enquanto parecem bons por fora, interiormente estão cheios de ossos dos mortos semelhantes aos sepulcros caiados (Mt.28,27). Ajudados por tais autoridades, os túbios levantam batalhas cruéis contra os fervorosos (...).

Terceiro – É preciso ser perseverante no seu empreendimento, porque muitos começam com grandeza de ânimo, mas depois desistem, vencidos pelas demoras. Quem se aborrece pelo cansaço trazido pelas contrariedades ou pelo arrastar-se do seu trabalho, saiba que já entregou a vitória ao seu inimigo, antes mesmo de começar. (...).

Quarto – É preciso ter uma humildade muito profunda. Quem não considera os insultos como um doce alimento, quem não gosta de beber escárnios, quem não deseja e não procura ardentemente a humildade não se meta a ser reformador de costumes. Não há humildade sem humilhações desejadas ardentemente (...).O humilde é cheio de compaixão e de tolerância em relação aos defeitos alheios. Essas virtudes são sumamente necessárias para ajudar os imperfeitos, que realmente queiram progredir.

Quinto – É preciso que você ame muito a Meditação e a Oração. A Meditação e a Oração frequentes ensinam a empreender o trabalho de conduzir os outros pelo seu caminho. A oração impede de errar a quem quer andar e conduz com grande facilidade quem quer progredir (...).

Sexto – (...)Quem não tiver boa vontade e reta intenção, será incapaz

de reformar os bons costumes. E quem tiver apenas bondade natural e reta intenção, não poderia reformar os costumes (...). Por isso, que a sua intenção seja reta, para você trabalhar apenas para a honra de Deus: seja boa para a utilidade do próximo; seja consistente e firme, por causa do desprezo de si mesmo. (...) A intenção sumamente boa e reta merece a ajuda de Deus e, deste modo, a reforma poderá durar, ao menos alguns séculos. (...).

Sétimo – É preciso que você se proponha avançar cada vez mais e em coisas mais perfeitas. Por acaso, você conhece apenas leis punitivas? Com essas, o homem não melhora, nem muda totalmente os costumes, porque, por dentro, fica aquilo que era e sempre estaria pronto para fazer o mal, quando a punição cessar. (...) Então, você quer mesmo reformar os bons costumes? Procure aumentar sempre aquilo que você começou em si mesmo e nos outros, porque o tamanho da perfeição é infinito. Assim, pois, evite pensar que é suficiente o que você fez no começo (...).

Oitavo – É preciso que você confie sempre na ajuda divina e conheça, por experiência, que ela nunca lhe faltará. (...) É preciso que você confie sempre na ajuda divina e conheça, por experiência, que ela nunca lhe faltará. (...) Quem, pois, possui as qualidades de que acabamos de falar, poderá assumir a tarefa de reformar os costumes. (...) Ó reformador, haverá contrariedades, mas, quanto mais elas forem violentas, tanto mais você deverá ter confiança. Em primeiro lugar, você será combatido, como já dissemos antes. Os tíbios com quem você mora julgarão ser uma vergonha, para eles, haver outros melhores do que eles. (...) Esta batalha será a mais dura entre todas as outras, mas, para superar este obstáculo, será de grande ajuda mudar de lugar e de pessoas; será boa ajuda ter como promotores e defensores de seu empreendimento, pessoas nobres e poderosas; será de grande utilidade, neste empreendimento, esconder dos tíbios as suas intenções, mas sem deixar de prosseguir no propósito já iniciado. (...)”⁴⁷

Os protestos dos “sábios”

As “muitas coisas contrárias” e o “choque com as pessoas tíbias” não tardaram a chegar. Certamente, aos milaneses devia parecer estranho ver

Antonio Maria, em um dia de verão de 1534, sair improvisadamente de “Santa Catarina dei Fabbri” levando em suas mãos um Crucifixo e falando de Cristo às pessoas que se reuniam ao seu redor, embora só por curiosidade. Era o sinal que ele queria dar a seus colaboradores: era preciso desafiar as pessoas pelas ruas, tentando conquistá-las emocionalmente, de modo violento e provocativo.

Todos se adaptaram rapidamente, começando a sair por aqui e por ali, colocando-se diante das portas das igrejas e nas esquinas das ruas mais frequentadas, mostrando aos transeuntes o Cristo morto na cruz e convidando-os a mudar de vida. Tiago Antonio Morigia e Bartolomeu Ferrari e vários leigos se apresentavam cobertos de farrapos, como sinal claro da contestação ao luxo em que viviam antes; alguns pediam esmolas, outros entravam na catedral levando às costas uma pesada cruz e pedindo perdão por seus pecados. Apesar de alguns padres serem de família nobre, não receavam em submeter-se às mais estranhas humilhações. É clássica na história da ordem a mortificação imposta a João Pedro Besozzi (futuro padre geral) que entrará na congregação depois de haver deixado a sua mulher (que ingressou nas Angélicas), seu filho e seu trabalho de advogado. Mandaram-no, sendo ainda secular, diante de Santo Ambrósio com uma batina de chita e um prato na mão para pedir esmola em companhia de outros pobres.

O impacto do público diante deste inédito “espetáculo” foi duplo: alguns, comovidos pelas palavras ardentes de Antonio Maria e de seus companheiros, refletiam e agradeciam pela sacudida recebida, acabando depois diante de um confessorário para iniciar um caminho de conversão. Outros – como nos diz Batista Soresina – caçoavam destes “loucos”, que aceitavam os insultos e as provocações com alegria, sem reagirem minimamente.

A coisa chamou mais a atenção quando ao grupo se uniram as mulheres guiadas pela condessa Torelli que estava vestida com uma roupa bem simples, com um avental de trabalho e um véu negro na cabeça. Caminhavam lentamente pelas ruas do centro, desafiando as injúrias da população que atirava pedras, barro e sujeiras contra o estranho cortejo.

A condessa Torelli se colocava diante da porta principal da catedral para pedir esmolas. Mas a coisa não parou aí; um dia se apresentou,

vestida com roupas simples, ao duque Francisco II Sforza, identificando-se como quem era. Os guardas não queriam deixá-la entrar, mas ela os convenceu explicando-lhes as razões de sua escolha; havia se cansado de viver no luxo, enquanto uma massa de desvalidos penava na miséria; recordava que a vida aqui dura pouco e que depois, todos sem exceção devem prestar contas à Aquele que não faz acepção de pessoa.

O duque, ao recebê-la, passou de uma embaraçosa indiferença inicial a um profundo respeito pela escolha que, lhe explicou a condessa, havia feito com total liberdade de espírito, unicamente por amor a Cristo e aos pobres. Depois de escutá-la, Francisco II encarregou dois membros do senado que apoiassem suas iniciativas de caridade.

Havia, entretanto, em uma parte nobre de Milão, uma hostilidade cada vez mais aberta para com Antonio Maria e seu grupo de reformadores. Alguns homens da Igreja declaravam-se escandalizados porque Antonio Maria havia associado nesta atrevida “revolução” os leigos e até as mulheres. A seu parecer, não havia só exageros e hipocrisia naquelas horas passadas em adoração diante do Santíssimo Sacramento exposto e na insólita frequência à comunhão, mas se beirava, a superstição e o fanatismo.

Para exacerbar a polêmica, contribuiu aquele grupo da nobreza que considerava uma desonra para a sua categoria as penitências públicas por parte dos leigos que pertenciam a famílias da alta sociedade. Particularmente revoltados, estavam os familiares de Ludovica Torelli que, vendo escapar o feudo de Guastalla que ia ser definitivamente entregue aos Gonzaga, acusaram a Antonio Maria de haver enganado a mulher. E nestas críticas não foi difícil envolver alguns sacerdotes. Assim, desde os púlpitos se empenharam em clamar contra a nova ordem, obrigando ao santo a se retirar por algum tempo a Santa Catarina com medo de maiores desordens. Sua única defesa era a oração, que todos elevavam incessantemente.

Para agravar, ainda mais a situação, caiu sobre o grupo a acusação de pelagianismo,⁴⁸ provavelmente pela firme vontade e o ardor espiritual que havia na base da espiritualidade e do apostolado de Antonio Maria. Naquele tempo, ser acusado de heresia significava correr risco de vida. De fato, conta Batista Soresina, “uma vez, um pregador movido com maior veemência do que nunca, em falar mal dos padres, depois de ter-se desabafado, esforçou-se em convencer o povo de que fazendo

violência à casa dos padres e colocando fogo nela fariam um agradável sacrifício a Deus”.⁴⁹

De um tribunal a outro

A reação de Antonio Maria foi justamente contrária ao que esperavam os mais exaltados; sabendo que tinha Deus ao seu lado, exortava seus companheiros para terem calma, considerando uma sorte poder sofrer humilhações por amor a Cristo. Falava de seus acusadores com um tom compreensivo, convidando a não odiá-los, mas perdoá-los generosamente, com a certeza de que Deus, no tempo devido, tiraria o bem do mal.

Mas o pior ainda estava por vir, no outono de 1534, alguém, reuniu em um dossiê, algumas acusações e calúnias difamatórias contra os reformadores, denunciando-os ao senado, à Cúria de Milão e também à Inquisição local. O libelo sustentava que Antonio Maria e seus seguidores com suas novidades, abalavam a ordem pública e com seu fanatismo supersticioso, manchavam a doutrina católica. Portanto, de um tribunal a outro.

Em Santa Catarina e em Santo Ambrósio a notícia foi acolhida com tristeza, mas com a serenidade de quem tem a consciência tranquila. Rezava-se e fazia-se penitência, confiando de modo especial na Virgem Maria, enquanto Antonio Maria levantava o moral de todos com suas palavras que arrastavam. Padre Gabuzio, citando o testemunho pessoal de Batista Soresina, relata uma exortação que Antonio Maria, dirigiu aos seus em 04 de outubro daquele ano, exatamente quando a tempestade chegava ao máximo. Trata-se de um texto bem interessante, inspirado na célebre frase de Paulo: “nós, loucos por Cristo” e nas Bem-Aventuranças evangélicas.

Não há com que se maravilhar, sustentava Antonio Maria, nem ter medo, porque como perseguiram a Cristo, assim são perseguidos os seus discípulos. E neste momento recordava a passagem evangélica de Mateus (5,11-12) na qual Jesus afirma: ““Felizes vocês, se forem insultados e perseguidos, e se disserem todo tipo de calúnia contra vocês, por causa de mim. Fiquem alegres e contentes, porque será grande para vocês a recompensa no céu...”. São coisas, continua Antonio Maria,

que “Jesus mesmo nos preveniu que estas e outras coisas parecidas iriam acontecer, para que não ficássemos admirados, achando que eram situações novas e inesperadas; e Ele ainda nos fortaleceu com o seu exemplo, para que não tivéssemos medo de enfrentar tais situações e de suportá-las, pois não seriam mais fortes do que nós. É por isso que, os que nos perseguem, ao provocarem a ira de Deus contra eles, fazem o bem a nós, porque aumentam os nossos merecimentos para a vida eterna. Nós, então, nem de longe vamos odiá-los e detestá-los: temos de nos lamentar por eles e de amá-los. Ainda mais, precisamos rezar por eles (...) e assim, ao verem a nossa bondade, eles fiquem perturbados por causa da maldade que praticam contra nós e, em seguida, possam voltar arrependidos a um fervoroso amor de Deus. (...)”.

Mais adiante, a referência paulina: “Também São Paulo, o sábio Doutor dos povos, se apresenta como exemplo de desprezo, a si e aos seus colegas apóstolos, quando diz: “nós somos loucos por causa de Cristo” (1Cor.4,10), “somos amaldiçoados e abençoamos; perseguidos e suportamos, caluniados e consolamos...” (1Cor 4,10.12-13). Será que nós somos mais sábios do que os apóstolos? Será que somos ou pensamos ser mais privilegiados do que o Cristo? Há, entre nós, alguém que se julga sábio? Mas “se alguém de vocês pensa que é sábio segundo os critérios deste mundo, torne-se louco para chegar a ser sábio” (1Cor 3,18). (...)Irmãos caríssimos, vamos considerar a nossa vocação! Se quisermos examiná-la bem, reconheceremos facilmente o que ela exige de nós, que começamos a seguir, embora de longe, os passos dos santos apóstolos e dos outros santos de Cristo. A nossa vocação nos pede que não fujamos dos sofrimentos pelos quais eles passaram, suportando estas provações que vêm experimentar se somos fortes. E olha que o nosso sofrimento é muito menor que o deles (...)”.

Em 04 de outubro se celebra a festa litúrgica de São Francisco de Assis e Antonio Maria a relembra a “perfeita alegria” com a qual o “poverello” sofria insultos e humilhações. Mas o final do discurso é, todo paulino: “Por isso, vamos concluir junto com o Apóstolo: “... Corramos com perseverança na corrida, mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé. Em troca da alegria que lhe era proposta, ele se submeteu à cruz, desprezando a vergonha e se assentou à direita do trono de Deus. Para que vocês não se cansem e não percam o ânimo,

pensem atentamente em Jesus, que suportou contra si tão grande hostilidade por parte dos pecadores” (Hb 12,13). E já escolhemos como pai e guia tão grande apóstolo e nos gloriamos de ser seus discípulos, esforcemo-nos por praticar sua doutrina e seus exemplos. Não convém que nas fileiras de tão grande chefe, haja soldados covardes e desertores e que os filhos de um pai tão glorioso sejam degenerados!”.⁵⁰

O padre Soresina registra na “Cronachetta A”, antigo e precioso diário das origens paulinas, as reações dos presentes ao discurso do santo: “Tais foram as palavras que saíram da angelical boca do pai, todo inflamado de divino amor, que fez arder os corações de tal modo que todos foram forçados a perder-se a si mesmos pelo amor de Cristo que penetrava em seu interior e assim deram início ao caminho santo”.⁵¹ Na “Cronachetta C” acrescenta: “Incendiou a todos de tal modo, que atiraram-se ao chão chorando copiosamente e comprometendo-se a perseverarem, e com um só coração magnânimo, prometeram a Deus caminhar pelo caminho do desprezo”.⁵²

Generoso perdão

No dia seguinte, 05 de outubro, o senado confiava o inquérito sobre os paulinos a Gabriel Casati e mais tarde também a Cúria Diocesana e o Tribunal da sagrada Inquisição, examinaram o panfleto acusatório. Mas, por mais profunda que fossem as investigações, não encontraram nada que dizer contra Antonio Maria e seus companheiros. Pelo contrário, pelo exame dos fatos notou-se sua perfeita ortodoxia doutrinal, um comportamento irrepreensível, grande espírito de pobreza e um autêntico espírito apostólico.

Não haviam passado vinte e quatro horas e o senado confirmava por unanimidade a inconsistência das acusações; o presidente Felipe Sacco fechou a sessão com esta célebre afirmação, tomada ao pé da letra da Bíblia (Sb 5,4-5): “Insensatos de nós que consideramos loucura sua virtude e sem honra seu fim; estes devem ser considerados entre os filhos de Deus e sua vida está entre os santos”. Antonio Maria, com um nobre gesto de caridade, além de perdoar a todos generosamente, insistiu em que não se publicasse a sentença que haveria de envergonhar seus acusadores em toda Milão.

O mesmo juízo foi emitido mais tarde pelos tribunais eclesiásticos; tanto o vigário do arcebispo, João Maria Tonso, como o prefeito da sagrada Inquisição, Melchiorre Crivelli, comunicaram a Roma que só haviam encontrado calúnias contra religiosos, dignos da proteção da Igreja. É preciso dizer que o responsável por tão vil perseguição, pouco antes de morrer enviou a Santa Catarina, uma pessoa para pedir perdão pelo dano causado.

As águas se acalmaram, também para Ludovica Torelli, amplamente citada no famoso dossiê e totalmente absolvida junto com suas companheiras. No fim das contas, a história provocou uma extraordinária publicidade para a nova ordem que estava consolidando sua originalíssima fórmula “tridimensional”.

Capítulo IX

O “gênio da mulher”

Na primeira metade do ano de 1534, Antonio Maria havia insistido com a condessa Torelli a pedir ao Papa a permissão para erigir um novo mosteiro feminino; no começo se confiou a Basílio Ferrari esta missão, mas por causa da morte de Clemente VII (25 de setembro de 1534) a prática ficou bloqueada. Apesar disso, já em outubro com a eleição de Paulo III se retomam as conversas, terminando com êxito em 15 de janeiro de 1535, data em que foi firmada a *bula* de aprovação que, na prática, marca o nascimento das Angélicas, a primeira ordem monástica feminina que não seria de clausura.

Agora tratava-se de encontrar o lugar apropriado para a construção do mosteiro. Os primeiros contatos são negativos por dificuldades que surgem no momento de concluir o negócio. Ludovica Torelli, em um certo momento, se orienta para a região da paróquia de Santa Eufemia em Milão, provocando grande perplexidade em seus colaboradores, já que nessa rua se praticava a prostituição. Não é de se excluir que a condessa escolhesse essa região precisamente para limpar o bairro dessa praga social.

Os proprietários das “vinte e quatro pequenas casas”, percebendo o negócio, aumentaram os preços, mas Torelli acreditou que valia a pena a compra e fechou o negócio com eles. Mas logo que no bairro se soube da notícia, houve uma espécie de levante por parte daqueles que lucravam com a “profissão” das inquilinas. Apresentou-se inclusive um recurso à magistratura por parte dos ex-proprietários, esperando poder rescindir o contrato e assim poder revê-lo para ganhar mais dinheiro. Mas chegaram tarde. A lei estava do lado da nobre dama e as prostitutas tiveram que se mudar.

Já em outubro, em alguns edifícios havia-se montado uma capela dedicada a São Paulo Convertido, enquanto as demais habitações eram

adaptadas provisoriamente como mosteiro, logo ocupado pelo grupo das Angélicas que viviam na casa da Torelli em Santo Ambrósio. Para aí, Antonio Maria se mudou com os seus, em 15 de outubro, deixando Santa Catarina. Entretanto em 24 de julho, Paulo III havia firmado a *bula* dirigida a Zaccaria e a Ferrari com a qual confirmava as faculdades já concedidas por seu predecessor; o papa ao colocar a Congregação sob a dependência direta da Santa Sé, autorizava seus membros a professar os três votos de pobreza, castidade e obediência e a viver em comum sob o nome de Clérigos Regulares de São Paulo, vestindo todos um mesmo hábito clerical. Tudo isto por cinco anos. Outrossim, davam-se normas para a escolha do superior que devia permanecer no cargo por um ano e podia ser reeleito só por outras duas vezes, mas não por mais de três anos. Entre as obrigações comunitárias se indicava a missa cotidiana e a oração das horas canônicas. Os religiosos podiam se dedicar ao apostolado da pregação e da confissão, também de administrar os sacramentos aos fiéis que frequentavam sua igreja. Finalmente, Paulo III autorizava a construção de um templo dedicado a São Paulo.

Entre as jovens de Santa Eufemia, junto a Antonia Maria de Sesto, Maria Madalena Rottola, Tecla Martinengo, Batista de Sesto e Inês Baldironi de dezesseis anos, estava também Virginia Negri que mudará o nome para Paula Antonia (unindo os nomes do apóstolo e do fundador). Esta última, figura carismática que terá um peso considerável na história dos Três Colégios, nasceu em Castellanza, na província de Milão (hoje Varese) no ano de 1508, com dezoito anos havia se mudado para Milão com sua família, indo viver próximo ao mosteiro de Santa Marta. Conheceu o Bellotti, que se tornou seu diretor espiritual, e, mais tarde, Frei Batista. A história desta mulher dotada “de um espírito incomum” terá momentos dramáticos, mas podemos aceitar o juízo que sobre ela dá monsenhor André Erba quando afirma: “A figura de Paula Antonia Negri se destaca entre aquele grupo de almas que desejavam a autêntica reforma cristã da sociedade, imediatamente depois do movimento protestante, ou seja, em uma época crucial para o mundo moderno, parecido com o nosso nas inquietações, e antes que o concílio de Trento canalizasse as várias formas do catolicismo para uma nova ordem da Igreja”.⁵³

Em 27 de fevereiro de 1536, Virginia Negri, Dominga Batista de

Sesto e outras quatro Angélicas – assim chamadas por sugestão da mais jovem do grupo, Inês Baldironi – vestiram o hábito religioso, que era o das dominicanas: veste branca, um largo escapulário da mesma cor, enfeitado no peito com uma cruz bordada, manto e véu negros, e no dedo um anel com uma cruz gravada. Por oito dias após a tomada do hábito, como farão mais tarde após a profissão dos votos, as freiras levavam na cabeça uma coroa de espinhos.

Durante aquele ano a comunidade se enriqueceu com outras vocações e as Angélicas chegaram a ser vinte e quatro. A única que não vestiu o hábito foi Ludovica Torelli, que permaneceu leiga, apesar de conviver com as Angélicas que a consideravam sua fundadora. Em 27 de janeiro de 1537, a Negri e a Battista de Sesto professaram os votos nas mãos de Antonio Maria. Ao terminar a cerimônia, Paula Antonia, que nesse dia não estava bem de saúde, retirou-se para o seu quarto a fim de descansar. Ludovica Torelli foi visitá-la e, enquanto falavam, a enferma fez um estranho convite: “Que belo o que fizemos hoje! A senhora não quer participar também desta alegria? Vamos, venha aqui e repita o que eu fiz”. A condessa se ajoelhou e fez a profissão dos votos de pobreza, castidade e obediência. Nesse momento chegou Antonio Maria, tendo sido informado da enfermidade de Paula Antonia e, vendo a Ludovica de joelhos, pediu explicações, desaprovando o que as duas mulheres haviam feito. Depois a condessa escreveu a fórmula no registro das profissões. Mas aqueles votos serão considerados “simples e privados”, de modo que não foi obrigada à clausura quando esta foi imposta às Angélicas, dezessete anos mais tarde.

Os historiadores assinalam que, com a chegada das religiosas a Porta Ludovica, havia-se realizado uma profecia relatada na vida do beato Amadeo Menez da Silva (1420-1482): um cavalheiro espanhol a serviço da filha do rei de Portugal que, abandonando a vida mundana, no tempo do duque Galeazzo Sforza, junto com outros milaneses havia começado uma reforma dos frades menores, levando vida austera no convento de Santa Maria da Paz, muito próximo de São Barnabé. Ele, passando um dia pela Praça de Santa Eufemia, profundamente chocado pela má fama do bairro, havia exclamado: “Bendito seja Deus; virá um tempo em que estas casas, agora cheias de demônios, serão transformadas em santas habitações para virgens consagradas, e deliciosa morada para os anjos”.

O apelativo de “angélicas” haveria de dar razão ao beato Amadeo.

Sob a doce, mas firme direção de Antonio Maria, o mosteiro adotou a mesma forma de vida que os clérigos regulares, apoiada na mais rigorosa prática da pobreza, na oração e no trabalho. Tudo era colocado em comum, inclusive os hábitos; pouca alimentação, sobretudo, a base de legumes e verduras, curto descanso, inversamente proporcional à oração e ao trabalho que era contínuo (as Angélicas costuravam e faziam tecidos de seda).

Ao mesmo tempo, ia se consolidando a sintonia entre Antonio Maria e Virginia Negri. Esta em 04 de março de 1536, depois de ter recebido o véu havia sido nomeada mestra de noviças, enquanto a madre Batista de Sesto era escolhida primeira priora das Angélicas.

Nova perseguição

O primeiro ataque contra Zaccaria e Torelli, como temos visto, fracassou, mas o generoso comportamento do Santo, que proibiu a publicação da sentença de absolvição, deu força aos tenazes oponentes da reforma. Claramente, os que agora alimentavam o fogo eram os familiares de Ludovica Torelli, por terem perdido a herança; não suportavam que a condessa usasse o seu dinheiro para manter a obra dos Clérigos Regulares de São Paulo e das Angélicas. Alguns deles um dia a agrediram na rua, insultando-a e, também, ameaçando-a de morte. Mas justamente quando estavam para acabar com ela, chegou Morigia, o qual foi chamar alguns soldados que faziam guarda na praça e assim a salvaram.

Já que as ameaças não haviam servido, os adversários reapresentaram a calúnia e o processo diante da Inquisição. As acusações eram, todavia mais pesadas; compararam os grupos de religiosos, freiras e leigos dirigidos por Antonio Maria, aos “Pobres de Lião”, ou seja, aos valdeses que em 1532 se haviam unido oficialmente à reforma protestante. Mas desta vez, Antonio Maria não esperou a ação das autoridades civis e eclesiásticas; em 20 de junho de 1536 obteve no tribunal a reabertura do processo, arquivado há dois anos. Além de Antonio Maria, pelos Clérigos Regulares, se apresentaram como parte civil Ferrari e Morigia, e o mesmo fizeram pelo ramo feminino Torelli e quatro angélicas, tendo

à frente Paula Antonia Negri.

No final do mês de julho, chegou a Milão o *Breve* de Paulo III que encarregava ao monsenhor João Moroni, bispo de Lodi, mas domiciliado em Milão, e a Frei Tomás de Beccadelli, provincial dos dominicanos da Lombardia, que investigassem os denunciados, a causa anterior havia sido já aberta tanto pelo tribunal civil, como pelo tribunal eclesiástico, com os mesmos juízes.

A discussão se prolongou por cerca de um ano, também devido aos muitos compromissos dos magistrados. Por isso, o *Breve* de Paulo III não serviu e, tanto o bispo de Lodi, como Beccadelli, se convenceram – vendo-os trabalhar – de que desse tipo de “hereges” havia grande necessidade para a Igreja.

Assim, o resultado foi exatamente o contrário do desejado pelos caluniadores; estes foram obrigados a calar a boca definitivamente, enquanto a fama dos “reformadores” milaneses crescia de tal forma que começaram a chegar convites para pregar “missões” fora da cidade. O primeiro pedido foi do cardeal Nicolau Ridolfi, bispo de Vicência, então sob o domínio da Sereníssima (Veneza). Tratava-se de reformar dois mosteiros. O interesse por Vicência se explica pelo fato de que esta cidade havia sido escolhida inicialmente para receber o XIX concílio ecumênico que depois se celebraria em Trento de 1545 a 1563.

A bem da verdade, Nicolau Ridolfi ficava bem pouco tempo em sua diocese, porque habitualmente residia na corte pontifícia, onde tinha importantes cargos: o de legado de Paulo III, quando este se ausentava de Roma, o de legado do Patrimônio de São Pedro, além de ser o Prefeito da Chancelaria Apostólica. O fato do convite partir de Roma, confirma que já tinha chegado ao vértice da Igreja o eco da ação renovadora de Antonio Maria, e que já não se acreditava mais nas acusações lançadas contra ele, mesmo ficando ainda pendente a investigação desejada pelo papa.

A carta do cardeal provocou em Antonio Maria duas reações: por um lado, como verdadeiro Santo, por humildade não se sentia à altura desse encargo; por outro, se dava conta de que aceitando o convite eliminaria definitivamente todo pretexto de seus acusadores e, sobretudo, poderia tentar comprovar, em outro contexto, a fórmula que tinha dado tão surpreendentes frutos em Milão, devolvendo tantas almas ao Senhor.

Mas, antes de dar uma resposta, preferiu se consultar com os seus,

que na ocasião lhe apresentaram as dificuldades do encargo. Segundo alguns, devia-se pedir uma espécie de “passe livre” ao próprio Paulo III para poder visitar, em companhia de algumas mulheres de confiança, qualquer mosteiro feminino, inclusive os da mais estreita clausura. Como é lógico, nesta missão decidiu envolver também as Angélicas e algumas mulheres leigas. Foi uma novidade de muita coragem para aqueles tempos, ver pela primeira vez, mulheres consagradas, alternar a contemplação e a ação apostólica, com “igualdade de oportunidades” com relação aos sacerdotes e aos leigos.

“Apóstolos” da reforma

Estamos sempre em 1537. Enquanto preparava a mudança para Vicência, Antonio Maria consolidava em Milão as iniciativas, visando favorecer entre os fiéis o despertar do culto eucarístico. As Sagradas espécies que normalmente se conservavam na sacristia, a partir de agora são colocadas no tabernáculo situado no altar-mor da igreja para permitir a adoração dos fiéis. Sinal daquela misteriosa, mas real “presença” é a lamparina alimentada constantemente com azeite bento. E ainda mais, a partir do mês de maio, consegue fazer com que a prática das Quarenta Horas se faça solenemente e se realize por turnos nas igrejas da cidade.

Entretanto, aguardando a sentença definitiva do processo contra ele e os seus (concluído em 21 de agosto), Antonio Maria foi à cidade de Cremona para solucionar alguns assuntos pessoais. Não perdia de vista as Angélicas, às quais, no dia 26 de maio, enviou uma carta cheia de um comovente calor de amizade e, ao mesmo tempo, do desejo de vê-las todas caminhar para a santidade às vésperas da iminente missão. Estamos diante de outro documento fundamental para entender o sentido profundo de nossa história.

“Às minhas Angélicas e divinas filhas em Cristo, as Irmãs, a Madre Superiora, a Madre Vigária, a Senhora (Condessa Torelli), a Angélica Paula Antonia e a todas as demais filhas em Cristo, minhas e do Apóstolo Paulo, que moram no Mosteiro de São Paulo em Milão”. Este endereço vem seguido das iniciais habituais, em letras gregas IC.XC.+ Jesus Cristo Crucificado.⁵⁴

O início contém um juízo positivo sobre a situação do mosteiro,

com algumas expressões já usadas a propósito da “tibiaza”: “Minhas queridas filhas, eu considero vocês o meu único motivo de alegria e consolo, só de pensar que brevemente estarei de volta à convivência com vocês. Minhas amáveis filhas, estou orgulhoso de vocês e... sei que um dia serei invejado por São Paulo, porque vocês, tal qual as filhas do Apóstolo, desejam ardentemente sofrer por Cristo, renunciam a tudo e a si mesmas, procuram levar o próximo ao verdadeiro espírito vivo e ao Cristo Crucificado; e, mais ainda, porque vocês - não uma só e sim todas - deixando de lado toda estima própria e consolação interior (as filhas de Paulo gostavam disso), tornaram-se apóstolas, não só para acabar com a idolatria e outros defeitos grandes e graves das pessoas, mas também para destruir esta peste, a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza (mediocridade).”.

Imediatamente depois, o anúncio da missão à qual ele as tinha convocado: “Minhas queridas filhas, desfraldem suas bandeiras, pois dentro em breve o crucificado as enviará para anunciarem, por toda parte, a vivacidade espiritual e o Espírito que dá vida a tudo. Graças sem fim sejam dadas ao meu Senhor, por filhas tão generosas que Ele me deu.”.

Neste ponto, o santo delineia uma espécie de retrato de uma discípula de São Paulo. No momento de enviá-las ao mundo, quer que sejam moldadas segundo um padrão: “Minhas filhas, enquanto isso, eu peço a vocês que procurem trazer-me alegria, de tal modo que, quando eu chegar aí, consiga ver o progresso de vocês, cada uma se esforçando mais que a outra. Que eu encontre: gente firme, perseverante e fervorosa nas práticas espirituais, a tal ponto de não passar facilmente do fervor ao abatimento; pelo contrário, que conserve um fervor constante e intenso, que se renove pelos compromissos do batismo e mostre sempre novo vigor; gente que conseguiu uma fé tão grande, que tudo o que é muito difícil, pareça muito fácil, mas certas de que esta confiança nunca será abalada por presunção ou vanglória; gente que procure fazer com perfeição os trabalhos mais humildes, ocupando-se deles com todo capricho e cuidado, não desanimando, nem achando que é rebaixar-se por causa da pouca importância desses trabalhos; gente que se esqueça totalmente de si, para olhar só para o próximo; que não veja seu próprio interesse e não pense em si, mas consiga o bem dos

outros, comportando-se de maneira discreta e madura na ação; gente que venceu suas tristezas bobas, sua sensibilidade à flor da pele, o medo de não progredir na vida religiosa, o desânimo ao querer vencer a si mesma, a cabeça dura e a teimosia, a distração e outras coisas mais. Eu desejo ver que vocês receberam de verdade Aquê que ensina a justiça, a santidade, a perfeição: o Espírito Santo Paráclito. Ele não vai deixar vocês errarem, mas lhes ensinará todas as coisas e não as deixará esmorecer, ficando sempre com vocês e não as deixará carentes, dando-lhes todo o necessário, de modo especial, uma serenidade permanente, mesmo não as livrando das humilhações da cruz. Ele as ajudará a viverem uma vida de acordo com a de Cristo, imitando os grandes santos.

- De modo que podeis dizer como dizia vosso Pai: “sejam meus imitadores como eu o sou de Cristo” (1Cor 4,16; 11,1).

E agora a exortação final: “Lembrem-se do seguinte:”, escreve Antonio Maria, “São Paulo e Frei Batista, nossos inspiradores santos e benditos, nos mostraram tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total que, se nós não tivermos um desejo infinito dessas mesmas coisas, não seremos reconhecidos como seus filhos legítimos e sim degenerados. Tenho certeza que não é essa a intenção de vocês, principalmente por causa da grande vontade que vocês têm de amar Cristo e de agradar a mim, um pai que tanto lhes quer bem, que sempre pensa em vocês e não vê a hora de voltar, só para estar com vocês.”

Depois da saudação e da bênção final, um acréscimo e uma exortação significativa: “Minha mãe, Cornélia e o Batista mandam-lhes lembranças e, de modo especial, Isabel e Judite. (provavelmente familiares que viviam na casa de sua mãe; isto confirma a total sintonia desta com seu filho). “Ah! Quero lembrar-lhes: correspondam facilmente à grande dedicação da Madre Paula e alegrem nosso pai comum,... o padre superior, Tiago Antônio Morigia. Vosso pai em Cristo, ou melhor, vosso espírito em Cristo, Antonio Maria Zaccaria, sacerdote”.⁵⁵

Justamente as Angélicas consideram esta carta a obra mestra de todo o epistolário zaccariano. É uma espécie de resumo dos três anos passados que haviam visto um contínuo crescimento espiritual, apesar da tempestade provocada pelos processos.

Na Festa de Natal de 1535 celebrava-se a primeira missa no oratório que se tornaria depois a bonita igreja de São Paulo Convertido; depois das primeiras vestições, trasladaram para o coro do mosteiro os restos mortais de Frei Batista. Em junho Antonio Maria foi nomeado confessor da comunidade, encargo que manterá até a morte. A direção dos Clérigos foi confiada a Tiago Antonio Morigia. Em setembro tinha chegado de Mântua a Milão a patriciana cremonense Julia Sfondrati, tia paterna daquele que seria o papa Gregório XIV. Antes de deixar Mântua tinha destinado seu palácio para ser transformado em hospital para os pobres e tinha entrado entre as Angélicas por sugestão de Serafin Aceti.

Nesta carta, escrita em 26 de maio de 1537, sábado da oitava de Pentecostes, além do clima de grande impulso espiritual motivado pela liturgia, nota-se a grande alegria pelo convite do cardeal Ridolfi e ao mesmo tempo o desejo e a ânsia de corresponder às expectativas. A missão tinha dado asas a todo grupo.

Capítulo X

A missão de Vicência

Em dois de julho, com Antonio Maria, saíram para Vicência padre Francisco de Lecco, já reconhecido confessor das Irmãs Conversas de Santa Valéria, duas Irmãs Angélicas: Silvana Vismara e Paula Antonia, também uma leiga de nome Francisca. Dois meses depois foi enviada Porcia Negri, viúva e irmã de Paula Antonia. Assim que chegaram à cidade, passaram um bom tempo em oração na igreja, depois foram cumprimentar o bispo e decidir o que deviam fazer.

O primeiro objetivo foi a reforma do mosteiro das Irmãs Convertidas, fundado por uma parenta de São Caetano de Thiene, Madalena Valmarana, dirigido por algum tempo por Frei Batista de Crema, transformando-se posteriormente em lugar bastante suspeito, em que as mulheres tinham voltado a viver como antes. É necessário dizer que – como afirma padre José Cagni – “mais que um mosteiro de verdade, era, sobretudo, uma obra de caridade que socorria a um grupo de pobres mulheres que, havendo passado sua juventude na prostituição, pela idade sentiam-se rejeitadas, sem família, sem casa, sem pão, e muitas vezes sem saúde, com a consciência de terem fracassado totalmente; também, aquelas que haviam seguido os exércitos e feito a vida de campo com os soldados, haviam perdido também seu jeito feminino, tornando-se rudes, agressivas, mostrando como troféus as feridas e as amputações sofridas”.⁵⁶

Nessa situação, era necessário intervir com tato e compreensão; por isso, padre Lecco confiou a missão mais delicada a duas leigas viúvas, Francisca e Porcia, que conheciam bem o mundo que haviam deixado para trás. As duas mulheres, falando individualmente com as hóspedes do mosteiro, conseguiram conquistar, pouco a pouco, a sua confiança e, perante a nova experiência religiosa, convenceram as duvidosas a mudarem de vida.

Antonio Maria e Francisco de Lecco, por sua parte, davam conferências espirituais para a comunidade reunida e, estando no confessionário, colhiam os frutos de conversão que começaram a amadurecer. Depois de alguns meses, aquele mosteiro – onde inutilmente haviam trabalhado anteriormente outros sacerdotes – havia voltado às suas origens.

Mas, em Vicência, havia um outro mosteiro que necessitava de uma enérgica correção: o das Beneditinas Silvestrinas, também fundado quatorze anos antes por uma parenta de São Caetano, Domitila Thiene, mas que havia caído em seguida na “tibieza”; as freiras viviam como se estivessem em sua casa, “sossegadas, livres, e sendo escândalo para todos”, segundo Francisco Moltedo, que acrescenta: “Eu não sei, se cansasse mais a nosso Pai conduzir à perfeição estas religiosas tão relaxadas, ou reformar as mulheres do outro mosteiro, que tinham voltado às depravações anteriores”.⁵⁷

Estas freiras puseram de verdade à prova a paciência de Antonio Maria. Mas ao final, a caridade superou todo o obstáculo. Desta surpreendente mudança, Frei Serafin Aceti nos dá um significativo testemunho. Alguns anos depois da morte de Antonio Maria, ao dedicar às Silvestrinas de Vicência seu livro de ascética, ele escreveu entre outras coisas o seguinte: “Tendo ouvido vosso desejo de perfeição, como o entendestes pela presença de vosso e meu pai Antonio Maria Zaccaria que agora adorna o céu como adornava a terra, me vejo obrigado a dedicar-vos este trabalho. Portanto, vos exorto a seguir o caminho iniciado na renovação interior e a voltar a ser as entranhas de Paulo e assim sereis sua coroa”.⁵⁸

Mas o zelo reformador do grupo não se limitava aos dos mosteiros, embora estes fossem os objetivos prioritários; Antonio Maria entrou em contato com todas as classes sociais, atraindo as pessoas com suas famosas “colações”. Seu modo de falar impressionava os intelectuais, apesar de falar com simplicidade porque queria ser entendido por todos. Simples, mas claro, não tinha medo de denunciar as pragas sociais pelas quais, em parte, era responsável a nobreza com seus privilégios. Falava para todos: jovens, casais, sacerdotes. Seus discursos não eram abstratos. Fazendo um diagnóstico sem piedade de uma sociedade que, tendo abandonado a fé, só podia piorar. O protagonista de seus discursos era sempre Cristo Crucificado.

A missão, segundo ato

Antonio Maria deixa logo Vicência. Lá ficaram Francisco Lecco e os demais membros do grupo. O Vicário da Diocese, mais que satisfeito pelo êxito da missão, insistia junto ao santo para que estabelecesse na cidade um grupo permanente de animadores para manter vivo o extraordinário clima de fervor que se havia se criado. Particularmente, estava interessado em consolidar o novo caminho no mosteiro das Irmãs Conversas: o Vicário queria confiá-lo às Irmãs Angélicas.

Surpreende o fato de que foi Paula Antonia Negri a escolhida para dirigir o mosteiro, ou seja, a mais jovem (tinha só 28 anos) Isso confirma a estima que gozava junto a Antonio Maria, o qual a havia colocado várias vezes à prova com autênticas provocações: “Uma vez, conta Batista Soresina, em uma conferência espiritual que fez para as freiras de São Paulo, perguntou à angélica Paula Antonia Negri, mestra das noviças, que exercícios lhes havia mandado fazer. E tendo ela explicado com detalhes, e, como pela grande tibieza e negligência, não haviam tirado fruto dos excelentes exercícios, ordenou às noviças que cuspissem na cara da mestra. Negando-se elas a fazê-lo, com sua autoridade as obrigou a obedecerem, ficando igualmente mortificadas as noviças e a mestra. O pai acompanhava estas ações com severas repreensões às noviças”.⁵⁹ Antonio Maria queria inculcar nas jovens discípulas que, não obedecer às ordens da própria guia, era como cuspir nela.

Não demorou muito tempo para que a cidade comentasse sobre esta religiosa com grande admiração. Os primeiros que se maravilhavam eram os homens, com os quais Paula Antonia Negri falava das coisas do espírito com autoridade, conseguindo comunicar aos outros aquele “fogo” que levava dentro de si. Quem a procurava para um conselho, sempre conseguia se enriquecer interiormente. Um homem apostólico não faria isso melhor, nem em um convento, nem em meio ao povo. Além disso, o mesmo Serafin Aceti, numa obra sobre *Conversão*, surgida em 1538, ao sublinhar a grande melhoria do mosteiro de Santa Maria Madalena, não deixa de atribuir boa parte do mérito à angélica Paula Antonia que, aos olhos do povo, era considerada como uma nova Catarina de Sena.

As boas notícias chegavam também a Milão onde Antonio Maria

esperava a sentença do tribunal sobre as graves acusações feitas ao grupo. A sentença que os absolveu totalmente de todas as culpas chegou em 21 de agosto de 1537. Assim, no início de setembro pôde voltar a Vicência.

A primeira coisa que fez, foi se esforçar para dar vida também em Vicência, à prática eucarística das Quarenta Horas (o Papa Paulo III, em Roma, aprovava a prática com um *breve* em 28 de agosto). Depois se dedicou à pregação com seu conhecido ardor. Vinham pessoas de toda Vicência para escutá-lo, nobres misturados ao povo simples, como raras vezes havia acontecido. Os biógrafos falam de clamorosas conversões entre a classe alta da cidade: dois famosos advogados (Nicolau de Aviano e Jerônimo Maria Marta, de Treviso), o vice-prefeito (João Melso de Údine), um prelado que havia sido enviado a Vicência, vindo de Roma para tratar de um assunto com algumas pessoas daquela cidade (João Batista Caimo de Milão). Todos, uns antes e outros depois, conquistados pelo exemplo de Antonio Maria e o fascínio de Paula Antonia, entraram para as fileiras dos Clérigos Regulares de São Paulo, sendo imitados por numerosas mulheres, solteiras ou viúvas que se consagraram a Deus no mosteiro das Angélicas em Milão.

Entre as “conquistas” de Antonio Maria se encontra Tito dos Alessi, um nobre vicentino, protagonista de um dos surpreendentes encontros que se podem definir como providenciais. Estando casualmente no centro da cidade, Tito e Antonio Maria (que não se conheciam), se cruzaram pela rua, e o santo, depois de fixar o jovem com um estranho olhar, o cumprimentou. E enquanto o outro respondia educadamente, maravilhado pela saudação inusitada e confidencial por parte de um desconhecido, Antonio Maria lhe pôs a mão esquerda nas costas e com a direita lhe fez o sinal da cruz na testa. Depois o saudou novamente e seguiu seu caminho. O jovem, que provavelmente tinha ouvido falar deste estranho padre vindo de Milão para reavivar a fé do povo, ficou como que fulminado pelo encontro. De fato, o barnabita padre Gabuzio fala de *vis ignea*, (força de fogo) e, ao voltar para casa, começou a refletir sobre o sentido de sua existência. A impressão suscitada nele por aquele gesto estranho, forçou-o a procurar o santo para conversar. Aquele colóquio foi revelador para os dois. Tito foi literalmente conquistado pelo sacerdote, e até começou a pensar em entrar na nova ordem. Conseguirá isso mais adiante, quando Bartolomeu Ferrari ocupava o lugar do fundador em Vicência.

No verão de 1537 encontrava-se na cidade veneta também Inácio de Loyola, o futuro fundador da Companhia de Jesus, com alguns seguidores. Não é historicamente certo que os dois tenham se encontrado, sabendo-se que aqueles primeiros jesuítas, no final do mês de agosto se transferiram para Roma, enquanto Antonio Maria ficou na cidade uns quarenta dias, voltando a Milão no mês de outubro. Seja como for, nesses tempos circulava por todas as partes, mas particularmente na região de Vicência, uma profecia atribuída a São Vicente Ferrer, segundo a qual o Senhor haveria de suscitar, no momento certo, pessoas dotadas de uma virtude extraordinária para promover o renascer do povo cristão. Claramente, em Vicência todos estavam convencidos de que isso se referia a Caetano e aos Teatinos. Mas há um detalhe importante – a referência explícita a Cristo Crucificado e a São Paulo – que faz pensar mais no grupo de Antonio Maria. O que disse o santo pregador espanhol nos relata Antonio Teoli na *Vida*: “A terceira coisa que devemos observar na vida destes homens que hão de chegar é a seguinte: eles são paupérrimos, simples, tranquilos, humildes, desprezados, e de uma ardente caridade. Não pensam e nem sabem outra coisa a não ser Jesus Cristo e este crucificado; não se preocupam com as coisas deste mundo, se esquecem de si mesmos contemplando só a glória de Deus e de seus santos e suspiram intimamente por ele e por seu amor; desejando sempre morrer e dizendo como São Paulo: ‘desejo morrer para estar com Cristo; estarão cheios de inumeráveis tesouros de riquezas celestiais, banhados de dulcíssimos rios de suavidade e alegria divina e aspiram aos bens do céu, abandonando todas as coisas criadas’”.⁶⁰

A segunda parte da missão em Vicência teve o mesmo êxito que a primeira, consolidando-a. Antonio Maria mantinha contato com os fiéis mais comprometidos com a renovação e decidiu mandar a Vicência também Bartolomeu Ferrari que ficaria ali por cerca de dois anos.

A carta de Antonio Maria datada de 8 de outubro de 1538, um ano depois de começar a missão, serve também para lançar luz sobre o grande impulso apostólico que animava os paulinos desejosos de “influenciar aquelas pessoas” que o Crucificado lhes confiava “dia a dia”; nos faz entender também as dificuldades que o ambiente das Conversas apresentava; não se podia apagar certamente de uma vez só um passado tão atormentado como o dos hóspedes daquele mosteiro. E aqui,

Antonio Maria recorre a sua experiência como médico: “o uso do ferro o torna mais brilhante”, e “ir à escola acaba com a ignorância”,⁶¹ como que dizendo que para todos os males há remédio se se usar a misericórdia e a paciência. Este pensamento aparece também nas *Constituições* onde afirma: “o humilde é cheio de compaixão e de tolerância em relação aso defeitos alheios”.⁶²

Enquanto Antonio Maria estava em Milão, continuava sua contínua ação estimuladora, seja entre os seus colaboradores, seja entre as Irmãs Angélicas e os casados, ajudando também a condessa Torelli, a qual se dedicava em fazer obras de caridade nos hospitais, nos presídios, nos bairros mais pobres e devastados pela violência e a ignorância.

A obra de Antonio Maria não tocava só as consciências individuais, mas com o tempo também influenciou o governo da cidade. Assim, por exemplo, um dia os milaneses souberam, por um decreto público, que nos domingos e nas festas de preceito não se podia vender nada além de pão e vinho. Voltava-se assim, a valorizar o preceito de descanso festivo.

Capítulo XI

Poucos mas bons

Em Milão aparecia cada vez mais claro um sinal muito importante da “mudança” espiritual realizada por Antonio Maria: o número crescente de pessoas que batiam as portas dos Clérigos Regulares, das Irmãs Angélicas e dos casados de São Paulo. Não eram provenientes só da cidade, mas de muitos lugares da Lombardia. Nesta situação, Antonio Maria deu prova da necessidade do discernimento. Para a sua reforma necessitava de pessoas “seguras” e sólidas; era indispensável examinar atentamente cada indivíduo. Comportava-se exatamente conforme o que estava estabelecido no esboço das suas Constituições: “Queremos”, escrevia, “que vocês só recebam os que podem ser úteis para si mesmos e para os outros. Por causa disso, se aparecerem uns não muito inteligentes, mas de muito boa vontade e pedirem para ser acolhidos, admitam-nos e os aceitem, não diretamente na comunidade e nem mesmo nas reuniões e capítulos. Se forem inteligentes, não os recebam se não tiverem uma grande boa vontade, porque estes, se forem bons, farão um grande progresso espiritual. Ao contrário, se forem maus, se estragarão a si mesmos e aos outros. Irmãos, de fato, vocês verificarão que aquele que incita murmuração, tibieza e cismas nas comunidades ou nas Congregações, este impede que a luz chegue aos que têm pouca capacidade e apaga o fogo do entusiasmo do fervorosos. Por isso, observem a natureza de uns e de outros e procurem compreendê-la muito bem, isto é, ver se o candidato está sem luz ou sem fogo. Vocês conhecerão esta realidade, observando o que dissermos mais adiante, não só por um dia, mas por muito tempo. Será melhor para vocês ter e receber poucos, mas com boa disposição, do que muitos, não aptos. Não julguem inaptidão a que vem do corpo ou das posses materiais, mas a que vem da alma. Por isso, poderão receber, também, os fracos ou doentes, velhos ou camponeses, de qualquer condição (...), contanto que sejam dotados de boas qualidades, de fogo e de luz”.⁶³

Em resumo, poucos, mas bons e bem experimentados. Os que serão recebidos acertem, antes, o que possuem, ou por testamento, ou por divisão de bens, ou por distribuição, não dando ou deixando coisa alguma para o Mosteiro. Se tiverem pendências com a justiça devem dizê-lo claramente. Quem mentia sobre isto era colocado em quarentena durante dois anos antes da profissão; e se a mentira fosse descoberta depois dos votos, devia ser imediatamente expulso da ordem “sem exceção e sem demora”.

Para estarem seguros de sua verdadeira vocação, Antonio Maria sugeria ao responsável pelos postulantes colocá-los à prova “com todo tipo de injúrias e humilhações verdadeiras”.⁶⁴ Era fixado também um limite mínimo de idade para a profissão: vinte e cinco anos. Como vemos, a seleção era duríssima, e também, uma vez admitidos, os “noviços” deviam aprender aquela radicalidade de que ele era o primeiro exemplo. No capítulo das *Constituições* dedicado à formação dos noviços, chega a afirmar que cometem “adultério espiritual, caso descubram que puseram seu amor, de qualquer modo que seja, em coisas, em parentes, ou também no amor próprio, porque Deus é ciumento e proíbe todo e qualquer outro amor que não seja o seu”. Ensine-lhes a amar ardentemente e com tal força a Pobreza, que nunca digam a respeito de qualquer coisa: “Essa coisa é minha” e mais, fujam de qualquer atitude de apropriação, até de coisas insignificantes; dessa forma, amem a pobreza de tal forma que desejem que lhes falem até as coisas mais necessárias, sabendo que, sob o pretexto da necessidade, os braços do supérfluo, muitas vezes, aumentam demais. Isso porque, do mesmo modo que a natureza contenta-se com pouco, da mesma forma a avidez é insaciável até tendo muita abundância supérflua.”⁶⁵

Rigor, certamente, mas em um clima de grande liberdade interior. Acrescenta mais adiante o santo: “Irmãos, façam de tal modo que não haja prisões, nem qualquer outro tipo de torturas entre nós, porque julgamos supérfluo punir, dentre nós, os que não se deixam violentar pelo amor da virtude e de Deus e pelo temor do juiz divino ou humano; pois não pretendemos dar-lhes leis de temor, mas de puro amor”. Quem, pois, não se corrigir depois da terceira admoestação, seja expulso da Congregação na quarta vez, para nunca mais voltar”.⁶⁶

Sua batalha contra a “tibieza” começava no interior da comunidade,

convencido, como estava, que era isto que enfraquecia todo testemunho cristão. Aliás, é o que confirma a história: algumas famílias religiosas se extinguíram por seu progressivo relaxamento. Para evitar este perigo, nas *Constituições*, Antonio Maria alerta contra cinco possíveis “sinais da ruína dos costumes”, que se referem aos três votos: obediência, pobreza e castidade, a disciplina da gula e a disciplina comunitária. Agudo como sempre no diagnóstico, chega ao prático com o seu conhecido linguajar direto: “Quando vocês virem alguém fazer tudo o que quer, (...) vocês compreenderão que a obediência está corrompida.. (...). Quando vocês virem a multiplicação das chaves, fechaduras pesadas, grades, caixas e portas fortes, conclua que o amor à pobreza acabou. (...) quando os virem bisbilhotar com tagarelices e ceder à comodidade e à sensualidade, podem afirmar que a primeira e imaculada Castidade já começou a ofuscar-se e a se enegrecer. (...). Quando vocês virem alimentos serem preparados em quantidade maior do que a de costume, ou o apetite sendo satisfeito com quitutes ou guloseimas; quando vocês ouvirem murmurações por causa dos alimentos e dos vinhos. quando vocês virem alguns ficarem à toa só esperando a hora das refeições; quando ouvirem os confrades esperando por tortas e se deleitando com vinhos saborosos e doces, resumindo, quando vocês virem esses sinais, saibam que o demônio está controlando os gulosos.”⁶⁷

O “quinto sinal” tem como objetivo os “prelados”, ou seja, os superiores; também aqui Antonio Maria os fustiga impiedosamente: “quando vocês virem os superiores encontrarem desculpas para os seus defeitos e quiserem ser perdoados e, pelo contrário, usarem de grande rigidez contra os defeitos dos seus irmãos, não aceitando nenhuma justificação da parte deles; quando vocês virem os superiores sem coragem para punir os defeitos dos seus irmãos e até adulá-los; saibam que, nesses, já desapareceu a justiça e o temor de Deus.” Em poucas palavras, quando a vida religiosa e a vida comunitária estão relaxadas e “se multipliquem os sujeitos relaxados, (...) então compreenderéis que os bons costumes já caíram em decadência”.⁶⁸

Uma casa maior

Quando retornou de Vicência, Antonio Maria se preparou com a oração e o silêncio para a profissão perpétua, que emitiu presumivelmente

(não existem documentos a este respeito) na metade do ano de 1538. Por duas vezes, havia obtido do Papa a permissão para emitir os votos solenes, mas sempre havia atrasado a cerimônia esperando que a Ordem recebesse o reconhecimento pleno de Roma. O papa Paulo III havia concedido a isenção da autoridade eclesiástica milanesa só por um quinquênio. Em todo caso, Antonio Maria, em 9 de julho de 1537, com uma procuração feita ao superior padre Tiago Antonio Morigia, havia renunciado definitivamente a todos os direitos e haveres que ainda lhe pertenciam ou poderiam pertencer-lhe, na cidade e fora dela. E isto, para dar ao voto de pobreza a marca de um desapego total das coisas materiais.

A chegada de novas vocações voltou a levantar o problema de uma casa maior, de fato, quando falava aos seus e, sobretudo, aos casados, o local não era suficiente, tanto assim que estes foram divididos em grupos e confiados, além de Antonio Maria, também a outros companheiros. Com alguns deles foi estudado o problema da nova casa; depois de pedir conselho àqueles que conheciam bem a realidade da cidade, o santo se inclinava por uma igreja situada além do Naviglio, próximo de Porta Tosa; junto a esta, havia um grupo de barracos sem nenhuma importância, os quais poderiam ser derrubados para que se pudesse construir um convento maior, deixando, porém, boa parte do terreno para servir como horta.

Um particular orientou Antonio Maria para essa escolha: a igreja era dedicada a São Barnabé, estreito colaborador de Paulo, tradicionalmente considerado fundador da igreja milanesa. Beneficiário dela era o sacerdote Alexandre Taegi, um nobre milanês que não colocou dificuldades para a compra, mas devido a certos antigos direitos seria necessária a permissão da cúria romana, que não tardou em chegar; de modo que no dia primeiro de outubro de 1538 o negócio estava concluído.⁶⁹

De Vicência havia sido chamada Paula Antonia Negri, enquanto que para ajudar a Bartolomeu Ferrari tinham ido Frei Bono e um jovem sacerdote de vinte e cinco anos, Lourenço Paulo Castellino, mais conhecido como Lourenço Davidico o qual, apesar de sua idade, havia se destacado como um grande pregador.

Antonio Maria alternava sua residência entre Cremona e Guastalla.

Precisamente de Cremona, onde se encontrava com Paula Antonia, para ajudar a missão de Vicência, escreveu a Bartolomeu Ferrari, o qual talvez já lhe havia advertido das inesperadas dificuldades apesar do êxito altamente positivo do trabalho. O verdadeiro motivo da carta de 8 de outubro de 1538 não se conhece, como tão pouco apenas se sabe do breve mas decisivo apostolado de Antonio Maria em Vicência. O escrito do santo é um apelo para ter ânimo. Assim começa: “Meus santos filhos em Cristo, de que vocês estão duvidando? Ainda não perceberam que, nesta missão, nunca lhes faltaram recursos para dar aos que estão precisando? (...) Tenham a certeza que o Cristo Crucificado tomará a iniciativa antes que vocês falem e estará ao seu lado em todas as palavras e boas intenções. Paulo dizia (2Cor.10,13) que chegaria até os limites que o Cristo marcasse. Ora, o limite que Jesus Crucificado lhes prometeu é que as forças de vocês irão penetrar os corações até o mais profundo (Hb.4,12). Será que vocês não vêem que Ele lhes abriu as portas com suas próprias mãos? Não se deixem desanimar pelas dificuldades que aparecerem na hora de falar ou de fazer qualquer outra coisa (...). Paulo não foi, no começo, o que foi mais tarde e nem os outros! (...). Fiquem, então, firmes e certos de que, sobre o alicerce de Paulo, vocês não construirão prédios de palha ou de lenha e sim de ouro e pedras preciosas (1.Cor.3,12) e o céu, com seus tesouros, se abrirá para vocês e seus irmãos (At.7,55)”.⁷⁰

Entre 9 e 10 de outubro de 1538, Antonio Maria com Paula Antonia Negri, viaja a Guastalla, ficando ali cerca de um mês, mas não deixa de manter-se em contato com seus companheiros, dos quais estava afastado há algum tempo. De lá, escreve-lhes uma carta que denota a preocupação por algo que na casa de Milão não andava bem. Ausentes ele e Bartolomeu Ferrari, dirigindo Tiago Antonio Morigia o grupo e as Irmãs Angélicas, uma certa desordem parecia turvar a tranquilidade do convento no qual os filhos de Paulo haviam crescido em número, chegando a ser dezoito. De sua cela no castelo de Guastalla, onde está ocupadíssimo, também por ser procurador da condessa Torelli nos trâmites da venda do condado, Antonio Maria afronta a questão da devida lealdade aos próprios superiores naquela que podemos definir como a primeira “carta circular” dirigida à Ordem.

Os destinatários são Tiago Antonio Morigia, superior, e o vigário

Batista Soresina “com todos os demais perto da Basílica de Santo Ambrósio”. Alternando entre crítica e dúvida e amargura, o santo fala da obediência religiosa, ensinando que esta não consiste em observar regras, mas antes, em um código escrito no coração: “Se vocês forem generosos, afirma textualmente, , aprenderão a se governar por si mesmos, sem leis exteriores, mas com elas nos corações. Desse modo, cumprirão não a palavra exterior, mas a própria intenção interior. É assim que convém agir, se não quiserem obedecer como empregados e sim como filhos. Sendo assim, tendo quem os governe, deixar-se-ão governar. Se for um anjo a governar vocês, não se preocuparão com quem os governa, seja este ou aquele e, quando não tiverem ninguém para os governar, a sua própria consciência os governará.”⁷¹

É como dizer que os superiores são uma guia externa, os guardiães da lei, mas o cumprimento desta depende de cada um. E mais, se poder-se-ia prescindir dos superiores se cada religioso se esforçasse sinceramente em chegar à meta. Como disse padre Salvador de Ruggiero, a quem devemos depois de séculos de esquecimento a primeira edição dos *Sermões*, Antonio Maria “defende a santa liberdade de espírito que tem como guia direto o Espírito Santo o qual para cada alma usa uma linguagem particular e inspira a fazer sua a vontade de Cristo e a não buscar outra coisa. Sirva o exemplo de São Paulo e de todos os santos”.⁷²

Termina com um convite para olhar o apóstolo e um aviso: “Filhos e plantas de Paulo, alarguem os seus corações (2Cor.6,13), pois quem os plantou e ainda planta, tem o coração maior e mais aberto que o mar e não sejam inferiores à vocação para a qual foram chamados (Ef.4,1). Se vocês quiserem, serão, desde já herdeiros e filhos legítimos do nosso santo pai e dos grandes santos e o Cristo Crucificado estenderá suas mãos sobre vocês. Não minto para vocês e não há ninguém de nós que queira mentir, por isso, procurem dar-me grande satisfação e lembrem-se de que, estando aqui ou fora, vocês têm a obrigação de dar-me satisfação. Chega! Que o próprio Cristo escreva... a nossa saudação em seus corações.”⁷³

A carta, além da assinatura de Antonio Maria, sacerdote de Paulo Apóstolo, tem o acréscimo “e angélica P(aula) A(ntonía) Negri”; isto confirma a importância que teve esta mulher que, por mais de dez anos, depois da morte do fundador, será considerada a guia carismática dos Três Colégios.

Antonio Maria e Paula Antonia Negri voltam a Milão em meados de novembro de 1538. Está programado o traslado para a nova sede de São Barnabé. Parece que possa acontecer a qualquer momento, mas uma série de imprevistos aconselha a esperar. Antonio Maria não poderá ver acontecer o seu sonho que se tornará realidade só em 1545, seis anos depois de sua morte. Seguramente ele pensava viver mais tempo, por isso continuou em sua incansável atividade apostólica, falando ao povo, confessando e animando com sua presença a seus filhos espirituais, as irmãs angélicas e os casados. O intercâmbio era particularmente intenso com o mosteiro de São Paulo Convertido. Os sacerdotes iam celebrar e pregar aí; por isso, com o tempo se estabeleceu o costume de os novos sacerdotes celebrarem ali a sua primeira missa.

Pacificador em Guastalla

Tanto em Milão como em Guastalla, Antonio Maria já se tinha tornado ponto de referência obrigatório para as mais variadas iniciativas, também porque estava presente onde houvesse almas para conduzir a Deus; procurava-as nas casas, nas praças e até nos bares, guiado por um olfato sobrenatural típico dos santos.

No final do mês de maio, foi chamado com urgência a Guastalla por Ludovica Torelli porque a venda do feudo havia criado graves problemas; a população, que havia encontrado na condessa uma guia e quase uma mãe, sofreu um verdadeiro trauma ao passar para o novo proprietário. Para atrapalhar mais as coisas, surgiu uma briga entre dois sobrinhos de Ludovica Torelli que discutiam o direito de algumas barreiras aduaneiras. Roma havia decidido em favor do conde Paulo Torelli de Montú e contra o conde Marco Antonio Torelli de Mântua, mas como a população não aceitava a sentença, foi penalizada com um interdito proibindo a celebração e a participação nos ritos sagrados. A reação popular foi tal que se perfilavam lutas armadas. Nesta situação a condessa Torelli se dirigiu a Antonio Maria para que fizesse o papel de mediador e pacificador.

Não era o melhor momento para uma nova viagem. Antonio Maria começava a apresentar as consequências do ritmo exaustivo de suas jornadas. Todavia, não podendo dizer não à sua benfeitora, deixou

Milão para onde nunca mais voltaria vivo. Sua presença, entre outras coisas, dava aos habitantes de Guastalla a vantagem de escutar a missa, apesar do interdito, porque ele havia obtido do Papa o privilégio de poder usar em qualquer lugar um altar portátil.

Ao chegar, reuniu o povo no castelo e, como primeira medida, promoveu uma série de orações públicas interrompidas por assembléias nas quais, cada um podia expor suas próprias ideias. Tinham confiança nele, também porque anteriormente tinha resolvido com êxito, vários e complicados casos de heranças. Escutou a todos com paciência tomando nota do que apurava e depois apresentou algumas hipóteses de solução à luz do bom senso e da caridade cristã.

Desta vez também obteve êxito, pois os ânimos se acalmaram e se chegou a um acordo favorável a todos. Para reforçá-lo organizou uma série de encontros – hoje os chamaríamos de exercícios espirituais – em preparação às 2 grandes solenidades de Pentecostes e de Corpus Christi. Pregava e confessava sem descanso. E precisamente neste momento aconteceu algo que foi comentado em toda Guastalla.

O santo, nos diz o padre Gabuzio, passava seu pouco tempo livre na igreja diante do sacrário. No entanto, numa tarde decidi surpreendentemente sair para dar um passeio nas margens do rio Pó. Vendo chegar um jovem, Antonio Maria o cumprimentou e fez ali mesmo este estranho discurso: “Eu quisera, filho meu, que pensasses bem em tuas coisas, e cuidasses, com prontidão, da saúde da alma. Sabes que não há coisa mais frágil e incerta que a vida humana; o coração me diz que serás chamado por Deus antes mesmo do que tu imaginas”.

Imaginemos a cara do jovem desconhecido – que entre outras coisas estava em perfeito estado de saúde – ao receber o anúncio da morte iminente. Outro teria achado graça, mas provavelmente o jovem sabia quem era esse sacerdote e respondeu que estava preparado para se confessar imediatamente. Antonio Maria o levou de braços dados até a igreja onde se reconciliou com o Senhor e se preparou para o grande passo. Ao voltar para casa contou a seus pais e amigos sua incrível aventura; alguns o ironizaram, e a maioria o levou a sério ao saber de onde vinha a notícia. De fato, no dia seguinte o jovem morria em um acidente. Durante os funerais na igreja, não cabiam tantas pessoas que tinham vindo ouvir Antonio Maria.

Capítulo XII

Testamento espiritual

Se ele estava tão bem informado sobre a vida dos demais, seguramente o estava ainda mais sobre a sua. Desta forma se explicam as três últimas cartas enviadas de Guastalla e que são como seu testamento espiritual. Nesse ínterim de Milão lhe escreviam lamentando sua ausência tanto da sua comunidade como das Irmãs Angélicas e dos grupos dos Casados. Em dez dias escreveu três longas cartas destinadas a cada uma das três famílias: as Angélicas em 10 de junho de 1539, na pessoa de sua guia e mestra, Antonia Paula Negri (segundo alguns, a priora, Dominga Batista de Sesto), aos confrades no dia seguinte por meio do padre Soresina, o mais jovem de seus primeiros oito companheiros, seu predileto pela simplicidade e pela candura de sua alma; e aos Casados em 20 de junho, dirigindo-se ao casal Omodei. Infelizmente, destas cartas não temos os originais, os textos nos chegaram por meio de cópias.

O texto destinado as Irmãs Angélicas não é de fácil interpretação, sobretudo a luz dos acontecimentos de alguns anos depois. Antonio Maria demonstra grande apreço pela extraordinária personalidade carismática de Paula Antonia Negri, mas provavelmente se dá conta de que certos comportamentos fora do normal poderiam desviar as Angélicas mais jovens. Então deixa entender os riscos que poderiam ocorrer na comunidade: “Ora, minha irmã,” afirma entre outras coisas Antonio Maria, “se me permite, desejaria ter com você a mesma liberdade que têm os grandes santos e também manifestar-lhe que aquilo que, por causa da grande perfeição que eles têm, é neles uma experiência e um sinal certo de sua santidade madura, seria para nós, ocasião de clara e verdadeira ruína ou então, um sinal evidente de não termos ainda abandonado os nossos hábitos antigos e envelhecidos. (...) Não vou falar das coisas que só você pode compreender, mas das que todas as Angélicas compreendem, deixando por sua conta meditar sobre o resto.”

Neste ponto, passa a ilustrar com muitos detalhes um estranho comportamento, de aparência nada virtuosa, que alguns santos mostravam, intencionalmente, para esconder sua virtude. Como para dizer que não se deva julgar ninguém pela aparência. E cita o caso de Barnabé (a carta está datada da vigília da festa litúrgica do companheiro de Paulo) quando apresentou o apóstolo, recentemente convertido, aos cristãos de Jerusalém, os quais estavam bem receosos; ao descrever um imaginário santo ou santa (curiosamente todos os adjetivos estão no feminino), afirma que alguns podem parecer cheios de defeitos, mas indo além da aparência muitas vezes coberta pelo véu da humildade, descobrem-se as verdadeiras virtudes.

Alguém, anos depois, verá nas expressões usadas pelo fundador cumprir-se a profecia do fim inglório de Paula Antonia. “Minha querida Madre” acrescenta Antonio Maria para a conclusão, “Querida irmã, desejaria dizer algo mais; entretanto, não queria que você ficasse de mal comigo. Você, porém, dirá o resto para as outras. Só vou falar mais o seguinte; diga às Angélicas que não usem, nem tomem a liberdade de fazer estas mesmas coisas, pois eu garanto que, nelas, o resultado seria o contrário do que acontece nela. Por isso, em vez de crescer na perfeição, elas cairiam, talvez, no inferno do pior relaxamento. Portanto, não lhes convém a conversa fiada: o que convém, isso sim, é observar o silêncio que lhes foi pedido. Não lhes fica bem trabalhar, falar ou pensar, sem um controle interior e exterior. E assim, o fato de não terem o controle de suas vontades, as levaria ao desleixo, pois elas ainda estão longe do ideal. Terem um cargo, seria motivo de presunção; saber muitas coisas, motivo de orgulho; a distração as tornaria relaxadas; o não mortificar a própria vontade, mesmo nas coisas boas, as tornaria grosseiras e as afastaria totalmente dos ideais de São Paulo e de sua vida. Reflitam e vejam o mal que é para elas desejar comodidades; embriagar-se - não de vinhos finos- e saciar-se - não de comidas requintadas - mas de consolações espirituais e se alimentarem, mesmo que só um pouco, com a auto-satisfação: se não forem cegas, elas verão o mal que estas coisas fazem. Diga-lhes, portanto, que o Apóstolo Paulo lhes apresenta um Cristo Crucificado em todos os sentidos, não só Ele Crucificado, mas também crucificado nelas; e insista para que assimilem bem esta ideia. E se são tão ignorantes, a ponto de não entendê-la bem, diga à Mestra,

irmã Paula, que lhes explique tudo isso, pois o fervor e a capacidade de expressão que ela tem, substituirão tudo o que eu quis, dizer.”

Depois, uma seca conclusão: “É só isso, minha irmã! De vossa caridade. Pai e filho. Antonio Maria, sacerdote”.⁷⁴

Uma coisa surpreende neste texto; normalmente Antonio Maria fala claro, sem subentendidos; aqui, no entanto, diz e não diz, deixa a entender nas entre linhas, não sem alguma ambiguidade, como temendo ofender a alguém. Tudo está como que incerto, deixando espaço para interpretações contrastantes. Quem escreve prefere interpretá-la como uma respeitosa advertência, típica de um testamento, mais que de uma profecia; de fato, o amor pela verdade e pela santidade de seus filhos espirituais teria movido o santo a falar e, sobretudo, a agir de modo diverso se o que ele tinha como hipótese tivesse sido realidade.

Crescer continuamente

Não esqueçamos que, como bom médico, Antonio Maria conhecia suas precárias condições de saúde e sabia que a morte era eminente. Por outra parte, na carta ao padre Soresina o tom é, de fato, dramático, mas aqui não se trata mais de uma hipótese. Antonio Maria deve chamar a atenção do discípulo que sempre lhe foi tão querido por sua simplicidade, a ponto de ter-lhe confiado “todo meu tesouro”. Escreve-lhe já que não é sincero com o seu superior (padre Morigia). “Meu desejo foi sempre o de vê-lo progredir sem parar. E, se por acaso, ficar claro que você não está seguindo as minhas orientações, mesmo que se comportasse assim por ignorância, por falta de atenção e não por maldade, isso teria sido, para mim, como uma facada no coração. Fica pior ainda, se fosse uma falta contra outras pessoas, porque as imperfeições praticadas contra os outros doem mais do que se fossem contra mim: a mesma coisa é a alegria que tenho por causa dos gestos concretos praticados em favor dos outros: ela é muito maior do que se esses gestos fossem feitos em meu favor.”

Depois, faz uma breve digressão falando sobre a alegria de Paulo ao ver Timóteo e a Tito: “fervorosos amantes do bem ao próximo”, entra no mais importante, “Quero dizer-lhe mais uma coisa, prezado Pe. Batista. Soube que você não tem, com Pe. Superior (Tiago Antônio Morigia), a mesma simplicidade de atitudes que tem comigo e isso me encheu de tristeza, pois

se comporta diante dele de maneira fingida. Isso me atravessou o coração! E teria sofrido muito mais, se tivesse acreditado em tudo o que ouvi. Que coisa! Sua falta seria muito grave, se isso tudo fosse verdade! Se você tiver mesmo esta falha quem mais eu poderia elogiar, pois eu o considero como aquele cujas atitudes devem trazer-me grande alegria! Pobre de mim, se todos os meus filhos têm tão pouca preocupação em alegrar-me; teria sido melhor nunca tê-los gerado, para depois se desviarem”.

Depois de exortá-lo a “agir corretamente e ser simples com todos”, acrescenta: “Se, daqui pra frente, eu não perceber mudanças em você e se você não se comportar deste modo, isto é: (...)que sempre veja em mim e nos meus semelhantes o Cristo Jesus Pastor de sua alma em pessoa:(...)se você não fizer isso, não ficarei satisfeito com você e pedirei ao Crucificado que me tire deste mundo”. Mas a ameaça passa seguida de uma esperança de mudança. “Agora chega! Tenho a certeza de que, mesmo tendo errado por malícia, você não errará mais e será leal e simples com o Pe. Tiago Antônio Morigia e com os outros.”.

A conclusão contém uma rápida saudação aos seus primeiros companheiros, alguns dos quais identifica com uma pincelada que os caracteriza: “Recomendações ao Sr. Dionísio, ao fiel João Tiago, ao humilde Sr. Francisco Crippa, ao sofredor João Antônio Berna, aos meus cordeais amigos João Antônio Dati e Tomás Tati, ao incansável Sr. Camilo Negri e... ao agitado Ulderico e ao simples Sr. Conrado Bobbia. Dê também as minhas lembranças aos Srs. Felipe, Janico, Modesto e senhora, Bernardo Omodei e filhos, ao sobrinho do João Antônio Berna e aos Srs. Baltazar Medici e João Pedro Besozzi e a todos os outros. E, em meu nome, peça a bênção a todos os padres, de modo especial ao Pe. Superior Tiago Antônio Morigia e ao Pe. Bartolomeu Ferrari, aos quais não escrevo, porque Cristo escreverá em seus corações, nem lhes recomendo coisa alguma, porque tudo está sobre os ombros deles. Que Cristo me conceda a graça de encontrar, em você, a minha satisfação. Seu pai em Cristo. Antonio Maria, sacerdote”.⁷⁵

“Grandes santos”

A última carta é para um nobre casal milanês, Laura e Bernardo Omodei, membros do grupo dos Casados de São Paulo; é uma pequena

obra mestra de espiritualidade laical, escrita certamente com o coração e da qual recomenda vivamente a leitura. Aquele 20 de junho de 1539 era uma sexta-feira e em seu pequeno quarto de Guastalla, Antonio Maria consumido pela febre que já não lhe deixaria trégua, põe fim a sua vertiginosa atividade apostólica. Por este motivo, entre os escritos do fundador, este foi o mais editado e difundido.

O que é mais importante ele diz logo: “E já que os confiei ao Cristo, desejo que vocês não se deixem levar pela tibieza, mas que cresçam sempre! O motivo é o seguinte: se a tibieza tomar conta de vocês, a vida marcada pela espiritualidade dará lugar a uma vida carnal ou, usando o termo mais adequado, vocês se tornarão, muito mais, uns fariseus do que cristãos e espirituais.”.

Já desde os anos de Cremona, Antonio Maria havia apresentado a seus ouvintes leigos, reunidos no cenáculo da Amizade, o quadro da “verdadeira vida espiritual” e havia afirmado claramente que o “talento mais precioso é o espírito”.⁷⁶ Na carta ao querido casal continua com um vibrante alerta contra o grande obstáculo que ameaça a vida interior e mina o caminho da santidade.

O farisaísmo para ele é a mediocridade e precisa: “O túbio - ou seja, o fariseu - age assim: ao se converter, abandona os pecados maiores, mas não se preocupa com os menores, ou melhor, não sente nenhum remorso por causa deles.”. Segue uma série de exemplos: deixa de blasfemar ou de ofender os outros, mas se irrita ou teima em manter seu ponto de vista, não fala mal do próximo, mas gasta o dia inteiro em conversas fiadas; fica duas horas seguidas rezando e, no resto do dia, a distração é sua companheira; não corre atrás de elogios, mas, se por acaso alguém o elogiar, fica cheio de si, evita as coisas ilícitas, mas procura todas as lícitas; ou seja, quer o bem só em parte.

Tornar-se espirituais significa eliminar as palavras inúteis, evitar as irritações, fugir das honras, abster-se daquilo que só se faz por sensualidade inclusive das mais legítimas relações conjugais “para maior beleza e aumento da castidade”, ter a mente constantemente voltada para Cristo. “Caríssima Laura e prezado Bernardo, considerem as minhas palavras com o mesmo carinho que usei para escrevê-las. Eu não digo que façam tudo num dia só e sim, que a cada dia façam um pouco mais, diminuindo alguma tendência à sensualidade, mesmo que seja

permitida e façam isso pelo desejo de viverem valores (virtudes) cada vez maiores, de diminuïrem as imperfeiçõs e de fugirem do perigo de cair na tibieza.. (...).Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferecê-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam Dele. Eu, pela ternura e pela afeiçãõ que tenho por vocês, peço-lhes que se esforcem para dar-me esta satisfaçãõ. O motivo é que eu conheço a grandeza da perfeiçãõ e a abundãncia das graças e eu conheço os frutos que o Crucificado quer produzir em vocês e sei muito bem a que grau de perfeiçãõ Ele quer levar vocês dois.”

Depois de haver exortado o casal a cultivar nãõ sãõ a perfeiçãõ pessoal tambẽm a do cõnjuge, o santo afirma que escreveu “nãõ com caneta, mas com o coraçãõ”; se desculpa por nãõ poder continuar “por meu cansaçõ físico” e invoca sobre Bernardo e Laura a bẽnçãõ do Senhor, firmando-se: “seu em Cristo, mais do que irmãõ, Antonio Maria, sacerdote”.⁷⁷

Na segunda carta que temos citado, encontramos nomes que havíamos encontrado antes, apenas de passagem, como por exemplo, o de Dionísio de Sesto, o irmãõ barnabita da angélica Dominga Batista, a primeira priora da qual sua co-irmã Paula Antonia Sfondrati contarã coisas muito edificantes em *Origem e progresso do mosteiro de São Paulo em Milãõ*.

Dionísio havia recebido o hábito das mãõs de Antonio Maria na noite de Natal de 1534 e celebrará sua primeira missa no dia 25 de janeiro de 1540.

De João de Casei sabemos que estava entre os primeiros cinco companheiros de Antonio Maria e seguramente foi o primeiro a vestir o hábito em 10 de junho de 1534. Permaneceu sempre irmãõ, depois de haver mudado seu nome (em julho de 1540) pelo de Paulo Antonio. Tambẽm Francisco Crippa que recebeu o hábito em 15 de agosto de 1534, junto com Bartolomeu Ferrari, nãõ quis ser ordenado sacerdote. Do grupo principal foi o primeiro que morreu, tinha na época, apenas 40 anos de idade, em 14 de setembro de 1542.

João Antonio Berna, por muito tempo foi sãõ postulante. Receberã o hábito em fevereiro de 1540 e fará a profissãõ em 1546. Tiago Antonio Morigia, para colocã-lo à prova, ordenara-lhe de se acusar diariamente diante de todos das faltas cometidas, depois disso, por penitẽncia devia

ir ao mercado e comprar verduras e peixes, flagelar-se na catedral ou pedir esmola na porta das igrejas. Morreu em 1576, vítima da famosa peste de São Carlos.

Os irmãõs Dati nãõ duraram muito na congregaçãõ. João Antonio teve que voltar com a sua família por motivos de saúde e Tomás nãõ foi aprovado pelo capítulo por nãõ suportar a autoridade.

Quanto a Camilo Negri, Antonio Maria o define como “o cansado”, palavra que na boca de um médico queria dizer de pouca saúde; morreu com apenas 35 anos de idade. O “impaciente” era Ulderico Gropello, o último aceito na congregaçãõ enquanto ainda vivia Antonio Maria. Foi ordenado sacerdote em 1541, ocupará alguns cargos importantes, mas em 1552 abandonará o grupo junto com alguns seguidores de Paula Antonia Negri. Dez anos mais tarde pedirã para ser readmitido, mas o pedido serã rejeitado. Finalmente, de Conrado Bobbia, o pouco que sabemos é que foi aceito em 1538, mas por causa de problemas de saúde, voltou a sua casa onde morreu em 1543.

Do padre Besozzi falaremos mais adiante porque se trata de um personagem importante na história dos primeiros Barnabitas, sendo definido como um segundo fundador da ordem. Entre outras coisas, quando era Superior Geral foi traçada a sorte de Paula Antonia Negri.

Capítulo XIII

A última lição

Em 20 de junho de 1539, ao escrever a Bernardo e Laura Omodei, Antonio Maria falava, como já foi dito, desse “cansaço físico” que o estava levando às últimas. À debilidade, devida ao excesso de trabalho, se juntou a febre cada vez mais forte que o obrigou a ficar de cama. Impossível voltar a Milão; demasiado longe de Guastalla para um enfermo naquelas condições. Certamente, além do conhecimento que tinha por causa de sua profissão, Antonio Maria recebeu uma iluminação do alto. Disse em alto e bom tom, a quem o atendia, que morreria durante a oitava da Festa dos Apóstolos Pedro e Paulo. Isto aconteceu às 15 horas do dia 05 de julho.

Por isso, sentindo se aproximar o final, pediu para ser levado a Cremona para junto de sua mãe. Ela o tinha dado à luz e o tinha educado na fé; junto dela ela queria deixar esta terra. Acompanhou-o na difícil viagem Bonsignore Cacciaguerra (1495-1566), um comerciante de Siena, que, depois de um tempestuoso passado, havia-se convertido, mudando-se para Roma e, uma vez ordenado sacerdote, se dedicou, sobretudo, a difundir a prática da comunhão frequente (que para ele queria dizer diária). Grande amigo e colaborador de Felipe Neri, em certo sentido lhe havia aberto o caminho para a fundação de seu famoso Oratório.

Cacciaguerra havia ido a Milão no final de 1538 para pedir conselho a algum santo sacerdote sobre sua definitiva mudança de vida e, em particular, sobre a arte de atender os doentes. Por algum tempo, foi posto à prova por Antonio Maria o qual, ao encontrá-lo, disse-lhe: “Eu quisera fazer-te duas ou três feridas no coração para ver o que há dentro”.

Desde então, todos, incluídos os noviços, o provocavam com os modos mais irreverentes: um lhe puxava a barba dizendo que estava muito bem tratada, outro amassavam sua batina dizendo que era demasiadamente

luxuosa, outros riam dele por seu modo cortês e seu orgulho. Vendo-o vermelho de vergonha o santo disse: “Há em você, ainda, algo de podre”. Depois concluiu: “Nós temos tomado algumas liberdades com você”. Cacciaguerra ao comentar o episódio na sua autobiografia comenta: “Eram homens certamente terríveis aqueles reverendos, ao mortificar as pessoas que caíam em suas mãos”.⁷⁸

Na viagem de volta, pretendia embarcar em Cremona no rio Pó até chegar a Ancona, para depois ir a Roma por terra. Ao chegar, sabendo que Antonio Maria estava gravemente enfermo, decidiu ficar com ele alguns dias em Guastalla. Quando Bonsignore chegou, reforçou-se entre os dois, por uma dessas estranhas intuições dos santos, aquela forte sintonia inicial, tanto que o doente lhe pediu que o acompanhasse até a casa de sua mãe.

Em Guastalla, a notícia da iminente partida de Antonio Maria e, sobretudo, a estranha profecia de sua própria morte, provocaram grande comoção entre as pessoas, também porque se davam conta de que não voltariam a vê-lo no Castelo. Uma multidão silenciosa e comovida veio assistir a partida dele.

O santo chegou a Cremona extenuado. Podemos imaginar a dolorosa surpresa de sua mãe ao vê-lo naquela situação. Ele não ocultou o seu estado de saúde, pensando, sobretudo, em se preparar para o grande passo. Sua mãe chamou logo os melhores médicos da cidade, os quais vieram até o leito do filho, fazendo de tudo para salvá-lo. Mas eram poucas as esperanças.

Para deixar a situação mais dramática, apareceu uma inesperada febre muito forte que atormentaria a Cacciaguerra durante quinze dias, como ele explicaria mais tarde. Como Antonio Maria lhe havia convidado a comungar e a rezar por ele, o amigo “rezou pela manhã pela saúde daquela alma que sofria, oferecendo-se ao Senhor, para padecer em si mesmo qualquer tribulação no lugar de Antonio Maria, foi atendido”. Esta solidariedade na dor revela a grande estima e amizade que havia entre eles e ainda mais se pensarmos em como Antonio Maria o tinha tratado durante a sua estadia em Milão.

Padre Gabuzio fala das duras provas espirituais que sofreu Antonio Maria naquelas tremendas horas; frente à morte, também os santos, apesar de terem a consciência tranquila, pensando no juízo divino, reconhecem-se grandes pecadores e sentem medo. Falando com Bonsignore, Antonio Maria dirá que havia superado a tentação rezando intensamente e confiando na misericórdia divina. Depois disso, os presentes viram-no iluminar-se de

alegria. Mais tarde contou aos seus algo curioso: o Senhor havia aparecido mostrando-lhe o futuro da Ordem; depois, São Paulo intercedendo para que fosse prolongada a vida de Antonio Maria, cujo governo se mostrava indispensável para toda a obra, enquanto os demais apóstolos o rodeavam e o convidavam a compartilhar com eles a glória do paraíso. Antonio Maria estava disposto a aceitar “com gosto”, como disse o padre Soresina, a vontade de Deus, fosse ela qual fosse.

Em Milão haviam chegado notícias sobre o agravamento do estado de saúde do fundador; logo foram para Cremona os padres Ferrari e Soresina, acompanhado por Serafim de Fermo e, ao que parece, Paula Antonia Negri. Aproveitando as poucas horas que ainda lhe restavam de vida, o santo recomendou aos presentes a fidelidade às escolhas feitas, insistindo no amor ao Crucificado e à Virgem Maria. Pouco depois chegou sua mãe; Antonio Maria a exortou a não chorar por causa de sua morte, pois cedo ela o encontraria no Paraíso. Desde este momento, Antonietta Pescaroli não saiu mais de perto do leito do filho, limpando-lhe o suor (fazia muito calor naquele 5 de julho) e sugerindo algumas jaculatórias. Junto a ela, a angélica Paula Antonia. “É significativo, aponta de forma incisiva, D. Erba, que Antonio Maria, tão austero consigo mesmo, tenha pedido ao final de sua caminhada terrestre para ser levado a Cremona, como que para voltar as origens de sua vida, para morrer sendo assistido pelas duas mulheres que lhe haviam dado a vida: sua mãe e Paula Antonia Negri. É como dizer que por detrás de um grande homem há sempre uma grande mulher”.⁷⁹

Que grande perda

No dia 5 de julho o enfermo recebe a santa Unção; seguiu atentamente o rito com o olhar fixo no Crucifixo. Depois docemente se apagou pelas três horas da tarde, pouco antes que os sinos da igreja que ficava próxima anunciassem as vésperas da oitava dos Apóstolos Pedro e Paulo. O padre Soresina, quebrado pela dor, se retirou para chorar em uma sala ao lado. Faltava entre os presentes às últimas horas de Antonio Maria, Cacciaguerra, que estava com febre e, assim que soube da morte de seu amigo, exclamou: “Oh Cremona! Se soubesses quem partiu agora desta vida! Que grande perda!”.

Em seguida começaram a chegar cremonenses para apresentar suas homenagens ao seu grande cidadão Antonio Maria. Diante da casa se formou

uma grande fila, obrigada a esperar com paciência durante horas. Quem entrava não se conformava apenas em olhar o cadáver e fazer uma oração; todos queriam beijar a mão de Antonio Maria; muitos se ajoelhavam pedindo sua intercessão para uma necessidade material ou espiritual; outros colocavam objetos junto ao corpo, ou às escondidas, aproveitando a aglomeração que se formou, alguns tentavam cortar um pedaço de sua batina para guardá-la como relíquia. A insólita procissão foi suspensa à noite. Para velar o corpo ficaram só alguns íntimos, entre eles sua mãe e alguns sacerdotes.

Na manhã seguinte, em caixão aberto, foi levado, para um primeiro rito de sufrágio, na igreja paroquial de São Donato, que já estava repleta de fiéis. Temos quase certeza absoluta que quem presidiu a missa de corpo presente foi o bispo auxiliar, estando ausente o titular, o cardeal Benedito Accolti, que governava a diocese por meio de substitutos. Não houve oração fúnebre durante a missa, mas as pessoas comentavam sobre Antonio Maria. Cada um dizia o que sentia; havia entre os fiéis quem o havia conhecido desde pequeno, pacientes que tinham sido tratados por ele quando este praticava a medicina, aqueles que haviam encontrado o caminho da fé graças a suas pregações ou através das confissões com ele; todos lhe deviam algo, falavam dele como de um santo.

Foi necessário deixar exposto o corpo durante dois dias e duas noites. As exéquias foram celebradas na mesma igreja de São Donato, onde Antonio Maria oito anos antes, mediante um legado testamentário, tinha mandado construir um altar em honra da conversão de São Paulo.

Mas não seria esta a sua última casa. Apresentou-se o problema de onde enterrá-lo. Cremona o reclamava como sua cidade natal, mas de Milão, os Clérigos Regulares de São Paulo, as Irmãs Angélicas e os Casados, fizeram saber que o fundador, obviamente, repousaria junto a eles. Assim se decidiu. No dia 8 de julho partiu o cortejo para a capital lombarda. Uma viagem bastante demorada. Em cada povoado por onde passava era necessário parar para permitir que os grupos de fiéis, guiados por seus párocos e levando uma grande cruz, entre centenas de velas acesas, prestassem homenagem ao falecido.

Em Milão, como os Clérigos Regulares não tinham ainda uma sede estável nem uma igreja própria, a viagem terminou no mosteiro das Irmãs Angélicas, onde estava preparada a cripta debaixo da igreja de São Paulo Convertido, a qual estava em construção. Como sinal de especial devoção, as religiosas repartiram as cordas, as quais foram usadas para segurarem o caixão,

colocando-as ao redor do pescoço; um gesto institucionalizado mais tarde, com a aprovação de Roma, como parte do hábito das Irmãs Angélicas que durante muito tempo tinha um cordão em volta do pescoço como recordação do fundador.

Lemos num manuscrito de *Memórias*, que leva o título original de *Resumo da vida e das virtudes do padre Antonio Maria Zaccaria*, redigido por uma angélica anônima que provavelmente teria sido Ágata Sfondrati falecida em 1631, que “foi tão grande a dor e tantas as lágrimas de cada Angélica que acreditavam poder morrer com seu pai, porque o amavam visceralmente mais que a seus pais biológicos. Acolheram o querido tesouro, o corpo do beato pai, mais que com grande ternura e lágrimas, com grande reverência e devoção”.

A mesma testemunha prossegue: “E de tanto em tanto abriam o caixão, lhe faziam reverências, choravam e lhe beijavam os pés. E não só não lhes dava medo, como costuma acontecer com os corpos mortos, mas lhes dava alegria, graça e grande força em poder ir vê-lo e reverenciá-lo novamente. E mais de oito freiras que viviam então e que tendo chegado a nossos dias confirmam estas coisas, acrescentando que não só iam honrá-lo, mas que, com grande delicadeza e devoção, tiravam a poeira que tinha no corpo com pequenos pincéis. E isto fizeram durante muito tempo, até que veio uma ordem geral de Roma proibindo a conservação de corpos mortos fora da terra. Por esta razão o enterraram no vestíbulo entre a cripta e o cemitério das Irmãs Angélicas, no quarto menor, do lado esquerdo quase debaixo da porta do “scurolo” (vestíbulo); como muitas vezes contavam as freiras que estiveram presentes, as quais acrescentavam que colocaram o bendito corpo entre duas tábuas”.⁸⁰

Uma extraordinária herança

Antonio Maria deixou uma marca indelével na Igreja e na sociedade de então. Sua herança se nos apresenta mais extraordinária se pensarmos no breve espaço de tempo no qual o santo desenvolveu sua missão, colocando em prática formas concretas de vida e apostolado, reunindo ao seu redor seguidores entusiastas e decididos, de todas as classes sociais.

Seu “itinerário humano para Deus” se ambienta no contexto de uma época que, em relação à prática religiosa, não é distinta da nossa. Quando Antonio Maria convida a “deixar o exterior” para “entrar no próprio

interior”, se dirige a pessoas que vivem num contexto de “tibieza”, de materialismo, de ateísmo prático muito parecido ao de nossos dias. Para ele, entrar no próprio interior significa recolher-se em si mesmo para viver em profundidade uma existência que não deva nada à “carne” nem ao “sangue” e “caminhar para o conhecimento de Deus” para viver “em familiaridade” com Ele. Aqui há a necessidade de impedir que o trabalho, a diversão, as relações sociais, o cuidado da própria pessoa nos absorvam e nos ocupem de tal modo que nos tirem todo o espaço espiritual (não é este o drama de tantos católicos de hoje em dia?).

Esta tensão para superar a “carnalidade” da existência, alimentando-a com a oração e a contemplação diante da Eucaristia e do Crucifixo, Antonio Maria a exige não só do grupo de consagrados que o seguiam (padres e freiras), mas também dos leigos, e este é um dado de evidente atualidade: é lembrado de maneira explícita, pelo Concílio Vaticano II, aos homens do século XX.

Uma outra característica chama a atenção nos ensinamentos de Antonio Maria: a ideia que ele tem de sua época como de um “tempo da promessa da renovação dos homens e mulheres”; e não somente em relação às profecias que circulavam naquela época (como de Arcângela Panigarola e do beato Amadeo), mas, sobretudo, em relação à evidente situação de mal estar em que se encontrava a Igreja. E agora nos perguntamos: são tão diferentes aqueles tempos dos atuais? Não vemos também hoje a urgente necessidade de pessoas enviadas a “anunciar em todos os lugares a vivência espiritual e o Espírito vivo” para usar as palavras do santo às Irmãs Angélicas?

Quem quiser se aprofundar no dinamismo do ensinamento zaccariano e sua excepcional capacidade de penetração deve pesquisar os *Atti capitolarî*⁸¹, ainda inéditos. Sua leitura atenta oferece muitos incentivos espirituais, fazendo sentir o clima que devia reinar nos Três Colégios; mas, sobretudo, destaca a atualidade do carisma do fundador e de seus primeiros seguidores, começando pela angélica Paula Antonia.

Capítulo XIV

Com a “divina madre”

Não há dúvida de que a prematura morte de Antonio Maria teve repercussões graves no processo de crescimento e solidificação das três estruturas animadas por seu carisma.

Ficou a cargo, sobretudo, do padre Morigia – que já anteriormente havia tomado as rédeas da ordem – dar-lhe continuidade. Em 1.º de dezembro de 1543 uma nova bula do papa Paulo III confirma definitivamente os propósitos do fundador e dos co-fundadores, concedendo aos Clérigos Regulares de São Paulo a isenção perpétua. A partir deste momento, dependem exclusivamente da Santa Sé. Assim, começaram a estender sua obra reformadora mais além dos “Navigli” (canais de Milão), acrescentando à missão de Vicência, já começada por Antonio Maria, as de Verona, Veneza e Ferrara.

A influência exercida naquele período pelas três famílias zaccarianas foi enorme, atraindo para si numerosas vocações, sobretudo, da nobreza e dos patrícios da cidade. Mas, ao mesmo tempo, provocou reações por parte daqueles “demônios visíveis” contra os quais, Antonio Maria havia posto em guarda ao começar a reforma dos costumes.

Não há muitas notícias sobre o que se sucedeu nos anos seguintes. Em 1544 morre Bartolomeu Ferrari e dois anos depois, morre também Tiago Antonio Morigia. Desaparecia assim a “pentarquia” (formada por Antonio Maria, Bartolomeu Ferrari, Tiago Antonio Morigia, Ludovica Torelli e Paula Antonia Negri) que havia guiado os três grupos até 1539. Quem exerce uma autêntica supremacia sobre os paulinos, é a própria Paula Antonia Negri, chamada “divina madre” e “Guia”, um epíteto. O termo “divina” foi usado normalmente no século XVI, mas sem o significado literal atual. E chamavam-na também “guia” espiritual de religiosos, religiosas e leigos, que enxergavam nela a herdeira dos

ensinamentos e do carisma do fundador. Ele mesmo tinha querido que algumas de suas cartas fossem firmadas por ela (com a famosa sigla A.P.A.), escrevendo, inclusive, uma em seu nome. Isto não causa estranheza, pois estava em sintonia com aquilo que afirmava o mestre de ambos, Frei Batista. Este havia aconselhado que quem quiser progredir no caminho do espírito, que se submeta “a qualquer pessoa, seja religioso, sacerdote, monge, eremita, secular, homem ou mulher que tenha temor de Deus e discrição”.⁸² Por outro lado, dada a comunhão de vida e de propósitos que caracterizava os primeiros paulinos, nas cartas de Paula Antonia não é difícil ver como que um eco e um desenvolvimento do magistério de Frei Batista e de Antonio Maria. Assim, por exemplo, quando exorta a “não perder o tempo, mas acelerar os passos na verdadeira corrida cristã”, acrescenta: “então, espíritos dulcíssimos, não corramos a corrida dos frios, túbios e negligentes”;⁸³ recorda o “correr como loucos” e a guerra contra a “senhora tibieza” de Antonio Maria. E, se o santo pede para as noviças que se “esforcem na renúncia do próprio desejo, incluídas as coisas boas”,⁸⁴ Negri, em uma carta a Ângelo Michiel, esplêndida figura das origens dos paulinos, assina: “aquela que deseja que você seja vencedor do sangue e da sua carne.”⁸⁵

Sua personalidade exuberante exercia um forte atrativo sobre os que se lhe acercavam, e não se contavam as conversões obtidas por ela entre as pessoas de todas as classes sociais. Isto explica sua indiscutível liderança sobre os Três Colégios, reconhecida pelo mesmo fundador. Com o desaparecimento de Bartolomeu Ferrari, até o final de 1552 as Atas capitulares confirmam a presença arrebatadora de Paula Antonia.

Sobre esse assunto, podemos citar alguns exemplos: em 19 de maio de 1544 o capítulo tinha que discutir o pedido de admissão de um certo Ângelo de Veneza. A “divina madre”, depois de os presentes darem a sua opinião, reservou-se de “manifestar o seu voto”. Logo começou com os seus divinos argumentos, propondo que a vestição de Ângelo fosse adiada e, apesar de que o postulante se dirigisse “à nossa madre pedindo-lhe para que por bem, desse o seu consentimento para que fosse aprovado e assim, receber o hábito”, ela confirmou sua decisão.

O capítulo passou depois a discutir sobre a profissão de Jerônimo Marta. Nas Atas lemos: “nossa divina madre, com um olhar agudo e penetrante” afirmou que não lhe daria seu voto “se não lhe promettesse

que adquiriria um ânimo invencível, uma caridade infatigável para o próximo e uma santa hilaridade”. E ao término da sessão, o secretário da reunião conclui: “nossa divina madre (...) voltou ao seu lugar sagrado (São Paulo Convertido) deixando a todos com grandes desejos da profissão pelos saudáveis testemunhos que havia dado por fazer as coisas supracitadas, pois está cego o que não se alimenta e não toma força de vida eterna de todas as suas obras, pois se vê claramente que Cristo habita nela por sua graça e por meio dela realiza maravilhas e sobre ela fundou e construiu todo este edifício de Paulo. Que nosso Senhor se digne de conservar e acrescentar em sua honra. Amém”.⁸⁶

Com o falecimento de Tiago Antonio Morigia (13 de abril de 1546), foi escolhido para ser superior o padre João Pedro Besozzi que, quase pode ser considerado uma criatura de Paula Antonia Negri. Ao começar seu mandato recebe dos confrades a promessa de fidelidade e obediência diante de “muitas pessoas e com a presença física da reverenda guia e madre”, e ao terminar o primeiro triênio foi reeleito, depois que Paula Antonia tinha dado permissão ao capítulo. Ela aparece sempre como responsável e inspiradora da vida dos paulinos. De fato chama a atenção, exorta, corrige a toda a comunidade e quando está comprometida nas missões venetas (Veneza), escreve aos membros dos Três Colégios para guiá-los espiritualmente. A opinião de Paula Antonia sempre era levada em conta pelos paulinos; quando se inaugurou a nova sede de São Barnabé em Milão, foi ela que até distribuiu as celas. Se se tratava de abrir outras missões, como Brescia, Pádua, Ferrara e Cremona, os Barnabitas se dirigiam a ela convencidos de que ela enxergava “mais longe” do que eles.

Um magistério que continua

Para entender a importância da grandeza espiritual e a perfeita sintonia com que atuavam os Três Colégios, é preciso ter presente o epistolário (cartas) das angélicas, que entre outras coisas revela a sua extraordinária capacidade para reler a Escritura, atualizando-a. O espaço não permite aprofundar a matéria, o que seria particularmente estimulante. Limitar-nos-emos a citar um exemplo. Comentando o texto paulino de “muitos correm no estádio, mas só um consegue o

prêmio”, Paula Antonia se pergunta: “E quem o recebe? Aquele que é uno e não está dividido”. Então, segundo a angélica, conclui-se que:

“*Uno*⁸⁷ não é quem experimentando consolos celestes, busca, ainda os sensuais.

Uno não é quem aspirando às riquezas eternas, não abandona o amor e a avareza pelas temporais.

Uno não é quem perseguindo a paciência, não quer ser de todo paciente, mas só naquilo em que acredita estar errado.

Uno não é quem desejando a glória eterna se compraz com a terrena.

Uno não é quem se dedicando à caridade para o próximo, queira fazê-la só quando e como lhe aprouver.

Uno não é quem querendo ser útil, se entristece se não é ajudado pelos outros.

Uno não é quem fazendo a profissão de amar em Jesus Cristo se incomoda que outros sejam amados deste mesmo modo.

Uno não é quem por sua humildade se ensoberbesce.

Uno não é quem mortificando-se por um lado, por outro se deleita.

Uno não é quem agora ama o silêncio, mas depois se perde em palavras supérfluas.

Uno não é quem primeiro se dedica à oração e depois se entrega à distração.

Uno não é quem refreia a curiosidade dos olhos e ouvidos externos, mas deixa correr livremente os internos.

Uno não é quem em parte obedece, e em parte faz o que quer.

Uno não é quem em parte crê, e em parte não crê; em parte tem fé, e em parte não tem fé.

Uno não é quem se humilha julgando-se inferior a alguns, mas não a todos.

Uno não é quem julga bem somente aquele que o agrada, e não os outros.

Uno não é quem em parte se acusa e em parte se desculpa erradamente.

Uno não é quem servindo a Deus e praticando por causa dele as boas obras, quer, no entanto, o louvor e a boa opinião dos homens sem fazer referência disso a Deus.

Uno não é quem quer que sua mente esteja unida a Deus, mas muitas vezes a deixa ocupada com coisas impuras.

Uno não é quem fala o que não sente em seu coração; tem uma coisa em seu coração e outra em sua boca e na realidade não é o que diz.

Uno não é quem num momento quer fazer tudo, mas depois, irritado, não quer mais fazer nada ou só uma parte.

Uno não é quem desprezando o mundo, no entanto se entretém com ele.

Uno não é quem querendo a Deus, não se doa totalmente a Ele.

Uno não é quem querendo ser casto, no entanto, busca algum deleite na carne.

Uno não é quem sendo sóbrio, às vezes cai em uma condenável saciedade.

Uno não é quem resiste, mas não em tudo; quem vence, mas não em tudo, quem ama, mas não fielmente; nem quem ama outra coisa que não seja Deus e por Deus.

Uno não é quem quer sofrer, mas não sofrer tudo o que Deus quer que ele sofra.

Uno não é quem se humilha, mas não deseja ser humilhado pelos outros.

Uno não é quem não está em santa união com todos, nem quem não ama a todos por Deus e não suporta a todos por Deus.

Uno não é quem, mortificando sua carne e a si mesmo, teme entristecer aos outros por Deus.

Uno não é quem vivendo no temor de Deus, não tem em tal temor os outros a ele sujeitos.

Uno não é quem desejando o Céu, anseia pela terra; quem caminhando segundo o espírito se compraz muitas vezes na carne.

Uno não é quem quer amar a Deus, mas não sente ódio de si mesmo e das suas coisas.

Finalmente, *uno* não é quem não se humilha diante de Deus, querendo, pensando, falando e agindo somente aquilo que lhe agrada e rejeita o resto”.⁸⁸

Desmascarando sem piedade e corrigindo os defeitos dos outros, Paula Antonia não duvida em denunciar sinceramente os seus, reconhecendo-se culpada de ternura, delicadeza, sensualidade, comodidade, arrogância, soberba e parcialidade. Em certo momento decide afastar-se um pouco dos paulinos para que terminem – assim o

escrito – “as emulações, invejas, rivalidades, raiva, dupla personalidade, murmurações e outros males que nascem por minha culpa”.⁸⁹

O que era constante nela, como em seus mestres, é a referência a Cristo e a Cristo Crucificado, objeto de contemplação e alma do apostolado; “só quem foi arremessado no forno ardente da caridade de Cristo e que aí foi queimado”,⁹⁰ afirma, só quem tenha se “aquecido no fogo da cruz”⁹¹ poderá conquistar almas para o Senhor.

Dirigindo-se aos Casados de São Paulo, a angélica se situa na mesma perspectiva de Antonio Maria no que se refere à espiritualidade que deve ser característica nos esposos cristãos. Nota a esse respeito André Spinelli: “Aos Casados de Verona”, Paula Antonia, enquanto pede que saúdem as suas companheiras, salienta como os esposos devem ser um para o outro, não um obstáculo e freio, mas ajuda e estímulo para progredir, de etapa em etapa, para as metas indicadas pelo Senhor para uma autêntica vida cristã. Se um dos dois fosse menos fervoroso ou estivesse em uma etapa ainda incerta do caminho, o outro deve se esforçar em ajudar-lhe. Ao senhor Lunardo Lombardo do grupo de Veneza, Paula Antonia, por meio da condessa Torelli escreve: “saudai vossa companheira em meu nome e procurai que seja do Senhor”. A esposa vem chamada companheira com sutil pedagogia, não no sentido atual que parece diminuir a ligação, mas para indicar o caminho comum a ser percorrido, com a exortação de que, trilhando o caminho, outros irmãos sejam conquistados para o seguimento de Cristo. Os casados em virtude do sacramento do matrimônio, bem como pelo batismo, se tornam apóstolos nos seus ambientes, na vida de todos os dias, unidos aos ministros consagrados. “Peço-lhes encarecidamente: empenhem-se para ganhar os irmãos, assumindo o trabalho, se quiserem que eu os visite logo, como é meu desejo. Agradeço-lhes pela conquista, multiplicando os trabalhadores na vinha de Cristo”.

“Assim, convidando para a prática da continência e a castidade conjugal, Paula Antonia repete Antonio Maria quando afirma que o matrimônio não foi instituído simplesmente para a satisfação dos instintos: “A castidade, essa singular virtude que transforma as pessoas de terrenas em celestiais e de homens em anjos; é aquele lírio perfumado que torna a alma agradável a Deus, aquela que tanto agrada a Cristo que quis nascer de uma virgem casta”. Mais adiante acrescenta com

discrição: “Vos convém recordar que estais sob a lei do matrimônio e não podeis privar-vos um do outro, a não ser, como diz Paulo, alguma vez, de comum acordo, para que possais dedicar-vos à oração”. E depois de recordar que “a carne e o espírito não podem estar juntos, pois são contrários um ao outro, o que concedereis a um, o negareis ao outro; se sois complacentes com ou pela carne, estareis prejudicando o espírito”, conclui: “sobre este assunto, isto é suficiente, porque não me é permitido falar mais, pois sei que me entendeis”.⁹²

De qualquer forma, uma coisa é certa, para Paula Antonia, como para o fundador, uma vez conseguida uma suficiente maturidade espiritual, é necessário “sair de si mesmo, passando aos corações dos outros, pregando a Cristo com as palavras, com o exemplo, com a vida”.⁹³ Também para ela, fazer apostolado significa “ganhar almas para Cristo Crucificado”.⁹⁴ São as mesmas “palavras de fogo” de Antonio Maria.

Na sede de São Barnabé

Entretanto em Milão os filhos de São Paulo haviam inaugurado a casa mãe, junto à reconstruída igreja dedicada aos Santos Apóstolos Paulo e Barnabé, mas chamada comumente de São Barnabé. Tiago Antonio Morigia havia abençoado a pedra fundamental em 21 de outubro de 1545. Cinco anos depois chegava outra *bula* firmada pelo papa Julio III, tutelando os bens que os Clérigos Regulares tinham ou haveriam de adquirir; era um reconhecimento a mais da obra missionária. Mas o futuro não estava tão azul, mais uma vez os “demônios visíveis” estavam à espreita. Contra eles, já Antonio Maria tinha alertado os seus filhos.

Capítulo XV

Biênio tempestuoso

A extraordinária experiência dos Três Colégios durou mais ou menos vinte anos. Poucos, infelizmente, e podemos intuir os motivos: “Tal estrutura”, nota o padre José Cagni, “era futurista... por isso os tempos não souberam entendê-la. Serão necessários cento e cinquenta anos para que a igreja aceitasse a ideia das freiras sem clausura, e outros quatrocentos anos para entender o amadurecimento cristão dos leigos e para comprometê-los na pastoral direta”.⁹⁵

Tudo se desmoronou em um breve período de tempo que o padre Antonio Gentili o definiu como “biênio tempestuoso”. A tempestade começou na região do Vêneto, onde partindo de Vicência, a feliz experiência missionária começada em 1537, se havia estendido até Veneza. A rede de amizades e a “cumplicidade” para a reforma, tecida, sobretudo, pela angélica Paula Antonia Negri, havia terminado por despertar suspeitas nas autoridades da república Sereníssima. Nos inícios de 1551, Barnabitas (já podemos tranquilamente chamá-los assim) e Angélicas, como também alguns dos Casados, foram acusados de espionagem a favor do governador de Milão Ferrante Gonzaga, a quem estava unida, por particulares laços, a condessa Torelli, que financiava o grupo.

Talvez este fosse só um pretexto. Não é errado pensar que claramente incomodasse a grande autoridade que uma mulher exercia na iniciativa apostólica que se estava expandindo; não por acaso foi posta no centro das suspeitas, sobretudo, ela, também por seu estilo “provocador”, e até excessivo e contraproducente, que lhe caracterizava a ação.

Brevemente a cronologia: 21 de fevereiro de 1551, sem nenhuma explicação nem sombra de processo mandaram os paulinos abandonar Veneza no prazo de seis dias, tendo quinze dias para abandonar todo o território da Sereníssima. A decisão se havia tomado com 18 votos a favor,

um contra e sete abstenções (provavelmente alguns dos Casados que não concordaram com a intimação).

O comentário de Paula Antonia foi o mesmo que teria feito Antonio Maria: todos deviam estar contentes de “haverem sido considerados dignos de sofrer injúrias por amor ao Senhor”.⁹⁶ No citado *Origens e Progressos* da Sfondrati se afirma que “decidiram que, com a cabeça inclinada acatariam, sem protestar, a ordem. No entanto, algumas pessoas de respeito queriam intervir para entender a razão dessa inesperada decisão, todos julgaram dever-se acabar com esta interferência para acatar com serenidade a vontade do Senhor. Por isto, organizados os assuntos que tinham pendentes, regressaram à sua pátria com fiel prontidão e confiança em Deus. Isso agradava também a todos eles, desejando, como filhos de Paulo, saber estar à altura das circunstâncias nos momentos favoráveis e nos adversos”.⁹⁷

Isto era somente o começo; os cardeais venezianos que faziam parte da cúria romana formalizaram acusações em uma denúncia concreta, apontando como hereges perigosos os paulinos milaneses, também chamados, e não sem razão, “os de Guastalla”.

Apesar de obedecer imediatamente as ordens recebidas, desta vez decidiram pedir explicações a Roma; em novembro do mesmo ano, os padres Besozzi e Melso procuraram alguns cardeais, entre eles Carafa, Sfondrati e Ghislieri, pensando encontrar neles os defensores da própria causa. Equivocaram-se, já que, em janeiro de 1552, os dois Barnabitas foram encarcerados, conseguindo mais tarde ser libertados graças à intervenção de amigos, entre os quais, estava Santo Inácio de Loyola, e colocados em prisão domiciliar na casa de Basílio Ferrari.

O “duro” nesta situação era o cardeal Carafa, o qual evidentemente havia acreditado no “disse me disse” veneziano. Ele fez com que o papa Júlio III, no mês de julho, nomeasse o cardeal Juan Alvarez, de Toledo, protetor dos Barnabitas, e encarregasse o monsenhor Leonardo Marini para fazer uma visita apostólica para reformar a congregação, reconduzindo-a à verdadeira disciplina religiosa. Assim se conheceram finalmente as acusações: acusavam os Paulinos de promiscuidade, por causa da entrada de padres e freiras no mosteiro de São Paulo e no convento de São Barnabé (com as inevitáveis fofocas a este respeito); a participação das freiras nos capítulos dos padres e vice-versa (este é o ponto), como também do envolvimento delas no governo e administração dos padres. Também, vinham explicitamente

condenados o título de “divina madre” reservado a Paula Antonia, e a leitura de livros do Frei Batista, cuja doutrina fora julgada “escandalosa em vários pontos, temerária em outros e herética em muitos”. Severo juízo; por fim, era expresso sobre algumas denominadas “superstições”, como a genuflexão diante dos superiores e o famoso “capítulo das culpas”, isto é, a acusação pública dos próprios defeitos durante as reuniões comuns.

A este respeito escreveu padre José Cagni: “Como se pode ver a Inquisição não havia entendido nada, nem dos Barnabitas, nem do maravilhoso projeto iniciado por Antonio Maria para dotar a Igreja de um valioso exército de reformadores; ou talvez os Barnabitas tivessem errado em não se fazerem conhecidos em Roma, como os Teatinos ou os estimados Jesuítas”.⁹⁸

Desaparecem os Casados de São Paulo

Os primeiros a sofrer com esta dramática situação foram os Casados de São Paulo; até 1551 ainda eram mencionados nos capítulos, mas a partir do ano seguinte praticamente desapareceram.

Tachando de herético Frei Batista significava colocar em discussão o mestre de Antonio Maria e a espiritualidade que havia caracterizado as primeiras gerações de paulinos. É necessário observar que anteriormente os escritos do dominicano haviam sido plenamente aprovados pelos inquisidores locais, embora seu estilo, beirando o paradoxo, às vezes pudesse surpreender, como podiam surpreender alguns comportamentos excêntricos e provocadores da própria Paula Antonia, já observados por Antonio Maria (mas no mesmo período, em Roma, não menos original era o estilo de Felipe Neri, comportamentos, aliás aceitos sem dificuldades, inclusive nos mais “altos escalões”).

No clima alarmante provocado pelo contra ataque da reforma protestante, a fantasia e a criatividade – que haviam conseguido efeitos clamorosos no campo do apostolado – eram vistas com suspeita. Convém recordar também que já Paulo III em 1537 havia mandado fazer uma investigação sobre Batista Carioni, cuja doutrina ainda não tinha sido censurada. Foi, sobretudo, o peso dos prelados venezianos que levou o Santo Ofício a condená-la, atribuindo-lhe velhos erros como o pelagianismo e erros novos que serão depois codificados sob o nome de “quietismo”, uma corrente místico-religiosa formada na Europa no século XVII, segundo a

qual a perfeição consiste na tranquilidade total da alma, liberada de toda obrigação e preocupada só com o puro amor de Deus.

Não era isto que ensinava Batista Carioni, mas os inquisidores – provavelmente nenhum deles havia lido suas obras – se basearam no que haviam ouvido falar. O Concílio de Trento tinha atenuado a condenação das obras do dominicano com a cláusula *donec emendentur* (até que fossem corrigidas), deixando-as, enquanto isso, no elenco do Índice dos livros proibidos, do qual seriam excluídas só na época da canonização de Antonio Maria. Portanto foram queimadas muitas cópias, como sabemos através de uma carta de Marco Antonio Pagani (1526-1589), ardente “seguidor” de Paula Antonia e mais tarde perito no Concílio Tridentino, dirigida à não mais divina madre: “fazem poucos dias”, assim escreve, “alguns foram para Borghetto com dois ou três livros de Frei Batista e fizeram uma fogueira e colocaram nela aqueles “livretos” dizendo: “Estes são livros heréticos de um tal de Frei Batista o apóstata”. E isto me parece uma grande bobagem”.⁹⁹

Marco Antonio Pagani não compartilhava com a obediência cega diante daquilo que ele considerava uma perseguição. Na noite do dia 28 para o dia 29 de julho de 1552, junto com Estevão Alemanni, usando dois lençóis amarrados em uma janela, abandonou o convento de São Barnabé. Um mês antes, no final do mês de junho, no mosteiro das Angélicas, onde se haviam criado graves tensões, Paula Antonia e a superiora Paula Maria Bonatta haviam tentado fugir da mesma forma, mas foram impedidas por Ludovica Torelli.

A “normalização”

O visitador apostólico chegou pontualmente no dia 29 de outubro com amplos poderes e instruções rigorosas para “normalizar” a situação; primeiro visitou as casas dos padres e das Angélicas, depois, em 17 de novembro convocou o Capítulo Geral no qual leu as disposições papais contra as quais não se podia apelar. Estas ratificavam a separação entre Barnabitas e Angélicas, a abolição absoluta de qualquer tipo de autoridade de Paula Antonia Negri e do título de “divina” e a proibição de ter relíquias ou escritos de Frei Batista. Foi imposta a clausura para as freiras, colocando fim à sua extraordinária aventura apostólica. Os Casados – que, ainda não haviam obtido a formal aprovação papal – desapareceram como grupo,

também porque Paula Antonia foi reclusa com uma co-irmã voluntária no mosteiro de Santa Clara em Milão, onde não poderia “falar com ninguém, exceto com a priora de Santa Clara e com sua companheira”.¹⁰⁰

O afastamento violento de Paula Antonia suscitou reações contrárias entre as Angélicas, mas ela obedeceu retirando-se ao mosteiro para o qual tinha sido destinada, onde permaneceu até novembro de 1552, quando sua saúde repentinamente se agravou. Seus amigos conseguiram do senado de Milão a permissão para levá-la para o campo para se recuperar, mas padre Besozzi – que durante este tempo havia sido reeleito superior geral dos Barnabitas – comunicou o fato ao cardeal Alvarez, o qual ordenou a Paula Antonia a voltar imediatamente ao mosteiro de Santa Clara. Outra vez a religiosa obedeceu, mas as freiras não quiseram aceitá-la devido às suas gravíssimas condições. Então, foi levada a uma casa fora de Porta Romana, próximo a São Calimero, cedida a ela por uma amiga, Hipólita de Rho. E ali veio a falecer no dia 4 de abril de 1555 aos 47 anos de idade. Seus restos mortais foram sepultados no mosteiro de Jesus Crucificado, das monjas de Santa Maria Egípcia, situado na atual Rua do Crucifixo. Uma lápide recorda assim sua memória: *Angélica Paula Antonia de Nigris / quae calamo sexum / mundi contemptu / coelum vicit*. A angélica Paula Antonia Negri com seus escritos superou o sexo (alusão ao magistério desenvolvido particularmente com mais de 130 *Cartas espirituais* que levam sua inconfundível sigla: A.P.A.) e, com o desprezo do mundo, conquistou o céu.

Nos últimos anos os Barnabitas praticamente a haviam deixado de lado. Inclusive o padre Soresina se distanciou aos poucos da angélica. Ele havia declarado em um capítulo que, depois da expulsão das terras vênetas, estava se cumprindo o que havia previsto o fundador, ou seja: “o Crucificado nos quer apresentar, junto com nossa madre, com infâmia (cf. 2Cor 6,8)”.¹⁰¹ O padre Besozzi ratificou a condenação definitiva por ocasião da publicação de suas cartas. Tendo sido um dos “secretários” a quem Paula Antonia ditava ou inspirava seus escritos, por medo de que as medidas disciplinares tomadas com relação à angélica pudessem prejudicar a Congregação, sustentava que nem tudo era farinha do saco da autora; tese desmentida por uma rigorosa análise do estilo e dos conteúdos do epistolário. Mas a questão não é hoje de grande importância; enquanto as cartas testificam “um aspecto que caracteriza o primeiro momento

paulino-zaccariano, quando havia um comum pensar, um comum sentir e um comum agir”.¹⁰²

A bem da verdade, é preciso dizer que – ao menos no princípio – a maioria dos Barnabitas estava de acordo em manter um laço que havia marcado profundamente suas vidas; neste sentido tinham se expressado Paulo Omodei, Jerônimo do Torso, Timóteo Groppello, o vicário Antonio Marzari e Nicolau de Aviano. O próprio padre Jerônimo Marta, Superior Geral durante o tumultuado biênio, ao terminar o capítulo de 09 de maio de 1552, afirmava que era preciso “estar unidos com o espírito da madre, da qual ninguém pretende se afastar”.¹⁰³

Infelizmente, Paula Antonia terminou tendo todos contra ela, devido também aos constantes atritos no interior do mosteiro de São Paulo Convertido, acabando por morrer. Um de seus mais incondicionais defensores foi o servo de Deus Marco Antonio Pagani; este, num certo momento – como já foi dito – abandonou a ordem para entrar em 1557 entre os frades menores e, tendo voltado para o Vêneto, realizou um intenso apostolado, ocupando-se com os pobres e fundando dois institutos religiosos (o masculino de Santa Cruz e o feminino das “Humildes”). Seu processo de canonização está em andamento.

Uma tentativa de reabilitação de Paula Antonia teve lugar em 1575 com o padre João Paulo Folperto, que havia sido barnabita e reitor do colégio Taegi de Milão. Ele cuidou de reunir o epistolário de Paula Antonia, uma fonte de espiritualidade imensamente rica, com 133 cartas, das quais, 70 publicadas, uma incluída nos escritos de Antonio Maria e as outras 62 conservadas no arquivo geral dos Barnabitas em Roma. Entre as inéditas chamam a atenção as 22 dirigidas ao nobre veneziano (depois barnabita) Ângelo Michiel, seu filho espiritual. Com razão se afirma que “nos encontramos diante de um *corpus* sólido que revela uma só mente e uma só mão. (...) representam um documento precioso sobre os ideais que animavam não só os indivíduos, mas a todo o ambiente dos paulinos e revelam o alto grau de espiritualidade vivido pelos institutos nascidos do coração de Santo Antonio Maria Zaccaria” e da liberalidade de Paula Torelli. Não é arriscado pensar que, entre as obras ascético-místicas da segunda metade do século XVI, estas cartas “ocupam um lugar importante na história da reforma católica, como sinal da renovação e do fervor da Igreja Tridentina”.¹⁰⁴

Capítulo XVI

A expansão apostólica

O “biênio tempestuoso” concluiu-se com um ato comum de obediência, pago com o preço do êxodo dos que, não sem razão, já não se reconheciam na originária inspiração que havia feito nascerem os Três Colégios (uma dúzia de religiosos). Última “vítima”, se assim podemos chamá-la, do novo caminho foi a condessa Torelli. Depois da visita apostólica, as Angélicas haviam aceitado de bom grado a clausura monástica e uma parte da comunidade não aceitava que pessoas externas continuassem frequentando a comunidade; entre estas, a princesa de Molfetta, mulher do governador de Milão, Ferrante Gonzaga e grande amiga de Ludovica Torelli. Esta, na ausência do marido, ficava no mosteiro como se estivesse em sua própria casa, participando de todas as práticas de piedade diurnas e noturnas das religiosas, e vivendo durante alguns dias na hospedaria. E não era a única. Assim que, algumas Angélicas, chateadas por este vai e vem, pediram a Roma um decreto para uma clausura mais rigorosa que proibisse a entrada de estranhos.

Todas esperavam que a condessa aceitasse o novo regime; ninguém, no entanto, se atrevia a falar-lhe abertamente. Para obrigá-la, conta a Angélica Anônima em suas *Memórias*, “se encontrou um escrito no qual parecia claramente que a senhora condessa houvesse feito a profissão e por isso estivesse obrigada à clausura”. Tratava-se na realidade da chamada “profissão tácita” feita de modo privado nas mãos de Paula Antonia no dia da profissão das primeiras Angélicas, mas que a vinculava só na consciência. A questão foi levada a Roma, para ser examinada, onde prevaleceu o desejo de uniformidade às disposições do Concílio Tridentino. A resposta foi que a profissão era válida e por isso também a condessa devia aceitar a clausura por ordem do Papa.

Para dizer a verdade, nem a condessa Torelli, nem Paula Antonia,

nem os três fundadores dos Barnabitas, jamais haviam pensado em uma vida de clausura. Eis então a reação da interessada, sempre segundo a Angélica Anônima: “A senhora condessa foi avisada em segredo da ordem que estava por chegar. Ela, convencida de que sua intenção não tinha sido essa, sem dizer nada, saiu como de costume, do mosteiro pela manhã indo à corte do governador dom Fernando Gonzaga para tratar de seus negócios; pela noite não voltou ao mosteiro. As mães a esperaram por muito tempo sem imaginar o que podia ter acontecido, porque nunca, durante a noite, a condessa havia estado fora do mosteiro. No dia seguinte, e muitas outras vezes, lhe pediram que voltasse, mas ela não quis voltar, sentindo-se ofendida pela Congregação”.¹⁰⁵

O acontecimento teve graves consequências no mosteiro, onde começaram a faltar ajudas econômicas que antes a condessa Torelli garantia. Mais tarde, a mulher comprou um terreno próximo a São Barnabé em Milão e construiu o Colégio de Guastalla (atualmente sede das dependências da Prefeitura e do Tribunal de Justiça), que mais tarde seria transferido para Monza, no bairro de São Frutuoso, o qual ainda existe. O edifício original, comprado pela Prefeitura de Milão, dá nome à rua adjacente, chamada de fato de Rua de Guastalla. Passado o período de maior tensão, assim escreve Paula Antonia Sfondrati na história sobre as origens das Angélicas, a condessa “com sua própria presença, muitas vezes durante longo tempo, nas grades do Parlatório, com indizível amor e com a companhia de amigos mais íntimos, nos demonstrava seu amor e ternura”.¹⁰⁶ Quando estava gravemente enferma, São Carlos a visitou pedindo que aceitasse ser sepultada no mosteiro das Irmãs Angélicas, mas ela havia escolhido uma capela da igreja de São Fidélis. Ali foi sepultada depois de sua santa morte, ocorrida no dia 28 de outubro de 1569. Em 1657, sobre seu túmulo foi colocada uma lápide com a seguinte inscrição que traduzimos do latim: “Mulher de ótima fama e religiosidade / insigne pela santidade de seus costumes / e de suma virtude / singular por sua ardente caridade / para Deus / e pelo desprezo de si mesma e de seus bens”. Apesar de tudo, deixou em testamento para as Angélicas, algumas propriedades.

Voltando para o ramo masculino, terminada a época que podemos definir carismática, não isenta de algum desequilíbrio, começou um período de reflexão e de pesquisa para recompor os paulinos através

de uma organização mais precisa, relativa ao recrutamento de pessoas, suas tarefas e competências (distinguindo entre padres e conversos, ou seja, religiosos não sacerdotes), os critérios de sua formação e uma mais organizada ordem jurídica. Por um quarto de século, no interior da ordem, houve um intenso trabalho de reflexão e pesquisa em busca de diretrizes espirituais, mais homogêneas e de leis mais claras.

Os problemas não eram poucos, mas por sorte, na direção dos Barnabitas se alternavam homens de grande capacidade como os padres Besozzi e Omodei, também de um jovem de extraordinárias qualidades, que havia entrado na Ordem na primavera de 1551, ou seja, em plena tempestade, Alexandre Sauli. Nesse tempo, se fundavam as primeiras casas fora de Milão; começando por Pavia para aqueles que se dedicavam ao estudo (1557); depois as de Cremona, Casale, Monza, Roma e Vercelli.

Começaram a aparecer os primeiros testemunhos sobre a vida e a santidade de Antonio Maria; o primeiro se deve a angélica Paula Antonia Sfondrati *sênior* com a obra que leva o título de *Origens e progressos do mosteiro de São Paulo de Milão*, mas muito interessantes são também as *Comprovações feitas acerca da vida e morte do reverendo padre don Antonio Maria Zaccaria*, do padre Batista Soresina (final do século XVI) e as *Memórias* da já citada Angélica Anônima (começo do século XVII). Mais tarde, será o momento dos historiadores João Antonio Gabuzio († 1627) e Anacleto Secchi († 1615) aos quais se uniram depois um grupo de autores do século XVII, cujos escritos serão publicações póstumas; estes são padres Carlos Bascapé († 1615); Agostinho Torielli († 1622); Ambrósio Mazenta († 1635); Inocêncio Chiesa († 1637); Cristovão Giarda († 1649) e Lourenço Torelli († 1660); o trabalho deste último que se intitula: *Compêndio da vida do venerável Antonio Maria Zaccaria*, embora revisado pelo capítulo geral de 1656, permanece ainda inédito.

Novas constituições

Voltemos um momento até o dramático ano de 1552. Uma vez superado “o choque”, os seguidores de Antonio Maria pensaram, antes de tudo, em redigir as *Constituições*. Nos anos precedentes se havia discutido capitularmente sobre um texto de Frei Batista com acréscimos

de Antonio Maria, mas sem chegar a uma redação definitiva. Esta foi preparada em pouco tempo pelo padre Melso e apresentada ao visitador apostólico Monsenhor Leonardo Marini, o qual a modificou seguindo os rígidos esquemas jurídicos tradicionais, sem deixar espaço para as improvisações e eliminando muitas inovações típicas das origens; estas são as primeiras *Constituições*. Por exemplo, o noviciado devia ter precisos limites cronológicos; a profissão não se podia fazer antes dos 25 anos (então considerada como maior idade); os noviços não podiam ter voz ativa e nem passiva nos capítulos, etc. As *Constituições* reafirmavam a importância prioritária da obediência, “verdadeiro sacrifício do coração”, porque os que querem servir a Deus “não devem ter vontade própria, mas total abnegação de si mesmos”.

Obviamente, este texto foi considerado provisório, também porque estava em andamento o Concílio de Trento que introduziria modificações na disciplina religiosa. Já no capítulo do ano de 1570 decidida uma nova redação na qual se incluíam contribuições e sugestões por parte de todos os Barnabitas. Com o trabalho quase terminado, a famosa peste conhecida como de São Carlos (1577), obrigou a adiar o Capítulo Geral para novembro de 1578. Então, sob a direção de Carlos Borromeu, que presidiu todas as sessões, se discutiu e aprovou o texto definitivo que se fez chegar a todos os membros da Ordem com uma carta do mesmo cardeal datada de 25 de janeiro de 1579. Depois disso, em 25 de abril de 1579, o papa Gregório XIII aprovou e confirmou “in perpétuo” as novas *Constituições*, que foram oficialmente promulgadas pelo Capítulo Geral de 25 de maio de 1579.

A evidente inspiração cenobítica, que caracterizava a vida das comunidades barnabíticas, deixa aberta a questão do campo específico do apostolado reservado aos religiosos que as *Constituições* apresentam como “cooperadores dos bispos” na pregação e na direção das consciências, mas nada além disso. Isto dará à ordem uma característica de claro ecletismo, que explica melhor aquela disponibilidade, aquele jeito paulino de fazer-se “tudo para todos”, típico dos Barnabitas através dos séculos. Serão depois três grandes padres gerais que darão uma marca decisiva à sua história: Carlos Bascapé (no cargo de 1586 a 1593), Cosme Dossena (de 1596 a 1599) e Ambrósio Mazenta (de 1602 a 1617). Sob seu impulso os confrades aprofundarão a sua preparação

científica e abrirão escolas para a instrução e a educação da juventude.

Menção à parte merece Alexandre Sauli (1534-1592) que – afirma padre Gentili – “atravessou o céu barnabítico como um cometa, carregado de luminosos presságios”. No princípio, quando pediu para entrar na ordem, os padres não acreditaram nele. Apesar de ele declarar que “se sentia interiormente chamado pelo Crucificado” e que queria entrar na Congregação “para abandonar-se totalmente nas mãos da obediência e não ter nenhuma comodidade nem para o corpo, nem para a alma”. No entanto, havia dúvidas, devido à sua idade (tinha só 17 anos) e à classe social a que pertencia sua família e também à sua carreira, iniciada como pajem do imperador Carlos V. Voltou a fazer o seu pedido, e os padres, para colocá-lo à prova, o obrigaram a “levar uma cruz pela Praça Mercadores (ou seja, no centro de Milão) e aí pregar sobre as vaidades do mundo”. O jovem foi na manhã de Pentecostes, luxuosamente vestido de pajem, colocou nas costas a pesada cruz de madeira (esta é venerada até hoje na casa mãe de São Barnabé em Milão) e, subindo a um palco, onde se apresentavam shows de fantoches, falou ao povo que ficou atônito. Este gesto memorável é, simbolicamente, repetido nos noviciados dos Barnabitas por aqueles que querem abraçar a sua regra.

Havendo superado ileso a tempestade de 1552 (achava que tudo se haveria de resolver); uma vez sacerdote, em 1556, coube a ele, apesar de sua jovem idade, iniciar em Pavia a tradição formativa e de estudo, com vistas à preparação da nova geração de Barnabitas. Depois de dez anos, em 1567, foi escolhido, Superior Geral com apenas 34 anos de idade! Sua extraordinária capacidade de governar foi notada na cúria romana e dois anos depois, o Papa Pio V (o dominicano Miguel Ghislieri, grande amigo da ordem), o nomeou bispo de Aleria na Córsega. Seu sucessor Gregório XIV (Nicolau Sfondrati, que havia sido seu filho espiritual) o chamou em 1591 para dirigir a diocese de Pavia, mas, desgastado pelas fadigas apostólicas, Alexandre Sauli, faleceu em Calosso de Asti no dia 11 de outubro de 1592, com apenas 58 anos de idade. Foi beatificado em 1742 por Bento XIV e canonizado por Pio X em 1904.

Os Barnabitas lhe devem muito por seus dotes de organizador e legislador; foi ele que quis como base da Congregação uma integral formação humana, intelectual e religiosa (acentuando de modo especial a prática meditativa e eucarística), a qual será uma das características

marcantes nas sucessivas gerações barnabíticas. E, graças a ele, começaram os contatos com Carlos Borromeu. Em 23 de setembro de 1565 este fez seu ingresso solene na diocese de Milão como arcebispo, deixando claro que trabalharia a tempo pleno como pastor.

Ao lado de São Carlos

O cardeal Borromeu interveio logo para solucionar em favor dos paulinos a questão sobre a propriedade da igreja de São Barnabé; tendo falecido seu titular, o cônego Gritti, seu sobrinho, apresentando presumidas cartas apostólicas, reivindicou seu direito como titular. A questão foi discutida em Roma e, graças ao grande interesse de São Carlos, se solucionou a favor dos religiosos. Desde então, o arcebispo chegou a ser considerado como alguém de casa em São Barnabé; ia para lá para descansar do trabalho das visitas pastorais; fazia vida comum com os padres, chegando até, após as refeições, a lavar os pratos (a grande pia maciça se conserva até hoje no jardim interior do convento). Tamanho apreço tinha para com essa comunidade que havia mantido o fervor original.

O santo arcebispo teve que resolver o grave problema dos Humilhados, uma antiga ordem religiosa, marcada infelizmente, por seu relaxamento e escassa disciplina, claramente contrária ao seu nome. O arcebispo pensava que uma fusão com os Barnabitas teria facilitado a reforma. Alexandre Sauli, que então era o superior geral, se declarou totalmente contrário à ideia, aceitando, no entanto, a proposta de enviar os padres Berna e Maletta a Cremona ao convento de São Tiago para tentar restabelecer a observância. Perante os resultados pouco alentadores, o cardeal voltou à ideia da união e padre Sauli novamente se opôs. Além do mais, o cardeal sabia que sozinho não conseguiria saná-los, porque os Humilhados resistiam tenazmente a qualquer tentativa de mudança. Quatro deles chegaram, de fato, a atentar contra a vida do santo; na tarde de 26 de outubro de 1569, enquanto rezava em sua capela particular, Carlos Borromeu foi atingido por um disparo de mosquete a queima roupa por Frei Jerônimo Donato, chamado Farina. Por sorte, a bala foi parada pelo roquete (ou melhor, segundo o mesmo cardeal, por um milagre). Depois disto, a ordem dos Humilhados foi suprimida em 17 de fevereiro de 1570. O convento de Brera, uma de suas sedes mais prestigiadas, foi confiado

aos Jesuítas que abriram uma famosa universidade no local, enquanto outras sedes passaram aos Barnabitas. Entres estas estão: o convento de São Tiago em Cremona e a igreja de Santa Maria em Carrobiolo de Monza, onde se instalou o noviciado.

São Carlos confiou aos Barnabitas várias tarefas importantes, sobretudo, a reforma de conventos e mosteiros; mas também, como no caso do padre Bascapé, uma delicada missão diplomática junto ao rei da Espanha, Felipe II, para melhorar as relações entre o arcebispado e o governador de Milão; os ciclos de pregação popular em Valtellina, onde era muito forte a penetração calvinista (nessa missão se distinguiu o padre Domingos Boerio). A amizade com Carlos Bascapé já era antiga; depois de conseguir a licença em direito canônico e civil, o jovem havia se apresentado a Carlos Borromeu pedindo para ser sacerdote. O santo havia observado seu talento e sua grandeza espiritual, aprovando sua escolha para entrar nos Barnabitas, mas pedindo aos padres a permissão para usá-lo no bem da Igreja. Desde este momento, o padre Bascapé se tornou em um precioso colaborador de seu arcebispo; foi ele quem o atendeu até o seu falecimento no dia 04 de novembro de 1584 e foi também seu primeiro biógrafo. Quando se introduziu a causa da canonização, também se apresentou como testemunha junto a numerosos confrades, redigiu aproximadamente cerca de trezentos interrogatórios do processo, viajando depois a Roma em nome dos bispos lombardos para pedir a conclusão positiva da causa. Carlos Borromeu foi canonizado pelo papa Paulo V no dia 1.º de novembro de 1610. Em sua honra os Barnabitas construíram a igreja de São Carlos ai Catinari em Roma, primeiro templo dedicado ao mais famoso dos bispos Tridentinos.

Outros Barnabitas trabalharam junto a São Carlos em sua ação reformadora; além de Sauli, citaremos os padres Besozzi, Asinari, Marta e Berna. Devemos recordar também a heróica dedicação com a qual os Barnabitas, junto com outras ordens religiosas, se prodigaram para atender material e espiritualmente as vítimas da tremenda peste que assolou Milão em 1576. Vários religiosos ali perderam a vida. Entre estes, é citado Tiago Berna, definido por Antonio Maria como o “amante do sofrimento” e considerado por Carlos Borromeu como um santo, e também Cornélio Croce: os dois morreram no sanatório do Gentilino (hoje chamado Redonda da Besana), fora da Porta Tosa, não longe de São Barnabé.

Um amigo: São Francisco de Sales

Outro que apreciava muito os Barnabitas foi São Francisco de Sales (1567-1622). Na primavera de 1613, o bispo de Genebra, em viagem a Milão, onde pagaria uma promessa sobre o túmulo de São Carlos Borromeu, parou em Turim, na casa de Emanuel I de Sabóia. Estava à procura de religiosos aos quais confiar o colégio Chappuys de Annecy, recusado anteriormente pelos Jesuítas pressionados por outras ofertas; falou do assunto com o duque e este o pôs em contato com os Barnabitas, que trabalhavam na paróquia de São Dalmazzo. Chegando lá foi acolhido cordialmente e, depois de uma rápida visita a casa de Vercelli, foi a Milão hospedando-se em São Barnabé, na cela que tinha sido usada por São Carlos Borromeu. Francisco de Sales expôs seu problema ao padre geral Ambrósio Mazenta e os padres aceitaram dirigir o colégio de Annecy, onde também se dedicaram à catequese em quatro igrejas da cidade e – quando se ausentava o bispo – cuidavam também das freiras da Visitação, fundadas por ele.

Com o tempo, se fortaleceu a familiaridade do bispo com os Barnabitas, a ponto de, em 17 de maio de 1617, ser afiliado à Congregação pelo Padre Geral Domingos Boerio. De Annecy, os filhos de Antonio Maria foram chamados – graças à mediação do monsenhor – para Thonon, no Chiablese e para a França. Padre Justo Guérin, mandado como ecônomo do colégio Chappuys, tornou-se o que o padre Bascapé havia sido para São Carlos Borromeu. Foi ele quem recolheu o material necessário para o processo de canonização de São Francisco de Sales e ao qual sucedeu como bispo de Genebra. Também os Barnabitas tiveram um papel determinante, por meio do cardeal Luis Bilio, para que o santo fosse proclamado doutor da Igreja por Pio IX. Não por acaso, junto com São Carlos Borromeu, São Francisco de Sales foi declarado patrono da ordem.

A serviço da Igreja

Em 1622 a sede geral da ordem foi transferida de Milão para Roma e desde então as relações entre os Barnabitas e a Santa Sé se intensificaram. Com razão o padre Gentili define como “século de ouro” a última parte do século XVII e todo o século XVIII pela incisiva presença dos filhos

de Antonio Maria no campo da cultura, na pregação, na direção das consciências e nas missões. Sua atividade científico-literária exigiria um capítulo à parte, já que se deveria falar de gerações inteiras de religiosos, justamente famosos por seu nível cultural. Só um exemplo: sendo geral o padre Bascapé que incrementou os estudos, por ocasião da tomada de posse da diocese milanesa por parte de Federico Borromeu no dia 28 de agosto de 1595, os jovens Barnabitas organizaram um sarau no qual dissertaram Julio Cavalcanti, Carlos Bossi e Bartolomeu Gavanti, respectivamente em latim, grego e hebraico, tal era a familiaridade deles com estas línguas.

Com o tempo, os religiosos se especializaram no ensino, abrindo seus próprios colégios a alunos externos quer na Itália, quer no estrangeiro. Para forçá-los nesta direção contribuíram papas, bispos, autoridades locais e benfeitores; Só na Itália, até 1780, depois das escolas Arcimboldi de Milão (1608), haviam aberto outras em Udine, Foligno, Asti, Florença, Pisa, Livorno, Alexandria, Lodi, Gênova, Bérgamo, Tortona, Turim, Milão (o colégio Longone e o dos Santos Simão e Judas), Aosta, Arpino e Bolonha. O ensino se estruturou num verdadeiro ciclo educativo nos seminários e nos internatos. O último degrau foi o ensino no campo universitário.

Daqui surgiram apaixonados pelos estudos clássicos como Pedro Rosati (1834-1915), que continua com a ilustre tradição dos padres Salvador Corticelli (1690-1758) autor de uma famosíssima gramática italiana, e Onofre Branda (1710-1776) famoso por sua polêmica com Parini. Historiadores da envergadura de Agostinho Tornielli (1543-1622) que começou a publicação dos *Anais Eclesiásticos*, e bibliófilos de fama como José Boffito (1864-1944). Insignes arqueólogos, entre os quais, sobressaem Luis Bruzza (1813-1883) e Umberto Fasola (1917-1989), o egiptólogo Luis Ungarelli (1779-1845) fundador do Museu egípcio do Vaticano e o assiriólogo Luis Cagni (1929-1998). Ilustres cientistas como Ambrósio Mazenta (1565-1635) arquiteto ao qual se deve a catedral de Bolonha, Paulo Frisi (1728-1784) matemático e hidráulico, Francisco Denza (1834-1894) fundador do Observatório do Vaticano, Timóteo Bertelli (1826-1905) sismólogo, inventor do tromômetro que leva seu nome. Mas também filósofos como o cardeal Segismundo Gerdil (1718-1802) autor do *Anti-Emilio*, padre

Domingos Bassi (1875-1940) pedagogo, e o filósofo Vicente Cilento (1903-1980). Para não falar de biblistas, teólogo, moralistas, canonistas, liturgistas e estudiosos de espiritualidade, cujos nomes preencheriam muitas páginas. E especialmente santos: um entre todos, o Apóstolo de Nápoles, o carismático e taumaturgo Francisco Xavier Maria Bianchi (1743-1815), canonizado por Pio XII em 1951.

A atividade missionária, já começada em terras dos Grisões e no Bearno, onde estava arraigada a reforma protestante, teve uma saída imprevista para o Extremo Oriente no século XVIII quando Clemente XI confiou a alguns padres uma delicada missão na China: reconciliar os Dominicanos, Franciscanos e Jesuítas que tinham opiniões distintas, quanto ao aceitar os ritos locais na religião cristã. Mas, por duas vezes, os intentos fracassaram, sobretudo, pela hostilidade do imperador chinês para com os recém chegados. Com o papa Bento XIV um grupo de missionários Barnabitas pôde finalmente chegar à Birmânia onde, entre várias vicissitudes devido às perturbações políticas locais, imprevistos e desgraças (entre elas um naufrágio) desenvolveram eficaz ação apostólica e cultural, mas ao final tiveram que se retirar. Alguns pagaram com o sangue o seu heroísmo, entre estes, em agosto de 1756, monsenhor Paulo Nerini, que se havia negado a entregar as mulheres refugiadas na igreja. Os mesmos militares encarregados da execução tentaram salvá-lo, levando ao rei a cabeça de outro sacerdote português. Mas, descobertos, tiveram que matar a golpes de lança o barnabita. A missão na Birmânia continuou até que em 1830, o então padre geral José Peda, a devolveu nas mãos do Papa Pio VIII.

As *Constituições* estabeleciam que os religiosos trabalhassem na Igreja como “cooperadores dos bispos”, com a condição de que não aceitassem ofícios, encargos ou dignidades exceto os próprios da ordem; em outras palavras, existia incompatibilidade entre o hábito religioso e os cargos eclesíásticos. O padre Dossena havia traçado uma linha precisa a este respeito: aceitar os encargos, fugir das honras, trabalhar na Igreja como Barnabitas e só como Barnabitas. Por isso, se havia oposto à nomeação episcopal de alguns ilustres confrades. Mas, comenta padre Gentili, “nem padre Dossena, nem os Barnabitas que lhe sucederam fugiram à lógica das coisas! Esta forte resistência às nomeações refletia uma consideração clara: o apreço dos papas pelos dotes e capacidades dos Barnabitas e,

ao mesmo tempo constituía a melhor garantia de que as tarefas que a eles se eram confiadas, seriam levada a cabo, sem ambições terrenas ou ganâncias, mas com zelo e espírito sobrenatural. Não foi por acaso que o cardeal Antonio Barberini, irmão do papa Urbano VIII, notificando ao Padre Geral Agostinho Gallicio a nomeação do padre Guérin, conseguida depois de duas inúteis tentativas: É a pessoas com este mérito que se deve dar os encargos, e não àquelas que lutam para obtê-los.”¹⁰⁷

Ao papa não se podia dizer não. Depois dos padres Sauli e Bascapé, coube ao próprio padre Dossena a nomeação para bispo de Tortona. E em 1695, Tiago Antonio Morigia (1633-1708), designado arcebispo de Florença, foi também o primeiro cardeal barnabita. Inocêncio XII o havia mantido *in pectore*, ou seja, em segredo, até 1699, quando lhe conferiu solenemente a púrpura. E, ao lado de Tiago Antonio Morigia e Sigismundo Gerdil, é necessário citar, entre os purpurados insignes da ordem, Luis Lambruschini (1776-1854) e Luis Bilio (1826-1884). Estes dois últimos, em particular, ligaram seus nomes à preparação e à realização de dois grandes momentos da Igreja do século XIX, a proclamação do dogma da Imaculada Conceição (08 de dezembro de 1854) e a celebração do Concílio Vaticano I (1869-1870) durante o qual, se definiu a infalibilidade do Papa quando fala *ex catedra* (desde a cátedra).

O três colégios hoje

Barnabitas e Angélicas viram despontar o século XX sob os melhores auspícios e, nos anos cinquenta puderam contar com dois prestigiosos guias: Ildefonso Clerici (1883-1970) Padre Geral de 1937 a 1952 e Joana Francisca Brambini (1910-1971), Madre Geral de 1946 até 1970.

A tradição educativa nos colégios tem neste período prestigiosos internatos, aos quais se unem os externatos, que respondiam melhor às exigências pedagógicas muito atentas ao vínculo com as famílias de procedência. Não de menor importância aparece o apostolado nos oratórios, que teve no padre Fortunato Redolfi (1777-1850) um verdadeiro pioneiro; em seu modelo se havia inspirado o próprio João Bosco. E como não falar do seminário para os clérigos pobres criado na diocese de Milão pelo padre Luis Villorosi (1814-1883) e que conta

entre seus membros com um sacerdote candidato à honra dos altares, o bem-aventurado Luis Talamoni, fundador das Irmãs Misericordinas?

No campo ecumênico se sobressaem dois religiosos de relevo que se converteram ao catolicismo tornando-se Barnabitas: o russo Agostinho Suvalov (1804-1859) e o norueguês venerável Carlos Schilling (1835-1907), os dois vinculados ao grande apóstolo da unidade cristã, padre César Tondini (1839-1907).

A renovação cultural, em um período caracterizado pelos fermentos do modernismo, encontrou no Servo de Deus padre João Semeria (1867-1931), um expoente importante que deixou significativa marca no campo apologético e da oratória, até chegar aos cumes da mais incrível caridade durante a grande guerra de 1915 a 1918. Junto ao Padre João Minozzi, leva seu nome a Família dos Discípulos, fundada em 1925 para acolher órfãos, vítimas do terrível conflito.

Sinal da renovada vitalidade dos institutos zaccarianos foi o retorno à atividade missionária na América Latina e na África, seguindo o desejo do fundador que queria que fosse anunciada “a vivacidade espiritual e o espírito vivo por todas as partes”.

Além disso, começa-se a reconstruir o projeto original dos Três Colégios, depois do desaparecimento dos Casados e a extinção das Angélicas. Estas haviam sofrido o golpe da Revolução Francesa e, obrigadas a não aceitar noviças, desapareceram em 1846, com a morte de Teresa Trotti Bentivoglio, que teve a astúcia de entregar ao padre Espírito Corti preciosos documentos de arquivo. Aquelas que São Carlos Borromeu definia como “as pedras preciosas” de sua mitra episcopal e que iluminaram com sua vida exemplar seus mosteiros, conheceram a partir de 1879 um verdadeiro renascimento segundo sua inicial linha apostólica, sobretudo, graças à venerável Flora Bracaval (1861-1935), cujos restos mortais repousam na comunidade das Angélicas de Arienzo (Nápoles). Igualmente, o Terceiro Colégio voltou a renascer com várias iniciativas, entre elas, na França, com a Ordem Terceira Barnabítica (1870) e na Itália, a Liga de São Paulo (1919), até chegar a fundação do Movimento dos Leigos de São Paulo (1986) que começaram sua caminhada com o lema “ou somos três, ou não somos nós mesmos”.

Tão pouco se pode calar a irradiação do carisma zaccariano, através do nascimento de famílias religiosas por obra dos Barnabitas, como as

Filhas da Divina Providência (1832), as Irmãs do Preciosíssimo Sangue (Irmãs Preciosinas - 1876), as Pequenas Operárias do Sagrado Coração (1935) e as Missionárias de Santa Teresinha no Brasil (fundada pelo Servo de Deus, Dom Eliseu Maria Coroli (Bragança PA – 1954). A estas se une o instituto secular das Discípulas do Crucificado (1958).

Com a chegada do Concílio Vaticano II, as famílias zaccarianas entram em um período novo de sua história, sob certos aspectos, ainda inédito; período marcado não só pela volta à intuição original (ou seja, aquela “reforma” incessante da vida consagrada que está escrita com letras de ouro no magistério de nosso santo), mas também por sua atuação para a sociedade moderna acolhendo sua linguagem, suas aspirações e vivendo suas contradições.

“Nascemos quase como uma tropa de elite para servir a Igreja imersa na gigantesca obra da reforma pós-tridentina”, afirma o Padre Geral João Villa na entrevista concedida a Vitório Messori. “Uma pequena brigada, mas de intervenção rápida, muitas vezes em tarefas importantes e até prestigiosas. Com uma polivalência e uma elasticidade que podem ser preciosas, também hoje, em uma Igreja novamente comprometida com esta missão pós-conciliar”.¹⁰⁸

Capítulo XVII

Ininterrupta fama de santidade

Havia muitos que, já em vida, consideravam a Antonio Maria Zaccaria santo. Muitos mais, depois de sua morte. Na igreja de São Paulo Convertido, até 1566, estavam expostos, fora da terra, os restos mortais de Santo Antonio Maria Zaccaria, para veneração pública. Alternavam-se os Padres Barnabitas e as Irmãs Angélicas, mas também o povo simples recomendando-se à intercessão do servo de Deus, obtendo suas graças. Esta fama de santidade era alimentada pelos testemunhos autorizados de quem havia conhecido a Antonio Maria e sua obra: Pio V, Carlos Borromeu, Inácio de Loyola, Francisco de Sales, Felipe Neri – todos, mais tarde, canonizados – falavam sempre bem dele e dos co-fundadores. Eles, na já abundante iconografia do tempo, eram representados com aureola e o título de beatos. Isto é o que se lê em uma lápide colocada sob um quadro de Antonio Maria exposto na igreja de São Vicente, em Cremona: “célebre pelos milagres, pela virgindade, pelo dom da profecia e pela capacidade de expulsar demônios”. E, em outro lugar da cidade, havia uma longa epígrafe, em latim, gravada sobre uma coluna que traduzindo transcrevemos:

PARA ANTONIO MARIA ZACCARIA
Anjo em forma humana e homem angelical
Fundador dos Clérigos Regulares de São Paulo
Das Virgens Angélicas
E de Pias Sociedades
Destruidor dos vícios, cultuador da castidade
Restaurador do culto divino
Zelador fervoroso da saúde das almas
Semeador da divina Palavra
Fidelíssimo imitador de São Paulo
Trabalhador incansável na vinha do Senhor

Ferrenho adversário do mundo e da carne
Inimigos seus
Vencedor dos demônios
Por sua caridade, chama ardente do eterno Espírito
Cidadão do Céu onde agora mora
A cidade de Cremona
Que protege e nutre a seus filhos
Plena de admiração por seu concidadão
Convertido em concidadão dos anjos
Em sinal de alegria
Por seus heróicos gestos
Para sempre se alegra agradecida.¹⁰⁹

Estas palavras sintetizam a vida e a obra de Antonio Maria. A difusão do culto popular e de sua fama de santidade não provocou logo nos Barnabitas a preocupação de introduzir o processo de canonização.

Entre 1620 e 1621 o Padre Geral Mazenta ordenou a abertura do túmulo e, com surpresa, viram que o corpo de Antonio Maria estava incorrupto. Como não havia nenhuma angélica presente para o reconhecimento, algumas destas, depois de algum tempo, quiseram, de noite, desenterrar o caixão com a ajuda do jardineiro. Mas, enquanto escavavam, se desencadeou um violento temporal que foi interpretado como um aviso do céu para que não fizessem isso.

Para interromper a veneração dos três beatos co-fundadores, improvisamente chegou, em 1625, um *breve* de Urbano VIII com o qual se proibia todo culto público aos defuntos que não tivessem sido oficialmente beatificados ou canonizados pelo papa. Esta proibição poderia ser revogada só por um consenso unânime da Igreja, ou por um indulto especial do pontífice, ou por decreto da Congregação dos Ritos ou caso o defunto gozasse de culto público, por mais de cem anos, sem nenhuma oposição por parte da Santa Sé. Infelizmente, desde a morte de Antonio Maria só haviam decorrido 95 anos. Era preciso, portanto, abrir um regular processo de beatificação. Mas justamente quando estava para começar a causa, em 1630, voltou a explodir o flagelo da peste que fez estragos também entre os Barnabitas (mais de cem mortos). No entanto, lá do céu, Antonio Maria enviava sinais alentadores. Os historiadores contam que em 1643, no mosteiro das Angélicas, uma Irmã

Conversa, Dorotea Antoniola, muitas vezes parava para rezar, diante de uma imagem de Antonio Maria, colocada na entrada do vestíbulo onde estava enterrado o fundador. A imagem tinha diante do nome de Antonio Maria a letra “B” (beato). Uma co-irmã, Hipólita Maria, em obediência às novas disposições papais, apagou a letra B. Mas, no dia seguinte a letra apareceu. Hipólita, achando que a imagem anterior havia sido substituída por uma nova, apagou novamente a letra “B”, mas esta apareceu regularmente. E assim várias vezes, até que a obstinada co-irmã se convenceu de que não era nenhuma brincadeira.

Em 1664 a situação se transformou em um equívoco. As Angélicas, apesar da proibição de Roma e do superior dos Barnabitas, com a permissão oral do arcebispo, tentaram novamente desenterrar o corpo de Antonio Maria. Nenhuma delas recordava com exatidão o lugar da sepultura; sabia-se que estava colocada diante da porta do vestíbulo que dava para o cemitério da comunidade. Mas, havia aí duas portas e as Angélicas escavaram no lugar errado, recolheram os ossos em uma caixa e a colocaram em um nicho junto ao lugar onde tinham sido encontrados. Muitos acreditaram que haviam encontrado as relíquias autênticas e começou, secretamente, a veneração. A solução do equívoco só se deu em 1890!

O culto continuava no meio do povo, apesar de tudo. Em uma sala da comunidade de Crema, onde os Barnabitas habitavam desde 1661, diante de um quadro de Antonio Maria havia um constante fluxo de fiéis de Milão, Lodi, Monza, Verona, Veneza e até do Tirol, atraídos pelas notícias das milagrosas curas obtidas por sua intercessão. A sala com o tempo se transformou em um verdadeiro santuário. E foi ali, que, em 16 de julho de 1747, sucedeu o famoso “milagre do lírio”. Padre Faustino Premoli, incansável promotor do culto ao Fundador, se preparava para dar a bênção a um grupo de devotos. Então, a imagem de Antonio Maria Zaccaria, que tinha um lírio entre as mãos, se iluminou com uma luz muito intensa movimentando-se e, enquanto a flor se inclinava para a esquerda, Antonio Maria levantou a mão direita para dar a bênção aos fiéis presentes. Aquele quadro, obra de Tomás Picenardi, está exposto à veneração dos fiéis na igreja de São Barnabé, em Milão.

Seis meses antes, o Papa Bento XIV decidiu que nas causas de beatificação seriam suficientes as provas indiretas, sempre que fossem perfeitas em seu gênero; isto possibilitou que muitos pedissem à Santa Sé o indulto dos cinco anos que faltavam para os cem anos que permitiriam, *ipso facto*, o culto ao

beato. Mas os Barnabitas preferiram seguir o caminho normal e só em 1801 o capítulo geral decidiu introduzir a causa. A grande quantidade de testemunhos recolhidos, aprovados no exame da Congregação dos Ritos, permitiu começar o processo no dia 20 de setembro de 1806. No dia 18 de junho de 1833, na presença do Papa Gregório XVI, teve lugar a assembléia geral para declarar a heroicidade de suas virtudes. O veredito foi largamente positivo (de seus 33 membros, só 3 votos foram negativos). Apesar disso, o Papa, mesmo tendo escolhido como secretário de estado o barnabita cardeal Lambruschini, quis adiar a publicação do decreto, à espera de tempos mais tranquilos. Esta estranha decisão foi motivada pelo parecer, fortemente crítico, que um dos consultores fez chegar ao Papa. Na data de 29 de setembro de 1835, ele assinou um documento, (recentemente publicado pelo padre Sérgio Pagano, prefeito do Arquivo Secreto do Vaticano), no qual se comentava o laço que existiu entre Antonio Maria e Frei Batista, cujo ensinamento havia sido considerado eivado de quietismo. Comentava também a relação que, como diretor espiritual, tinha Antonio Maria com Paula Antonia Negri, caída em desgraça depois da morte do santo. Reconhecer, portanto, as virtudes heróicas do fundador era – assim pensou o Papa – oferecer um pretexto a mais para a campanha que estava acontecendo contra a Igreja. Parecia estar desmentindo-se a si mesma e, contradizendo seu próprio magistério. Assim, deixava para o seu sucessor, o espinhoso dossiê, convencido de que “a publicação do decreto sobre as virtudes do venerável Antonio Maria (...) em tempos mais propícios e tranquilos, poderia fazer bem para a Igreja”.

Gregório XVI morreu dez anos mais tarde. Seu sucessor Pio IX, exilado em Gaeta, em 02 de fevereiro de 1849 promulgou o esperado decreto na presença do rei e da rainha de Nápoles, ao lado de alguns cardeais.¹¹⁰

Três milagres

Para declarar beato ou santo a um servo de Deus, a Igreja pede uma espécie de prova dos nove sobre sua capacidade de interceder junto a Deus, ou seja, um milagre, geralmente uma cura instantânea e duradoura, não explicável na base de nossos conhecimentos científicos. Vamos relatar os três casos – acontecidos entre 1873 e 1876 – que foram decisivos para a canonização de Antonio Maria.

Os dois primeiros se referem a pessoas da mesma família: Paula e Francisco

Aloni, de Cremona. Ela, aos quinze anos, manifestou uma enfermidade, qualificada pelos médicos de então como reumática e nervosa, que lhe provocava fortíssimas dores nos rins, nas costas e na cabeça. Internada no hospital durante quase três anos, saiu como havia entrado. Suas condições pioraram, em 1856, complicando-se com um tumor maligno na garganta e, depois de ser operada, lhe apareceu outro sob a axila. Recebe alta hospitalar, sem esperança, e obrigada a permanecer na cama até 1873, quando, reduzida a um esqueleto, lhe administraram os últimos sacramentos. Para os médicos estava desenganada há muito tempo. O pároco levou, junto com o Viático, um santinho e uma relíquia de Antonio Maria, exortando a todos a começar uma novena de oração. Ao terminar esta, em 25 de maio, pelas 4 da tarde, a jovem se animou, juntou as forças, saiu da cama, pediu algo para comer e até foi à igreja para agradecer ao Senhor. E pensar que poucas horas antes, os que a assistiam lhe haviam aproximado aos lábios uma vela acesa para ver se ainda respirava! Os médicos, estupefatos, confirmaram pouco tempo depois a cura completa, duradoura e inexplicável do ponto de vista clínico.

Seu irmão Francisco, doze anos mais velho, trabalhava como ferreiro, apesar de não ter uma boa saúde (desde pequeno, sofria complicações nos olhos e frequentes inflamações). Numa queda de cavalo quebrou a perna direita, não podendo mais trabalhar. Com o tempo, o membro começou a inchar e a recobrir-se de chagas, as quais se tornaram em um tumor irreversível. Internado em 1876 no hospital dos Irmãos de São João de Deus, depois de dois meses, lhe deram alta sem nenhuma esperança de cura. Sua irmã, que três anos antes havia sido curada milagrosamente, traçou o sinal da cruz na perna enferma com a relíquia de Antonio Maria dizendo: “Por intercessão do venerável Antonio Maria, Deus te cure deste mal”. Depois, começou uma novena com o irmão, rezando com fé. No nono dia, exatamente no dia 23 de outubro, repentinamente aconteceu a cura. Tirando-lhe as faixas que cobriam a perna, esta estava completamente sã, de modo que Francisco pôde, sem nenhum problema, voltar a trabalhar.

O terceiro sinal prodigioso teve lugar em Castagnolo Minore, situada a poucos quilômetros de Bolonha; o protagonista foi Vicente Zanotti, um agricultor que, desde jovem, sofria de “sangue ruim” (assim chamado naquele tempo), ou seja, de varizes na perna esquerda que, com o tempo, lhe provocaram dolorosas feridas, algumas chegando até o osso. Durante uns quarenta anos, ele procurou se curar com remédios; estes até aliviavam a dor,

mas, não solucionavam o problema. Um dia se encontrou com um amigo, o qual era uma espécie de encarregado da via-férrea, chamado Próspero Bianchi, devoto do “beato Antonio Maria” (assim ele o invocava). Este lhe deu para ler o perfil biográfico de Antonio Maria e uma relíquia, exortando-o a fazer uma novena. O pobre homem começou na mesma noite a rezar e, pouco a pouco, conforme passavam os dias, sua situação melhorava. Antes de descobrir a parte chagada sobre a qual havia colocado a relíquia, quis acrescentar, por segurança, um tríduo de oração e, ao terminar, a ferida havia desaparecido. Vicente Zanotti voltou a andar normalmente, sem nenhuma dor. Também desta vez, o “doutor” Antonio Maria havia demonstrado que era um ótimo médico.

Diante desses acontecimentos, não foi difícil convencer o papa Leão XIII de que era justo voltar a permitir, oficialmente, o culto ao beato. Ele o fez solenemente no dia 03 de janeiro de 1890, apoiado também por um excelente trabalho de documentação realizado anteriormente pelo padre José Graniello (que depois receberia a púrpura cardinalícia). Neste momento chegou a solução do “mistério” do túmulo de Antonio Maria. Enquanto se discutia sobre a validade dos três milagres para a canonização, decidiu-se examinar os restos mortais do beato e no dia 20 de junho de 1890 na presença dos delegados do arcebispo e de dois renomados médicos de Milão, se abriu a famosa caixa que havia sido trasladada para São Barnabé. E com amarga surpresa, os peritos – entre eles o célebre osteologista professor Bercigli do Instituto Superior de Florença – afirmaram que aqueles restos mortais não podiam pertencer a Antonio Maria. Levantou-se então a hipótese de que a escavação tinha sido feita em um lugar equivocado; isto criava um problema a mais, já que o cemitério das Angélicas havia sido totalmente descaracterizado depois da supressão do mosteiro, decidida por Napoleão Bonaparte em 1810.

Mais ou menos depois de um ano, tendo consultado os documentos do arquivo das Angélicas, identificaram o lugar exato onde se encontrava a outra porta do vestíbulo e, finalmente, no dia 08 de maio de 1891, durante uma nova escavação apareceu um esqueleto, da cabeça ao fêmur (as demais partes haviam se perdido). O professor Bercigli desta vez confirmou que aqueles restos mortais pertenciam a um homem morto aproximadamente com quarenta anos de idade. Posteriores investigações confirmaram a autenticidade dos restos mortais como sendo de Antonio Maria e poucos dias depois, em 13 de maio, o papa Leão XIII, autorizava a reabertura do processo de canonização.

Capítulo XVIII

Solene canonização

Entre dezembro de 1895 e janeiro de 1897 foram examinados e aprovados os três milagres. Em 14 de fevereiro, por ocasião da leitura do decreto de aprovação, o Papa recebeu em audiência o Padre Geral Benedito Nisser, com cinco padres e cinco estudantes. Poucos meses depois, exatamente em 27 de maio, na basílica de São Pedro, o Papa declarava santo o fundador dos Padres Barnabitas e das Irmãs Angélicas junto com o beato Pedro Fourier (1565-1640), fundador das cónegas de Santo Agostinho da Congregação de Notre Dame e reformador dos Cónegos Regulares Lateranenses. A *bula* de canonização “*Dilectus Domini*”, que levava as assinaturas do pontífice e de 23 cardeais (número impressionante para a época), marcou a cerimônia para o dia 27 de maio, festividade litúrgica da Ascensão de Jesus, “autor da salvação humana, alegria dos corações, artífice da redenção do mundo, vencedor por nobre triunfo, que está sentado à direita do Pai”.

A celebração na basílica do Vaticano representava não só um feito excepcional, mas também uma novidade, já que as duas canonizações anteriores realizadas por Leão XIII haviam sido celebradas por ele na chamada sala das Bênçãos, respectivamente, aos 08 de dezembro de 1881 [a de João Batista de Rossi (Gênova, 1698-1764), Lourenço Russo (Bríndisi, 1559-1619), Benedito José Labre (Amettes, 1748-1783) e Clara da Cruz (Montefalco, 1268-1308)], e em 15 de janeiro de 1888 [os sete fundadores dos Servos de Maria]. Estes os termos usados na bula para explicar os motivos da decisão: “Para satisfazer totalmente o desejo dos fiéis e para aumentar a solenidade do rito, pareceu bem que a celebração aconteça no maior templo do mundo, segundo o antiquíssimo costume, que a tristeza dos tempos e a vergonhosa prisão do Vigário de Cristo haviam obrigado a interromper. Como, de fato,

pelo inescrutável desígnio de Deus esta prisão continua, consideramos oportuno que os fiéis multipliquem suas orações, ainda mais fervorosas diante do sepulcro dos Santos Apóstolos, para que finalmente Deus se digne converter ou humilhar os inimigos da Santa Igreja”.

Era a época da Questão Romana e o pontífice aproveitou a ocasião para reafirmar diante do mundo o direito à soberania, também temporal, da Santa Sé. A *bula*, de fato, além de dar as indicações, para incluir a festa de Santo Antonio Maria Zaccaria no Martirológio no dia 05 de julho, convidava os cristãos a lutar pela verdadeira liberdade e dignidade de nossa alma, por Cristo e pelos direitos da Igreja: “Por toda parte, se move uma guerra muito atroz contra estes santíssimos e augustíssimos nomes. Na Itália de modo mais tétrico e indigno, na Itália, onde Cristo colocou a sede principal de seu Reino que homens sacrílegos a tal ponto se gloriam de ter desvalorizado de celebrar tal maldade indizível com solene rito civil, como se fossem os grandes da pátria, ou melhor, o orgulho do gênero humano, e não se envergonham de perpetuá-la construindo um enorme monumento junto à cruz destruída. Deus, ótimo e grande, nos ajude e, pela intercessão de Santo Antonio Maria, seja propício à nossa causa: favoreça vossas iniciativas, nobilíssimos italianos, que por Cristo e a Igreja lutais corajosamente, sem vos deixar desviar de vossa firmeza, pelos erros dos tolos”. Linguagem dura e de extrema clareza, que soava como um convite a demonstrar nesta ocasião a própria fidelidade à Igreja.

Foi imponente esta demonstração dos fiéis. “La Civiltá Cattolica” (Civilização Católica), a prestigiosa revista quinzenal dos Jesuítas, em sua rubrica “Crônica Contemporânea”, dedicou seis páginas ao solene rito, sublinhando como em São Pedro (de portas fechadas, por persistir o problema com o Estado italiano) havia uns trinta cardeais, mais de 240 clérigos entre patriarcas, arcebispos, bispos e abades ordinários, enquanto haviam chegado à cidade mais de sessenta mil peregrinos de toda Europa. De Milão haviam chegado mais de mil pessoas, guiadas pelo arcebispo, o beato cardeal André Carlos Ferrari (1850-1921) e por vários bispos lombardos. No interior do templo, precisamente sobre a porta principal, e acima das estátuas de Santa Elena e de Santo André estavam os estandartes que recordavam as cenas dos três milagres aprovados para a canonização.

Para a ocasião, o coro da Capela Sistina, dirigido pelo maestro Domingos Mustafá, cantou a *Missa papae Marcelli* de Palestrina e no ofertório o moteto *Cantate Domino* do mesmo maestro. Segundo o cronista de “Civiltá Cattolica”, foi uma execução esplêndida “como talvez nunca se houvesse escutado sob a imensa cúpula de Miguelangelo. (...) Do alto da cúpula, as vozes de cento e setenta jovens respondiam angelicamente ao poderoso coro da basílica”.¹¹¹

8 quilômetros de adornos e 1570 velas

Depois da proclamação dos dois novos santos, todos os sinos das igrejas romanas tocaram em festa durante uma hora. Só pela tarde, a basílica foi aberta aos fiéis que não haviam podido assistir à cerimônia, enquanto, à noite, a colunata de Bernini e a fachada de São Pedro foram iluminadas com lanternas e tochas que produziam um belíssimo efeito. Calcula-se que os adornos da basílica, projetados pelo arquiteto da Fábrica de São Pedro, o professor André Busiri, custaram 240.000 liras, hoje uns 155.000 euros. No exterior, sobre as três portas da basílica, haviam-se colocado inscrições e na cornija da porta maior se destacava o quadro da *Glória* pintado por Salvador Nobile, diretor da escola do Mosaico Vaticano. No interior, se viam os grandiosos arcos da abside e da nave central com 44 metros de altura. Nos grandes arcos penduraram enfeites de cortinas de cor vermelha cheias de estrelas com toques de ouro e franjas nas extremidades. Também as janelas e as galerias haviam sido adornadas em vermelho e ouro, assim como os grandes pilares, enquanto as cornijas estavam recobertas de damasco. De fato, foram usado quase 8 quilômetros de pano! Na abside se erguia o trono papal com seu majestoso dossel de 12 metros de altura, com duas enormes estátuas dos Santos Pedro e Paulo. No fundo da igreja, com onze metros de altura, sobressaía o escudo papal entre dois medalhões com os retratos dos dois santos.

Que podemos dizer da iluminação? Nos arcos estavam pendurados 23 lampadários com cerca de 250 velas. E nos braços da nave, outros dois lampadários de quase duas toneladas, com 450 velas cada um e diâmetro de 10 metros. Finalmente, ao longo da cornija da nave

principal, haviam sido colocados 2.570 pontos de luz. Imaginemos as acrobacias que tiveram que fazer, naquele dia, os encarregados de acendê-los (eram 350). Não faltaram as medidas de segurança e dos serviços indispensáveis pela duração da cerimônia; banheiro para o papa (atrás do trono pontifício), dois lugares para pronto socorro sanitário e outros quatro distribuídos pela basílica. Uns sessenta bombeiros vigiavam para evitar o risco de incêndio. Para este enorme trabalho a basílica esteve fechada durante cinco dias, do dia 22 de maio até a manhã do dia 27.

Este acontecimento teve grande impacto sobre a população devido à extraordinária participação do povo e dos prelados; desde o Concílio Vaticano I, não se via nada igual em Roma. O rei Umberto I – dizia ainda La Civiltà Cattolica – “salvou a sua reputação, retirando-se naqueles dias para Milão, a fim de assistir as corridas em São Siro. A respeito da capital do reino, assim a descreve um liberal na vigília da canonização: ‘Um forasteiro que chegue à cidade eterna nestes dias, deve se esforçar de verdade para perceber que esta é a capital de um reino que é uma grande nação, que tem um Governo, um Parlamento, uma monarquia, ministérios e uma parte da população que aí vive exatamente por ser Roma a capital da Itália. A cidade inteira está ansiosa à espera da extraordinária e nunca mais vista cerimônia que será celebrada amanhã na Basílica de São Pedro no Vaticano, o maior templo do cristianismo. Não se fala, nem se quer ouvir falar de outra coisa. Calcula-se que já são 60.000 os forasteiros e outros ainda deverão chegar. Ouve-se falar em todas as línguas pelas ruas de Roma, e todos falam da cerimônia’”.¹¹²

Aquele dia 27 de maio teve repercussões importantes também no plano político; começou a aparecer no país um despertar dos católicos, que através da Obra dos Congressos, dos comitês diocesanos, das associações, dos círculos e caixas de ajuda mútua, contribuiria para a crise do estado liberal. João Spadolini escreveu que a melhor prova de força contra a maçonaria italiana “teve lugar nas grandes festas da primavera de 1897, em Roma, pelo motivo da canonização de Antonio Maria Zaccaria e de Pedro Fourier (soberba demonstração de força que impressionou o próprio João Bovio e lhe inspirou as famosas palavras sobre a onipotência do Papa). (...). O homem pensa, não reza; respondia com sua eloquência João Bovio à pergunta de Momenti, que havia sublinhado a função social da oração; mas os acontecimentos daqueles

meses contradiziam cada vez mais abertamente os “dogmas” do filósofo da democracia, pela grande participação de fiéis nas peregrinações e nas festas religiosas, pelo grande êxito das celebrações ambrosianas em Milão, pela extraordinária concorrência de fiéis de todo o mundo à basílica do Vaticano para a canonização de Antonio Maria Zaccaria e Pedro Fourier. (...). As igrejas se reanimavam e não só de fiéis em oração, mas de católicos preparados para a batalha, reunidos ali, nos templos, para sustentar suas teses, para combater suas batalhas, para denunciar os seus inimigos; segundo uma tradição que “La Civiltà Cattolica” vinculava diretamente aos costumes da Idade Média, e à gloriosa época dos Comuns (...). O próprio João Bovio era obrigado a reconhecer, por ocasião das festas da canonização de maio de 1897, que o Papa praticamente havia demonstrado sua onipotência”.¹¹³

Como Roma é desde sempre a cidade de Pasquino (dirigida na época por um “governo circuncidado”, ou seja, de hebreus), não faltou nesse dia um amável soneto de um certo Alfredo Posta, publicado no periódico “Vera Roma”, em 23 de maio de 1897.

AOS SANTOS ZACCARIA E FOURIER

*Oh Santos novos, Santos benditos
que estais lá em cima no paraíso
e gozais do belo sorriso
da Virgem em meio aos anjinhos;*

*Olhai para nós, pobrezinhos,
oh Santos, mas olhai-nos no rosto
se não parecemos todos tuberculosos
por culpa de um governo circuncidado!*

*Agora que o Pontífice Leão
vos faz tantas festas no Vaticano
cuidai também um pouco desta nação.*

*Roga no Céu com os Santos Padres
que Deus bendito nos ajude,
para ter a força de expulsar estes ladrões!*

Um desafio a ser acolhido

Quisemos nos deter sobre estes detalhes porque são atuais, embora o clima das relações entre o Estado e a Igreja não sejam idênticas. Hoje a Igreja não está exposta a ataques frontais, como na época do “Risorgimento” (movimento de luta pela unidade da Itália), mas está se estendendo ao mesmo tempo por toda parte, juntamente com o processo de secularização, aquela “tibieza” que é a inimiga mortal da fé, seguramente mais perigosa que uma aberta perseguição. Como afirmava Antonio Maria: “os homens modernos parecem feitos de propósito para afastar o homem de Deus”. Há uma grande necessidade, hoje como nos tempos do santo, de “incendiários” de Deus que saibam acender com aquele seu fogo as consciências dos fiéis, suscitando testemunhas corajosas e valentes como ele e como seus primeiros seguidores. Como recordou justamente o cardeal Martini, falando aos jovens na catedral de Milão no dia 25 de janeiro de 1997, por ocasião do centenário da canonização de Antonio Maria: “Dizia o santo: “Quanto mais excelente e nobre é a criatura, maior obrigação tem de devolver a Deus o fruto maior de seus próprios talentos”. E dizia isso às crianças e aos jovens, também às pessoas casadas, ao grupo dos cônjuges que pertenciam aos leigos fundados por ele: “Quero e desejo – e vocês podem se quiserem, – que se tornem grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferece-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam d’Ele”. Os santos, portanto, são, na história e também hoje, promotores de santidade. Eles consideram que o espírito é o talento mais precioso que temos e nos convidam a cultivá-lo (...). A vocação para a santidade de vida é universal. Santo Antonio Maria Zaccaria quer, ainda hoje, levar por meio de vocês a vivacidade espiritual, a reforma na vida da Igreja, do mundo e das famílias. (...). O desafio lançado por Santo Antonio Maria Zaccaria foi acolhido por seus contemporâneos e hoje é proposto de novo a todos nós. E é apresentado de novo a vocês, crianças e, em particular, aos jovens porque o futuro está em suas mãos. Saberemos aceitar este desafio? O exemplo e o ensinamento que o santo nos deixou nos força a dizer nosso sim... nos convida a dizer o nosso sim com o coração aberto e confiante”.

Antonio nos fala...

Dos “Escritos” do Santo escolhemos alguns pensamentos que, por sua originalidade e estilo próprio, o caracterizam; também iluminam interiormente a fisionomia espiritual do personagem, estimulando o leitor a uma reflexão sobre o sentido da vida. (Os textos originais para serem mais compreensíveis sofreram pequenas mudanças).

Não lhes escrevi palavra alguma que não tenha em si algo de especial. Se o encontrarem, penso que lhes será extremamente útil e de grande proveito. Ela se tornará o livro que, posto em prática juntamente com a memória da cruz de Cristo, os levará a uma grande perfeição. (1.11.09).

O que acabo de escrever, leia com os fatos e não somente com os olhos; fazendo assim, eu lhe garanto que você se tornará outra pessoa, bem diferente do que é agora, do jeito que deve ser. (1.03.12).

Os homens de hoje parecem ter sido feitos de propósito para afastar o homem de Deus! (1.03.05).

Deus, que fez tudo para o homem e o homem para Deus. (2.06.08).

Deus se mostra tão amoroso, como filho, pai e mãe e sempre está com você; e se você se separa dele, Ele o procura, o chama e sempre o convida. Infelizes os que o abandonaram, felizes os que vivem mergulhados naquela doçura eterna! (2.02.05).

Mas Deus, na sua bondade, não considera a nossa malícia! Mas

Deus, na sua bondade, não considera a nossa malícia! (2.06.03).

O não gostar das coisas terrestres nasce do amor das coisas do céu! ... Por isso, é necessário que o homem chegue ao amor de Deus afastando-se de todas as criaturas. (2.04.14); (2.06.11).

Vou considerar-me devedor de todos, eu me submeterei a todos e me humilharei e procurarei viver de acordo com todos, para que Deus, na sua bondade, me aqueça o coração. Deus habita nas pessoas de coração aberto para Ele. (2.04.37).

Como se sentem felizes os bons cristãos, livres de todo apego, porque assim não poderão ser separados da sua alegria sem fim, nem pelo ferro, nem pelo fogo, nem pelas forças das profundidades, nem pelos Anjos, nem por criatura alguma (Rm 8,38) e, havendo perdido tudo, possuem tudo. (2Cor 6,10), (2.04.15)

Deus abandonou tudo por sua causa, como Ele mesmo disse: “o que mais eu deveria ter feito, que não fiz?” (Is 5,4). Agora, você desejaria servi-lo, amá-lo, honrá-lo só um pouquinho e não mais intensamente? (2.06.23).

Através da Virgem Mãe Imaculada, Nossa Senhora a Virgem Maria, Deus quis libertar o mundo. (2.04.21)

O poder de Deus fez a Virgem Maria dar à luz, e fez Jesus, seu Filho, morrer. (2.01.01).

Que grande bondade! Que amor sem fim! Deus que se fez homem! E por quê? Para reconduzir o homem a Deus, para ensinar-lhe o caminho, para iluminá-lo com a sua luz. (2.06.06).

Tendo-nos dado seu Filho, de que jeito não nos daria tudo junto com Ele? (Rm 8,32), (2.01.12).

Jesus Cristo, que assumindo uma atitude concreta contra a falta

de firmeza, obedecendo até à morte (Fl 2,8) e correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer. (Hb 12,2), (1.02.14).

Será que você é discípulo de Cristo? Carregue sua cruz, castigue o corpo com a fome e os cansaços, permaneça sempre em oração, use do seu tempo para ajudar o próximo, agarre-se à obediência e não se afaste dela. (2.01.35).

Quando acontece uma coisa repentina e imprevista, que exige providências rápidas, aí é que elevamos a mente a Deus, pedindo que nos inspire o que temos que fazer: desse modo, sob a inspiração do Espírito Santo, não vamos errar. (1.02.09).

(...sob a inspiração do Espírito Santo, não vamos errar porque) o Espírito Santo chega logo ao mais íntimo das pessoas, não fica na superfície, mas quem não enxerga o seu interior, não consegue decidir-se de jeito nenhum. (1.02.06).

O Espírito sempre lhe sugere a lembrança de Deus, mesmo quando você está dormindo. Porque, se você dorme, o seu coração está vigilante (Ct.3,4). (2.02.07).

Você pode falar e conversar com Ele e pode chamá-lo, realmente de um Deus na terra. (2.02.08).

A liberdade é tão importante, apoiada pela graça de Deus, que o homem pode tornar-se demônio ou deus, como ele desejar. (2.05.15).

Você tem poder de escolher o mal ou o bem e diz mais ainda: estão ao seu alcance fazer com que o próprio mal lhe seja útil e proveitoso.) (2.05.16).

O seu maior inimigo está no íntimo, está “dentro deles” Por isso, enquanto eles temerem as outras coisas e não a si mesmos, não

chegarão a grande perfeição. (3.12.29).

Você deve respeitar todos os homens, porque todos têm a mesma origem e criação que você e devem ser amados, porque são da mesma espécie. (2.04.34).

Decida a tornar-se aquilo que você ainda não é. (3.18.02).

A morte os espreita e está ao seu lado e muitos de vocês nem pensam que, dentro em breve, receberão a ordem de partir, e só Deus sabe em que condições vocês estão! E será muito pior, ainda, para aqueles a quem for dado tempo para se prepararem – tempo este dado pela misericórdia de Deus para fazerem penitência – e usarem dele para pecar e provocar a ira de Deus contra eles! (2.01.37).

Deus nos deu uma lei de amor e não de medo, de liberdade de espírito e não de escravidão, uma lei gravada em nossos corações (Rm 2,15) e que qualquer homem pode conhecer por si mesmo. Não é necessário que você interrogue o próximo sobre isso, interrogue o seu coração, que ele lhe responderá. (2.01.10).

Deus começa do alto e, depois, desce; já o homem, querendo subir, começa de baixo pra cima; isto é, o homem deixa o que é só exterior e entra no seu íntimo e, daí vai até o conhecimento de Deus. (2.02.15)

Seria uma grande cegueira da sua parte se você não reconhecesse que foi criado para esta finalidade: para caminhar em direção a Deus. (2.06.08).

A vida espiritual é um alimento que, se alguém o come, quer mais ainda; e é uma bebida que quem a experimentou, quer bebê-la de novo (Eclo 24,29). Quem não saboreia esta delícia, não a entende. (2.02.06).

Não progredir no caminho de Deus é parar, é voltar para trás. (São Bernardo) (2.06.23).

Que adianta começar bem e não acabar bem? Isso não passaria de um cansaço inútil. (3.18.10).

Evite pensar que é suficiente o que você fez no começo, (3.18.21).

O homem indeciso está sempre inquieto, nunca se sente satisfeito; mesmo quando está muito alegre, fica triste facilmente, fica irritado e procura facilmente suas compensações. (1.02.05).

Quero viver como homem espiritual, quero tornar-me um mesmo espírito com Deus (1Cor 6,17), quero que a minha pátria seja o céu (Fl 3,20); quero ter Deus sempre no meu coração. (2.02.26).

O homem interior precisa igualmente do alimento espiritual (como o homem exterior) do alimento material, (3.12.31).

Os livros, bem compreendidos e praticados, nos levarão à perfeição...Fiquem sabendo que é melhor ler pouco e mastigar bem o que lemos, que ler superficialmente e às pressas muitas coisas e muitos autores, pois isso é, antes, satisfazer a curiosidade que estudar, (3.08.3-4).

Pra que serve convencer os outros a dominarem suas paixões, se você não domina as suas? Pra que lhe serve ensinar; com palavras, como viver a perfeição e, depois, destruí-la com o comportamento, tal como fazem os hipócritas? (2.04.03).

O fato de não terem o controle de suas vontades, os levaria ao desleixo, pois elas ainda estão longe do ideal. O não mortificar a própria vontade, mesmo nas coisas boas, os tornaria grosseiros e os afastaria totalmente dos ideais de São Paulo e de sua vida. (1.09.13).

Tenho a coragem de dizer que a virtude sem contrariedade tem pouca ou nenhuma consistência e, quanto maiores forem as contrariedades, mais preciosa se torna a virtude. (3.18.07).

Eu não digo que façam tudo num só dia e sim, que a cada dia façam um pouco mais, diminuindo alguma tendência à sensualidade, mesmo que seja permitida e façam isso pelo desejo de viverem valores cada vez maiores, de diminuir as imperfeições e de fugirem do perigo de cair na tibieza. (1.11.05).

Não pensem que alguém poderá instruir os outros nas virtudes, se ele não as possui. De fato, como vocês podem admitir que alguém possa agir acima de suas forças? (3.12.06).

Nunca a humildade, mãe e guardiã de todas as virtudes, encontrará estabilidade no coração deles, se não tiverem aceito, após longo tempo, com grande esforço e com profundo desejo, todas as perseguições, desprezo e humilhações. (3.12.18).

O humilde é cheio de compaixão e de tolerância em relação aos defeitos alheios. (3.18.13).

Não existe maior orgulho do que criticar e não existe motivo mais forte pelo qual Deus abandona o homem, do que suas críticas negativas. Em várias partes da Bíblia, Deus exige que não julguemos os outros, mas a nós mesmos. (2.01.23).

Não julgueis ninguém, de forma alguma e por nenhum motivo, porque é Deus o único que pode fazer isso. (1Cor 4,4) De outra maneira, jamais poderão chegar à simplicidade, nem esgotar a fantasia de sua mente. (3.12.26).

A gula é um vício que está acompanhado de muitos outros e nós temos horror e repugnância de tudo isso. (3.07.06).

Quando ouvirem os confrades esperando por tortas e se deleitando com vinhos saborosos e doces... Resumindo, quando vocês virem esses sinais, saibam que o demônio está controlando os gulosos. (3.17.13).

O motivo de seu fracasso e da sua mente andar desorientada é que

a sua língua não é correta e disciplinada. (2.02.13).

A causa da nossa imperfeição e o motivo de não chegarmos ao equilíbrio da mente é a nossa língua. (2.02.17)

A mentira destrói todo o fundamento da vida espiritual. Então, caríssimo, fuja dela, repito! (2.02.25).

Se seus olhos forem cegos e adúlteros, imagina só como será o resto do corpo! (1.07.05).

Uma coisa é fervor e devoção exterior e outra é o fervor e a verdadeira devoção. (3.12.37).

Saibam, meus irmãos, que a oração mental é a comida, é o alimento dos que querem progredir. Por isso, se vocês não se nutrirem dela, certamente sentirão faltar-lhes as forças. (3.10.01).

Os corações volúveis desagradam muito a Deus, porque foram gerados e nasceram da infidelidade. (3.18.10).

A falta de firmeza é resultado da mediocridade, mas também a provoca. (1.02.07).

As suas ações e as suas orações não valem nada... Porque você só faz a sua vontade. (Is 58,3), (2.01.33).

Cultivem o verdadeiro Amor e o desejo da total e completa perfeição. (3.12.44).

É impossível chegar ao máximo da perfeição, porque estão carregados com muitos pesos. (3.12.29).

A verdadeira devoção outra coisa não é senão a pronta vontade para fazer as coisas de Deus. (3.12.40).

A mente pode ser comparada a uma roda d'água que não pára de girar: se você colocar trigo nela, ela mói, se colocar joio ou outro grão ruim, ela mói também. (2.02.18).

Evitem a distração e a curiosidade, pois vocês sabem que o demônio costuma vencer os que se distraem. (3.07.02).

Querem aprender a orar? Freiem a língua para evitarem falar o supérfluo ou até o necessário e, assim, vocês começarão a falar com Deus aquilo que diriam a um dos seus amigos. (Carta 3), (3.10.08).

Permaneça na oração e não se afaste dela nem deliberadamente, porque, mesmo que tardiamente, você receberá o que deseja. (3.10.09).

Rezem, pelo amor que têm a Deus, pelos mortos e pelos que sofrem necessidades. (3.01.05).

Na meditação, na oração, nos pensamentos, esforce-se para conhecer os seus principais defeitos e, acima de todos, aquele defeito que, como comandante geral, chefia os outros que existem em você. (1.03.13).

Mas, alguém de vocês pode dizer: “Não sinto prazer quando começo minha oração mental”. Eu respondo: Esforce-se por criar, na sua mente, pensamentos de compunção, como por exemplo, da Morte ou da Paixão de Cristo, das Dores de Nossa Senhora e sentimentos semelhantes. (3.10.09).

O demônio costuma emporcalhar as orações sonolentas, tal como fazem as moscas com a comida fria, razão pela qual tais orações cheiram mal diante de Deus. (3.12.15).

Experimente dialogar familiarmente com o Cristo Crucificado, e converse com Ele sobre suas coisas e também Lhe peça conselhos. (1.03.06).

Cuidem para se manterem sempre na presença de Deus fazendo qualquer outra coisa, procurando limpar qualquer mancha de suas mentes. (3.12.16).

Não se confessem por costume, repetitivamente. (3.12.19).

Quer evitar os pecados graves? Fuja dos leves. Quer até fugir dos pecados leves? Deixe de lado até as coisas lícitas e permitidas. (2.06.21).

Oferece a Deus o sacrifício maior de todos: a Santíssima Eucaristia. Não é de se admirar que o homem tenha fracassado e se tenha tornado medíocre: é que deixou de participar desse Sacramento. (2.03.25).

A religião (vida religiosa) é uma cruz contínua e, pouco a pouco, “por tua causa somos condenados à morte todos os dias” (Sl 43,22). (2.01.35).

Não adianta nada ficar falando “somos religiosos, somos religiosos!” Você não é nem mesmo um bom cristão! (2.01.32).

Você será combatido pelos tibios com quem você mora. Esta batalha será a mais dura entre todas as outras. (3.18.25).

Pela virtude da discrição, não seja nem por demais precipitado, nem demorado em decidir. (3.18.05).

Você conhece apenas leis punitivas? Com essas, o homem não melhora, nem muda totalmente os costumes, porque, por dentro, fica aquilo que era e sempre estaria pronto para fazer o mal, quando a punição cessar. (3.18.20).

É próprio da pobreza ter pouco e é próprio da natureza contentar-se com poucas e pequenas coisas. (3.04.03).

Amem a pobreza de tal forma que desejem que lhes fáltem até as coisas mais necessárias, sabendo que, sob o pretexto da necessidade, os braços do supérfluo, muitas vezes, aumentam demais. (3.12.11).

Meu desejo foi sempre o de vê-lo progredir sem parar. E, se por acaso, ficar claro que você não está seguindo as minhas orientações, isso teria sido, para mim, como uma facada no coração. (1.10.02).

Pelo amor de Deus, que as palavras lisonjeiras não os amoleçam e os elogios não lhes subam à cabeça. (1.07.10).

Sem o amor de Deus nada se faz. Porque, todas as coisas dependem desse amor. (2.04.16).

Para amar a Deus, só amando o próximo. (2.04.36).

Ah pais! Vocês são causa de tantos males para seus filhos! (2.04.26).

Se você é infiel nas mínimas coisas, por acaso vai conseguir ser fiel nas grandes? (2.03.10).

Bibliografia

Giovanni Antonio GABUZIO, *Historia Congregationis Clericorum Regularium Sancti Paulli*, Roma 1852.

Alessandro M. TEPPA *Vita di S. Antonio Maria Zaccaria*, Milão 1858; 1897 (VI ed.).

Francesco Tranquillino MOLTEDO, *Vita di S. Antonio Maria Zaccaria*, Roma 1897.

Orazio PREMOLI, *Storia dei Barnabiti nel Cinquecento*, Roma 1913.

Guido CHASTEL, *S. Antonio Maria Zaccaria*, Bréscia 1933.

Deti notabili di um Santo del Cinquecento, Florença 1936. Revisado por G. LEONARDI: *Padre ZACCARIA, Con le mani e con li piedi*, Milão 2000.

Giuseppe M. CAGNI, *Concordanze degli scritti di S. Antonio M. Zaccaria*, Perugia 1960.

Antonio M. GENTILI, *I Barnabiti. Manuale di storia e spiritualità dell'ordine dei Chierici Regolari di san Paolo Decollato*, Roma 1967.

AA. VV., *Contributi allo studio della spiritualità di S. Antonio M. Zaccaria*, Florença 1972.

S. Antonio M. Zaccaria, *Gli Scritti (Lettere, Sermoni, Costituizioni, Sentenze spirituali)*, Roma 1975.

Massimo PETROCCHI, *Storia della spiritualità italiana, II*, Roma 1978, pp. 61-109 (“Dottrine e orientamenti spirituali della scuola lombarda del Cinquecento”). Nuova ed. Turim 1996, pp. 107-132.

ANGÉLICA ANÔNIMA (Ângela SFONDRATI), *Memorie*, Florença 1979.

Antonio M. GENTILI, S. Antonio M. Zaccaria. *Appunti per una lettura spirituale degli scritti*, “Quaderni di vita barnabítica”, 4; 6, Roma 1980; 1983.

AA. VV., S. Antonio M. Zaccaria nel 450.º della morte, “Quaderni di vita barnabítica”, 8, Roma 1989.

Giuseppe Bassotti, S. Antonio M. Zaccaria e Cremona, Cremona 1989.

Andrea SPINELLI, *Verso la perfezione insieme. Attualità di un'esperienza: i “Maritati di san Paolo”*, Milão 1989.

Alfredo CATTABIANI, Antonio M. Zaccaria, em *Santi d'Italia*, Milão 1993, pp. 115-118.

Antonio M. GENTILI-Giovanni M. SCALESE, *Prontuario per lo spirito. Insegnamenti ascetico-mistici di sant'Antonio M. Zaccaria*, Milão 1994.

AA. VV., Número especial pela ocasião do primeiro centenário da canonização de S. Antonio M. Zaccaria (1897-1997), “Barnabiti studi” 14/1997.

AA. VV., “Eredi e legittimi figlioli”. “Quaderni di vita barnabítica”, 10, Roma 1997.

AA. VV., *Esercizi zaccariani 1997. Incontri spirituali sulla Vita e sui Sermoni di sant'Antonio M. Zaccaria*, “Quaderni di vita barnabítica”, 11, Roma 1998.

Elena BONORA, *I conflitti della Controriforma. Santità e Obbedienza nell'esperienza religiosa dei primi barnabiti*, Florença 1998.

Antonio GENTILI, Antonio Maria Zaccaria, in *Il grande libro dei santi*, Cinisello Balsamo 1998, I, pp. 196-198.

Veja também os perfis do santo em: *Dizionario biografico degli italiani*, III, 586-590 (Paolo PRODI); *Bibliotheca sanctorum*, II, 216-220 (Giuseppe M. CAGNI); *Dizionario degli istituti di perfezione*, I, 710-713 (Andrea M. ERBA).

Referências

- 1 G. Bassotti, *Santo Antonio Maria Zaccaria e Cremona*, Cremona 1989, p. 18. Dados essenciais sobre a vida do Santo, em “Barnabiti studi”, 14/1997, fascículo monográfico publicado pelo centenário da canonização. Sobre os lugares de Cremona ligados ao Zaccaria, cf. A. Trabucchi, *Le tracce cremonesi di Antonio Maria Zaccaria*, em “La Vita cattolica”, 31 de agosto 2001, pp. 32-33.
- 2 A. GENTILI, *Era tutto spiritu*, em “Quaderni di vita barnabítica”, 8, p. 179. Para ter uma primeira ideia do pensamento do Santo, cf. A. Gentili-G. Scalese, *Prontuario per lo spirito. Insegnamenti ascetico-mistici di Sant'Antonio Maria Zaccaria*, Milão 1994.
- 3 G. GIGLI, *Santo Antonio Maria Zaccaria medico*, em “Contributi allo studio della spiritualità di Santo Antonio Maria Zaccaria”, Florença 1972, pp. 22 ss.
- 4 G.A. GABUZIO, *Historia Congregationis Clericorum Regularium S. Pauli*, Roma 1852, p. 74. Cf. D. FRIGERIO, *Il “ritratto” del S. Fondatore*, em “Quaderni di vita barnabítica”, 8, pp. 41 ss.
- 5 G. MORETTI, *I Santi dalla loro scrittura*, Milão, 1997, pp. 63-65.
- 6 Cf. A. M. ZACCARIA, *Gli Scritti*, Roma 1975, pp. 110-114 (2.01.20-27); 117-121 (2.01.30-37).
- 7 *Ibid.*, p. 129 (2.02.14).
- 8 *Ibid.*, p. 196 (2.06.13).
- 9 *Ibid.*, p. 183 (2.05.15).
- 10 *Ibid.*, p. 117 (2.01.31).
- 11 G. CAGNI, *L'uomo Zaccaria*, em “Quaderni di vita barnabítica”, 8, Roma, 1989, pp. 55-56.
- 12 *Scritti*, p. 239 (3.08.02-03).
- 13 Cit. De M. MAECOCCHI, *Fermenti di riforma nella Chiesa della prima metà del Cinquecento*, em “Quaderni di vita barnabítica”, n. 8, p. 20.
- 14 F.T. MOLTEDO, *Vita di Santo Antonio Maria Zaccaria*, Roma 1897, p. 82.
- 15 *Scritti*, p. 203 (2.06.23). A análise dos caracteres intrínsecos dos Sermões nos faz fixar a data em que foram escritos depois da ordenação sacerdotal (1529-1530).
- 16 T. MOLTEDO, *Op. Cit.*, p. 110.
- 17 *Ibid.*, p. 125.
- 18 *Scritti*, p. 193 (2.06.08).
- 19 *Ibid.*, pp. 168-169 (2.04.26).
- 20 *Ibid.*, p. 130 (2.02.15).
- 21 *Ibid.*, p. 257 (3.12.17).
- 22 *Ibid.*, p. 164 (2.04.22).
- 23 *Ibid.*, pp. 159 (2.04.14).
- 24 *Ibid.*, pp. 113-114 (2.01.27).
- 25 *Ibid.*, p. 125 (2.02.05).
- 26 *Ibid.*, pp. 148-149 (2.03.35).
- 27 *Ibid.*, p. 192 (2.06.05).
- 28 *Ibid.*, p. 135 (2.02.26).
- 29 *Ibid.*, pp. 166-167 (2.04.24).
- 30 *Ibid.*, pp. 35-36 (1.02.16).
- 31 A. MAIO, *Storia della Chiesa ambrosiana*, vol. II, Milão 1983, p. 146.
- 32 O. PREMOLI, *Storia Del Barnabiti nel cinquecento*, Roma 1913, p. 410, nota 2.
- 33 Sobre a figura de Panigarola ter feito importantes investigações. E. BONORA, *I conflitti della Contrariforma. Santità e obbedienza dell'esperienza religiosa dei primi barnabiti*, Florença 1998.
- 34 *Scritti*, p. 65 (1.07.11).
- 35 T. MOLTEDO, *Op. Cit.*, p. 168. Cf. D. FRIGERIO, *Ferrari e Morigia: i primi compagni dal Santo Fondatore*, em “Barnabiti Studi”, 11/1997, pp. 311 ss.
- 36 *Scritti*, pp. 37-45 (1.03.01-16).
- 37 B. SORESINA, *Attestazioni fatte circa la vita e morte del rev. padre don Antonio Maria Zacharia*, em “Barnabiti studi”, 11/1994, p. 66.
- 38 *Ver Cap. XI e a nota 9.*
- 39 A. M. GENTILI, S. Antonio Maria Zaccaria. *Appunti per una lettura spirituale degli scritti*,

- parte II, em “Quaderni di vita barnabítica”, 6, Roma 1983, p. 80.
- 40 O. PREMOLI, Op. cit., pp. 17-22.
- 41 B. SORESINA, Op. cit., p. 69.
- 42 T. MOLTEDO, Op. cit., pp. 292-293.
- 43 A. M. GENTILI, I Barnabiti, Roma 1967, p. 107.
- 44 T. MOLTEDO, Op. cit., p. 293.
- 45 A. ERBA, I nuovi istituti religiosi e la nascita dei “Tre Collegi”, em “Quaderni di vita barnabítica”, 8, Roma 1989, p. 40.
- 46 Atribui-se a Antonio Maria, devido à censura imposta sobre os escritos de Frei Batista, a primeira edição de 1583 aos cuidados de Paulo Folperto, com o título: Detti notabili. Recentemente foi impressa uma nova edição aos cuidados de Marco Vannini para Oscar Mondatori: Padre Zaccaria, Con le mani e con li piedi, Milão, 2000.
- 47 Scritti, pp. 288-296 (3.18.01-25).
- 48 É uma antiga heresia, da qual também foi acusado Frei Batista de Crema, que não nega a necessidade da graça para a salvação, mas sustenta que ao menos o início de um caminho de fé é exclusivamente do homem.
- 49 B. SORESINA, Op. cit., p. 71.
- 50 Scritti, pp. 205-210 (2.07.01-17).
- 51 B. SORESINA, Op. cit., p. 72
- 52 Ibid.
- 53 A. ERBA, L’angelica Paola Antonia Negri di Castellanza, Castellanza 1984, p. 23.
- 54 São as letras maiúsculas iniciais e finais do nome “Jesus Cristo” em grego, com a + que significa “crucificado”.
- 55 Scritti, pp. 49-53 (1.05.01-10).
- 56 G. CAGNI, In missione col S. Fondatore, in “Quaderni di vita barnabítica”, 8, Roma 1989, pp. 122-123.
- 57 T. MOLTEDO, Op. cit., 421.
- 58 Ibid., p. 422.
- 59 B. SORESINA, Attestazioni, Op. cit., p. 64.
- 60 cit. por MOLTEDO, Op. cit., p. 443.
- 61 Scritti, p. 55 (1.06.03).
- 62 Ibid., p. 291 (3.18.13).
- 63 Scritti, pp. 250-251 (3.11.02-06).
- 64 Ibid., p. 252 (3.11.11).
- 65 Ibid., p. 256 (3.12.10-11).
- 66 Ibid., p. 271 (3.14.01-02).
- 67 Ibid., pp. 283-285 (3.17.08-13).
- 68 Ibid., pp. 285-287 (3.17.14-15).
- 69 Sobre a igreja dos Santos Apóstolos Paulo e

- Barnabé, cf. (V. MARTINONI), Santuario di S. Antonio Maria Zaccaria, (Milão 2001).
- 70 Scritti, pp. 54-55 (1.06.01.04).
- 71 Ibid., p. 63 (1.07.06.07).
- 72 S. DE RUGGIERO, Gli scritti di S. Antonio Maria Zaccaria. Lettera VII, em “Eco dei barnabiti”, Roma, maio 1939, p. 136.
- 73 Scritti, p. 66 (1.07.12).
- 74 Scritti, pp. 69-70 (1.09.04); 73-74 (1.09.12-15).
- 75 Ibid., pp. 75-79 (1.10.02-18).
- 76 Ibid., p. 129 (2.02.14). A afirmação do Santo sobre o talento mais precioso se encontra citada na exortação apostólica sobre a vida religiosa de João Paulo II. Cf. Vita consecrata, 25 de março de 1996, n. 55.
- 77 Scritti, pp. 80-85 (1.11.01-12)
- 78 O. PREMOLI, Op. cit., pp. 475-477.
- 79 Cit. De M. PALUMBO, S. Antonio Maria Zaccaria e le angeliche, em “Quaderni di vita barnabítica”, 8, Roma 1989, p. 148.
- 80 Angélica ANÔNIMA, Memorie, Florença 1979, pp. 17-18.
- 81 Trata-se de seis códigos que contém os resumos dos capítulos que os paulinos tiveram entre 1544 e 1578, ou seja, até terem as constituições definitivas e promulgadas em 1579 sob o patrocínio de São Carlos Borromeu.
- 82 B. CARIONI DE CREMA, Della cognitione et vittoria di se stesso, Milão 1531, p. 148r.
- 83 P. A. NEGRI, Lettere spirituali, Roma 1576, pp. 14 e 401.
- 84 Scritti, p. 73 (1.09.13).
- 85 P. A. NEGRI, Lettere spirituali, Op. cit., p. 229.
- 86 Atti capitolari, S II, 4r-5v, cit. por A. GENTILI, S. Antonio Maria Zaccaria. Appunti per una lettura spirituale degli scritti, em “Quaderni di vita barnabítica”, 4, Roma 1980, parte I, pp. 29-30.
- 87 Um: não é um numeral, se refere a uma pessoa íntegra.
- 88 P. A. NEGRI, Lettere spirituali, Op. cit., p. 463.
- 89 Ibid., p. 548.
- 90 P. A. Negri a Ângelo Michiel, 11 de agosto de 1544 (carta inédita).
- 91 Ibid., 21 de agosto de 1544 (carta inédita).
- 92 A. SPINELLI, Verso la perfezione insieme. Attualità di un’esperienza; i “Maritati di San Paolo”, Milão 1989, pp 96 ss.
- 93 P. A. NEGRI, Lettere spirituali, Op. cit., p. 372.
- 94 Ibid., p. 375.

- 95 G. CAGNI, Alcuni orientamenti spirituali del Cinquecento barnabítico, em “Quaderni di vita barnabítica”, n. 3, Roma 1979, pp. 79-80.
- 96 P. A. NEGRI, Lettere spirituali, Op. cit., p. 546.
- 97 P. A. SFONDRATI, Origine e Progressi del monastero delle angeliche di S. Paolo di Milano, Manuscrito no Arquivo de São Barnabé (Milão), pp. 107-108.
- 98 G. CAGNI, Alcuni orientamenti, Op. cit., p. 90.
- 99 O. PREMOLI, Op. cit., p. 515, nota 3.
- 100 A. ERBA, L’angelica Paula Antonia Negri di Castellanza, Op. Cit., p. 20.
- 101 Atti Capitolari, S III, 17v.
- 102 G. CAGNI, Negri ou Besozzi? em “Barnabiti Studi”, 6/1989, p. 217.
- 103 Atti capitolari, S IV bis, 6r.
- 104 P. A. NEGRI, Lettere spirituali. Antologia revisada por A. ERBA e A. GENTILI, Roma 1985

- (por manuscrito), p. 56.
- 105 ANGÉLICA ANÔNIMA, Memorie, Op. cit., pp. 23-25.
- 106 A. SFONDRATI, Origine e progressi, Op. cit., pp. 130-131.
- 107 A. GENTILI, I Barnabiti, Op. cit., p. 201.
- 108 V. MESSORI, Religiosi Task Force, em “Jesus”, fevereiro 2001, pp. 70-71.
- 109 A. M. TEPPA, Vita di S. Antonio Maria Zaccaria, Milão 1987, pp. 238-239.
- 110 S. PAGANO, I processi di beatificazione e canonizzazione di Sant’Antonio Maria Zaccaria, em “Barnabiti studi”, 14/1997, pp. 125-137.
- 111 “La Civiltà Cattolica”, 23 de maio a 05 de junho de 1897, caderno 1126, pp. 727-731.
- 112 Ibid., p. 731.
- 113 G. SPADOLINI, L’Opposizione cattolica, Florença 1954, pp. 426; 434-435.